

LUÍS GUSTAVO DE SOUZA PENA

**O ESPORTE PARALÍMPICO NA FORMAÇÃO DO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES E ACADÊMICOS**

***THE PARALYMPIC SPORT IN PHYSICAL EDUCATION
PROFESSIONAL FORMING: PERCEPTIONS OF TEACHERS
AND STUDENTS***

Campinas, 2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LUÍS GUSTAVO DE SOUZA PENA

O ESPORTE PARALÍMPICO NA FORMAÇÃO DO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÃO
DE PROFESSORES E ACADÊMICOS

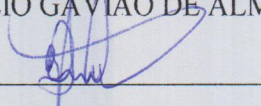
Orientador: José Júlio Gavião de Almeida

*THE PARALYMPIC SPORT IN PHYSICAL EDUCATION
PROFESSIONAL FORMING: PERCEPTIONS OF
TEACHERS AND STUDENTS*

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física para obtenção do título de Mestre em Educação Física, área de concentração Atividade Física Adaptada.

Dissertation presented to the PostGraduation Programme of the School of Physical Education of state University of Campinas to obtain the Master's degree in Physical Education, Concentration área: Adapted Physical Activity.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO LUÍS GUSTAVO DE SOUZA PENA, E ORIENTADO PELO PROF. DR. JOSÉ JÚLIO GAVIÃO DE ALMEIDA


Assinatura do Orientador

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
 DULCE INÊS LEOCÁDIO DOS SANTOS AUGUSTO – CRB8/4991 - BIBLIOTECA “PROF. ASDRUBAL
 FERREIRA BATISTA”
 FEF - UNICAMP

P37e	<p>Pena, Luis Gustavo de Souza, 1988-</p> <p>O esporte paraolímpico na formação do profissional de Educação Física: percepção de professores e acadêmicos / Luis Gustavo de Souza Pena. --Campinas, SP: [s.n], 2013.</p> <p>Orientador: José Júlio Gavião de Almeida. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.</p> <p>1. Esportes paraolímpicos. 2. Formação profissional. 3. Educação Física. I. Almeida, José Júlio Gavião de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.</p>
------	--

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: The paralympic sports in Physical Education professional forming: perceptions of teachers and students.

Variação acadêmica:

Palavras-chave em inglês:

Paralympic sports

Evaluation

Professional formation

Physical Education

Área de Concentração: Atividade Física Adaptada

Titulação: Mestre em Educação Física.

Banca Examinadora:

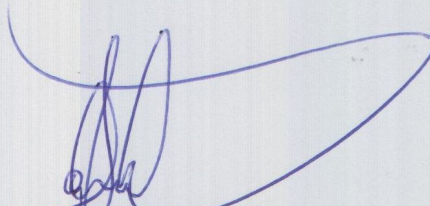
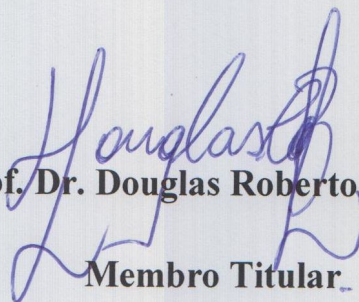
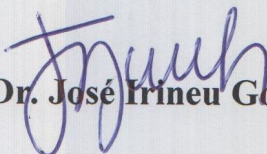
José Júlio Gavião de Almeida [Orientador]

Douglas Roberto Borella

José Irineu Gorla

Data da defesa: 30-01-2013

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA**Prof. Dr. José Julio Gavião de Almeida****Orientador****Prof. Dr. Douglas Roberto Borella****Membro Titular****Prof. Dr. José Irineu Gorla****Membro Titular**

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos aqueles que estiveram comigo, torceram e acreditaram em mim até o fim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, pelo dom da vida e a oportunidade do aprendizado e crescimento diário. Agradeço aos meus pais Edson e Bernadete pela formação e suporte dado durante todos esses anos, que me trouxeram até aqui. Agradeço a meus irmãos Diego e Janaína por toda a torcida, ensinamentos e presença em momentos importantes da minha trajetória. Agradeço a minha tia Rita e ao Márcio por colaborarem no meu crescimento e por sempre terem algo positivo a ensinar. Agradeço à minha namorada Letícia, por ser minha companheira, amiga, confidente e por me apoiar e incentivar em todos os momentos. Te amo muito!

Agradeço ao meu orientador, prof. Gavião, por ter acreditado em mim, quando tudo indicava o contrário, por todo o crescimento acadêmico e por me mostrar que o capricho com os detalhes, faz toda a diferença no trabalho.

Agradeço aos companheiros da FEF 06D (Félis e Marreco), por sobrevivermos juntos até aqui e pela parceria de tantos anos, aos amigos do LAMA (Luizinho, Anselmo, Léo, Andreia), por dividirem a maior parte do tempo comigo e pela convivência nesses anos. Agradeço às comissões técnicas do rugby (Fox, Mauro, Buiú, Sheila, Vivian) e aos atletas por colaborarem em um aprendizado que não está escrito em nenhum livro.

Agradeço aos profs. Gorla e Edison, por todas as contribuições acadêmicas e por ensinar que trabalho em grupo, parceria e lealdade são pilares insdispensáveis em qualquer área de atuação.

Agradeço ao prof. Douglas Borella por suas contribuições para a realização e melhora na qualidade do trabalho e por aceitar fazer parte da banca examinadora.

Agradeço a todos os docentes e acadêmicos que participaram dessa pesquisa. Sem vocês, nada disso teria acontecido.

Muito obrigado a todos!!!

PENA, Luís Gustavo de Souza. O Esporte Paralímpico na formação do profissional de Educação Física: percepção de professores e acadêmicos. 2013. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

RESUMO

O Esporte Paralímpico passa por um grande crescimento, sendo a formação de recursos humanos parte importante nesse processo. Profissionais de Educação Física devem cada vez mais tomar contato com esse conteúdo durante seu processo de formação inicial, de modo a qualificar sua prática profissional. Faz-se necessário oferecer oportunidades para os alunos vivenciarem as modalidades paralímpicas, estimulando a reflexão sobre a futura atuação profissional. O objetivo do trabalho é investigar a percepção de docentes e acadêmicos do curso de Educação Física, nas modalidades licenciatura e bacharelado, acerca do Esporte Paralímpico enquanto vivência prática e formação profissional. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 6 professores de disciplinas que abordem o Esporte Paralímpico como um de seus conteúdos e com 10 alunos de graduação e pós-graduação que participaram do projeto de extensão em 5 modalidades paradesportivas e aplicado um questionário em 54 alunos de graduação que participaram de um torneio universitário. Acadêmicos e docentes acreditam que o Esporte Paralímpico é um conteúdo importante a ser trabalhado na Educação Física e a vivência prática é parte fundamental no processo de aprendizagem. Além disso, consideram os espaços extracurriculares como ferramentas importantes de aprendizado, possibilitando o aprofundamento do conteúdo discutido em sala de aula. Espera-se que mais pesquisas possam ser realizadas de modo a relacionar a prática docente com o plano de aulas e as ementas das disciplinas, observar as aulas, buscar outras alternativas extracurriculares, de modo a aprofundar as reflexões sobre a abordagem do Esporte Paralímpico na formação do profissional de educação Física.

Palavras chave: Esporte Paralímpico; Avaliação; Formação Profissional, Educação Física.

PENA, Luís Gustavo de Souza. The Paralympic Sport in Physical Education Professional Forming: Perceptions of Teachers and Students. 2012. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ABSTRACT

The Paralympic Sport is going through a great development and the professional forming process plays a important role. Physical Education professionals should increase their contact with this subject throughout the forming process and qualify their practice. It is necessary provide opportunities to students experience paralympic sports and spread reflections about the future practice. The aim of this research is investigate the perceptions of Physical Education teachers and students about the Paralympic Sport in Physical Education courses. Were conducted semi-structured interviews with six teachers that work with Paralympic Sport in their disciplines and 10 graduation and post-graduation students participants of a 5 sports-extension project and applied a questionnaire on 54 graduation students who participated a university tournament. Students and teachers believe that Paralympic Sport a important contend to be discussed in Physical Education and the practical experience plays a fundamental role in this process. Besides, they consider extracurricular spaces as useful learning tool, that deeps the knowledge debated during the class time. It is expected that more investigations can be conducted relating the teachers practices to the class plan and the disciplines menus, watching the classes, seeking other extracurricular alternatives, and deep the refectons about the Paralympic Sport in Physical Education courses.

Key-words: Paralympic Sport; Evaluation; Professional Formation; Physical Education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Conhecimento Prévio dos alunos em relação ao Esporte Paralímpico .	52
Tabela 2 – Importância da Vivência Prática do Esporte Paralímpico nos cursos de Educação Física	52
Tabela 3 – Importância do Esporte Paralímpico nos Cursos de Educação Física .	53
Tabela 4 – Lacunas na formação para o trabalho com o Esporte Paralímpico	54
Tabela 5 – Aprofundamento e Atuação no Esporte Paralímpico	55
Tabela 6 – Ambientes de prática do Esporte Paralímpico	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modalidades Paralímpicas	29
Quadro 2 – Caracterização da Amostra.....	39
Quadro 3 – Caracterização da Amostra.....	50
Quadro 4 – Disciplinas relacionadas ao Esporte Paralímpico	51
Quadro 5 – Opinião dos Acadêmicos sobre o Torneio Universitário Paralímpico	57
Quadro 6 – Caracterização da Amostra.....	65
Quadro 7 – Especificidades das modalidades	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
O Esporte Paralímpico na Licenciatura	26
O Esporte Paralímpico no Bacharelado	28
OBJETIVOS	32
Objetivo Geral.....	32
Objetivos Específicos	32
PLANO DE REDAÇÃO	33
METODOLOGIA.....	34
CAPÍTULO/ARTIGO I – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FRENTE AO CONTEÚDO ESPORTE PARALÍMPICO	37
Introdução	37
Metodologia	38
Resultados e Discussão	40
Considerações Finais	44
ARTIGO II - ESPORTE PARALÍMPICO: ABORDAGENS E ALTERNATIVAS EXTRACURRICULARES.....	47
Introdução	47
Metodologia	49
Resultados e Discussão	51
Considerações Finais	59
ARTIGO III - A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA AUXILIANDO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O CASO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	61
Introdução	61
Metodologia	64

Resultados e Discussão	66
Considerações Finais	71
ENCERRAMENTO	73
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS	85
Anexo I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (DOCENTES) .	87
Anexo II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ACADÊMICOS)	89
Anexo III – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PROJETO DE EXTENSÃO)	91
ANEXO IV – QUESTIONÁRIO	93
APÊNDICES	95
Apêndice 1 – Entrevista com professor A	97
Apêndice 3- Entrevista com professor C	119
Apêndice 4- Entrevista com professor D	127
Apêndice 5- Entrevista com professor E	137
Apêndice 6- Entrevista com professor F	147
Apêndice 7 – Entrevista com aluno A	153
Apêndice 8 – Entrevista com aluno B	157
Apêndice 9- Entrevista com aluno C	161
Apêndice 10 – Entrevista com aluno D	165
Apêndice 11- Entrevista com aluno E	169
Apêndice 12- Entrevista com aluno F	173
Apêndice 13- Entrevista com aluno G	177
Apêndice 14- Entrevista com aluno H	181
Apêndice 15- Entrevista com aluno I	185

Apêndice 16- Entrevista com aluno J..... 191

INTRODUÇÃO

O Esporte é uma importante área de conhecimento da Educação Física. De acordo com a Lei 8672/93, criada pelo artigo 217 da Constituição Federal e regulamentada pelo Decreto 981, o esporte pode ser compreendido como educativo, de rendimento e de participação, caracterizando um fenômeno complexo. Dessa forma, pode ser praticado em diversos ambientes, seja em escolas, clubes e associações esportivas, por diversos personagens.

Independente do ambiente de prática, formal ou não-formal¹, o esporte deve sempre estar vinculado a propósitos educativos (PAES, 2001). A partir de sua prática estão embutidos diversos valores importantes na formação do ser humano, como cooperação, respeito às regras, autonomia na tomada de decisão. Uma cultura esportiva pode ser positiva para, não somente formar atletas, mas cidadãos conscientes.

Segundo Bento (2004), o Esporte, como conteúdo da Educação Física, trata do corpo, do homem como um todo. Seu papel é promover educação e cidadania através da prática esportiva. O esporte deve ser entendido como um fenômeno aberto e complexo, plural, com diversos significados (BENTO, 2004; SANTANA, 2005; BENTO, 2006; PAES, 2006).

A partir dessa pluralidade, deve ser alvo de constantes investigações científicas, através da “elevação e renovação da sensibilidade e qualidade.”(p.61), pois está sempre sob influência das transformações sociais. Portanto, é papel da universidade abordar o esporte a partir de sua realidade e promover uma renovação de conhecimento. Na formação profissional, deve haver um entendimento e vivências do esporte à altura das exigências culturais (BENTO, 2004).

¹ Ambiente formal: escolas; Ambiente não-formal: escolinhas, academias, clubes e associações

Uma vez que os significados e manifestações esportivas são variados, nesse contexto está inserido o esporte para pessoas com deficiência (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007). Devido a um grande desenvolvimento da medicina e dos processos de reabilitação, atualmente pessoas que adquirem ou nascem com alguma deficiência, possuem oportunidades de levarem um estilo de vida mais ativo. É cada vez maior a participação de pessoas com deficiência em diversos ambientes como escolas, mercado de trabalho e de práticas corporais.

Dessa forma, a prática esportiva pode ser uma forma interessante de inclusão social da pessoa com deficiência. Para Mauerberg-deCastro (2005) a:

“...modificação da sociedade é imperativa para proporcionar o desenvolvimento total do aluno deficiente para que suas necessidades físicas, psíquicas e sociais nos ambientes social, laboral e do lazer sejam atendidas.” (p.410)

A palavra Esporte, segundo Bento (2000), é uma palavra polissêmica, possuindo inúmeros significados e possibilidades. Sendo assim, a inserção da pessoa com deficiência, quer seja congênita ou adquirida, inclui a prática esportiva visando diversos fatores como preparação física, reabilitação, inclusão, como também o desenvolvimento de funções cognitivas e de recursos psicológicos.

Ao abordar o Esporte para pessoas com deficiência, surge o esporte adaptado, entendido como uma atividade, que sofreu modificações de acordo com as características específicas dos seus participantes para que a prática pudesse ser realizada com sucesso (WINNICK, 2004). O conceito de esporte adaptado é abrangente, podendo ser utilizado em práticas que sejam adaptadas para pessoas sem deficiência.

Existem várias possibilidades de práticas esportivas envolvendo pessoas com deficiência, como modalidades coletivas, individuais e de inverno. Dentre as práticas esportivas para pessoas com deficiência, a com maior desenvolvimento e visibilidade é o Esporte Paralímpico. Devido ao seu grande profissionalismo, surge como uma importante ferramenta de inclusão (HOWE, 2004).

O Esporte Paralímpico surgiu como forma de reabilitação para os soldados lesionados durante a Segunda Guerra Mundial. Sua prática foi iniciada no Centro de Lesados Medulares do Hospital de Stoke Mandeville, através da iniciativa do dr. Ludwig Guttman. Desde então, essa prática foi tomando proporções internacionais com a criação dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville e a conseqüente disputa da primeira Paralimpíada, em 1960 na cidade de Roma (até 2011 chamada Paraolimpíada²) (BRITAIN, 2010).

A partir da década de 1980, o objetivo das Paralimpíadas passa da participação para a competição. Eventos com foco maior na exibição nos Jogos de Verão de Los Angeles e Inverno de Sarajevo (1984), facilitou mudança de atitude em relação á pessoa com deficiência – elas poderiam atingir alta performance (HOWE, 2008).

Devido a aproximação com o movimento olímpico, houve um grande desenvolvimento do Esporte Paralímpico, culminando na realização dos Paralimpíadas no mesmo lugar das Olimpíadas, utilizando-se da mesma estrutura, equipamentos e comitês organizadores (HOWE, 2008; MARQUES et al., 2009).

Segundo Brittain (2010), o esporte aparece como meio de reintegração social, para mostrar a potencialidade do atleta com deficiência, onde o objetivo é a manutenção da identidade cultural desse segmento, aliado ao reconhecimento esportivo. De acordo com o mesmo autor, após a criação do Comitê Paralímpico Internacional (IPC), houve uma preocupação em desenvolver o Esporte Paralímpico, a partir de melhorias na tecnologia, processos de classificação funcional, capacitação de técnicos e árbitros. Além disso, buscou-se maior investimento de patrocinadores e ações de marketing, através de um aumento na cobertura da mídia. Dessa forma uma das preocupações do IPC é mostrar a potencialidade da pessoa com deficiência, como atletas de alto nível.

² Devido a uma orientação do Comitê Paralímpico Internacional, de modo a padronizar a nomenclatura, mudou-se de Paraolímpico para Paralímpico

No Brasil, a prática esportiva para pessoas com deficiência iniciou-se no final da década de 1950, com a criação do Clube dos Paraplégicos de São Paulo e do Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro. No mesmo período, com o início da disputa de campeonatos internacionais, como o I Campeonato Mundial de Basquetebol em Cadeira de Rodas, o fomento dessa prática foi favorecido até a primeira participação brasileira em Jogos Paralímpicos, na edição de 1976, em Heideberg (ARAÚJO, 1998).

A partir da instituição do ano de 1981 como Ano Internacional da Pessoa com Deficiência, pela ONU, houve uma grande movimentação governamental de modo a aumentar a qualidade e quantidade de oportunidades de prática esportiva a pessoas com deficiência. O esporte para pessoas com deficiência começou a ser alvo de pesquisas acadêmicas, tendo como um dos principais eventos nessa linha o Congresso de Esporte para Todos (ARAÚJO, 1998; ARAÚJO, 2011).

No campo esportivo, foram realizadas competições em eventos do Esporte para Todos, criação das entidades diretivas do desporto adaptado especificadas por categorias e, no ano de 1995, atendendo a uma exigência do IPC, foi criado o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) (ARAÚJO, 1998; ARAÚJO, 2011).

Desde então, o desenvolvimento do Esporte Paralímpico, no Brasil, se deu de forma exponencial, com melhora no quadro de medalhas dos Jogos, além de conquistas de campeonatos mundiais em diversas modalidades. Atualmente, o CPB conta com financiamento através do repasse das Loterias, através da Lei Agnelo/Piva, de 2001, além de patrocinadores. Para os atletas, incentivos financeiros influenciam nas oportunidades de participação e permanência no esporte (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

Um fator importante no desenvolvimento do Esporte Paralímpico deve-se a participação das universidades nesse processo, com a realização das avaliações das seleções permanentes (natação e atletismo), durante a preparação para as Paralimpíadas de 2000, 2004 e 2008, assim como a participação das universidades em federações esportivas voltadas às pessoas com deficiência, através de vínculos oficiais como convênios entre as partes (Unicamp – ABDC em 1994). Em 2010, o CPB criou a Academia Paralímpica

Brasileira, com o intuito de aumentar as pesquisas no Esporte Paralímpico, melhorar a formação de recursos humanos, além de aproximar a ciência das equipes.

Durante o processo de institucionalização do Esporte envolvendo pessoas com deficiência no Brasil, na década de 1990, a partir do parecer CNE 3/87, os cursos de Educação Física passam a adicionar em seus currículos uma disciplina que abordasse atividade física para pessoas com deficiência (RIBEIRO, ARAÚJO, 2004). Esse fato possibilitou que o Esporte Paralímpico pudesse ser abordado na universidade.

Segundo De Pauw e Gravon (1995), a formação de recursos humanos para trabalhar com Esporte Paralímpico é uma importante área de pesquisa, pois a prática esportiva por pessoas com deficiência passa por um grande desenvolvimento e profissionalização. Sendo o profissional de Educação Física atuante diretamente nesse segmento, se faz necessário uma melhor abordagem desse conteúdo no processo de formação, nos cursos de Educação Física.

O Esporte Paralímpico é um tema complexo. Além das modalidades devem ser abordados tópicos referentes a processos de treinamento e classificação funcional, além de aspectos psicológicos, sociológicos e pedagógicos, a partir de discussões teóricas e vivência prática. Muitas vezes este conteúdo é oferecido apenas no tempo da disciplina, sendo o contato teórico e vivência prática limitados.

Por possuir características semelhantes ao Esporte Olímpico, o Esporte Paraolímpico pode também ser utilizado como ferramenta pedagógica, tanto na universidade, quanto na educação física escolar, visando o desenvolvimento motor e cognitivo, social e afetivo. Por isso, ao longo deste estudo serão abordadas possibilidades extracurriculares de contato dos acadêmicos de Educação Física com o Esporte Paralímpico, como participação em projetos de extensão e realização de torneios universitários entre os acadêmicos, além de possibilidades de trabalho desse conteúdo durante as aulas de disciplinas relacionadas às práticas corporais envolvendo pessoas com deficiência, através das práticas pedagógicas realizadas pelos professores.

O Esporte Paralímpico na Licenciatura

O profissional de Educação Física deve ter noções básicas no trabalho com o Esporte Paralímpico em qualquer ambiente, seja na escola, clubes, ou associações esportivas. A Educação Física escolar pode ser um dos principais momentos de contato dos alunos com essa prática. É importante que crianças com e sem deficiência vivenciem as modalidades paralímpicas. Segundo Thomas e Smith (2009), há pouca variedade na oferta de modalidades oferecidas e o currículo da Educação Física Escolar é baseado em alunos sem deficiência.

De acordo com Silva (2008), há uma fragilidade das escolas em oferecerem esportes para pessoas com deficiência, devido às dúvidas dos professores em aspectos relacionados a sua capacitação profissional, estrutura e possibilidades de práticas corporais para essa população. Para a autora, os profissionais de Educação Física devem utilizar todos os conhecimentos da área para lidar com diferentes personagens em diferentes contextos.

A aprendizagem, na perspectiva da inclusão, se dá através da cooperação, onde os alunos percebem as diferenças entre si e valorizam as potencialidades de cada um. Nesse sentido, os PCNs de 1999 preconizam um currículo mais flexível, voltado às necessidades de cada sujeito. Porém, ainda há uma falta de preparo, nas escolas, em integrar e incluir (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

A Educação Física caracteriza um espaço onde atitudes inclusivas podem ocorrer com maior facilidade, devido a uma menor rigidez para organização dos conteúdos a serem vivenciados. Contudo, a falta de conhecimento sobre as deficiências pode causar atitudes que não incluam esses alunos com deficiência nas aulas de Educação Física escolar (RODRIGUES, 2003).

Segundo o estudo de Gorgatti et al. (2004), professores de Educação Física escolar acreditam ser positiva a participação de crianças com deficiência em suas aulas, porém, não se sentem preparados, nem as escolas preparadas para receber essa população.

Dessa forma, a inclusão de modalidades paradesportivas pode fornecer aos alunos com deficiência uma vivência esportiva, que deve ser proporcionada a todas as populações, e aos alunos sem deficiência oportunidade de conviver com as diferenças, observando potencialidades nos colegas (SALERNO, ARAÚJO, 2008).

O Esporte Paralímpico é um espaço para desenvolvimento humano através do movimento, interação cultural e social. A Educação Física é o local da prática pedagógica e sistematização de conhecimentos sobre a prática de atividade física e esportes . Além disso, quando o objetivo principal da prática esportiva for a educação formal, é importante que os alunos tenham uma vivência diversificada das modalidades, evitando a especialização precoce (COSTA, OLIVEIRA FILHO, 2012).

A literatura internacional mostra que a vivência de modalidades paralímpicas atua positivamente na atitude dos alunos em relação à participação de seus colegas com deficiência nas aulas de Educação Física, através da realização do Dia Escolar Paralímpico (WILHITE et al., 1997; PANAGIOTOU et al., 2008; XAFOPOULOS, KUDLÁČEK, EVAGGELINO, 2009; LIU, KUDLÁČEK, JEŠINA, 2010).

O professor de Educação Física deve dar um tratamento pedagógico às práticas esportivas de modo a realizar sua abordagem de modo diverso, considerando suas variadas manifestações, proporcionando aos seus alunos o conhecimento do fenômeno, para que eles possam tomar gosto pela prática, mantendo o interesse ao longo da vida (PAES, 2001).

Além disso, o ambiente escolar é um importante local de detecção de talentos. O professor de Educação Física deve estar atento, para orientar os alunos que desejem se aprofundar na prática do Esporte Paralímpico. Porém, na maioria das escolas, os professores enfrentam dificuldades nesse processo, muitas vezes por uma formação inadequada, ou contato insuficiente com o Esporte Paralímpico (THOMAS E SMITH, 2009).

Portanto, o Esporte Paralímpico é um conteúdo que deve ser abordado nos cursos de licenciatura em Educação Física, pois caracteriza uma importante prática a ser realizada nas

aulas de Educação Física escolar, onde devem ser atendidas as demandas sociais e uma delas é a inclusão de alunos com deficiência.

O Esporte Paralímpico no Bacharelado

A vivência do Esporte Paralímpico nos cursos de bacharelado em Educação Física, se justifica pelo fato de esse profissional trabalhar diretamente com o desenvolvimento das modalidades, visando, na maioria das vezes, o alto rendimento. Como o bacharel é responsável por trabalhar com as práticas corporais fora do ambiente escolar, estará presente em clubes e associações desportivas, lidando diretamente com atletas.

Porém, não apenas na formação de atletas o Esporte Paralímpico pode aparecer como opção de prática corporal. O esporte, de maneira, geral, desempenha um papel social importante em ambientes não-formais de aprendizagem, como uma opção de lazer (PAES, 2001). Clubes e associações esportivas podem oferecer modalidades paradesportivas com o objetivo de participação. Nesses ambientes, o profissional de Educação Física terá uma atuação direta com essa população.

O acesso de pessoas com deficiência à prática esportiva está interligado ao ambiente que frequenta e aos profissionais com que interage. Na maior parte das vezes, essa vivência se dá em instituições especializadas, tornando o tempo da vivência esportiva limitado (COSTA, OLIVEIRA FILHO, 2012).

A inclusão de pessoas com deficiência ao esporte tem o objetivo de oferecer oportunidade e incentivar a adesão dessas pessoas a práticas esportivas. O esporte é visto como meio para inclusão, visando aceitação social. A pessoa com deficiência pode escolher seu ambiente de prática, desde ambientes inclusivos, com pessoas com e sem deficiência, até clubes esportivos, com o treinamento de alto rendimento (PEDRINELLI, NABEIRO, 2012). Em todos esses ambientes, há a participação direta do profissional de Educação Física.

O modelo do Esporte Paralímpico segue o modelo olímpico. Muitas vezes o profissional de Educação Física que trabalha com essa manifestação esportiva possui apenas sua vivência como atleta na modalidade convencional. Esse tipo de vivência pode ser insuficiente, pois além da modalidade, é necessário que o profissional conheça as especificidades de cada deficiência (COSTA, OLIVEIRA FILHO, 2012).

O Quadro 1 mostra todas as modalidades que, atualmente, fazem parte do programa Paralímpico, tanto de verão, quanto de inverno. Dessa forma é possível observar que há uma grande variedade de possibilidades para o trabalho do Esporte Paralímpico.

Quadro 1 – Modalidades Paralímpicas

Modalidade	Deficiência	Ano de Estreia	Programa
Atletismo	Física, visual, intelectual	1960	Verão
Bocha	Física	1984	Verão
Basquete em Cadeira de Rodas	Física	1960	Verão
Ciclismo	Física, visual	1988	Verão
Egrima em Cadeira de Rodas	Física	1960	Verão
Futebol de 5	Visual	2004	Verão
Futebol de 7	Física	1984	Verão
Goalball	Visual	1976	Verão
Halterofilismo	Física, visual	1964	Verão
Hípismo	Física, visual	1996	Verão
Judô	Visual	1988	Verão
Natação	Física, visual	1960	Verão
Remo	Física	2008	Verão

Rugby em Cadeira de Rodas	Física	1996	Verão
Tênis de mesa	Física, intelectual	1960	Verão
Tênis em cadeira de rodas	Física	1992	Verão
Tiro com Arco	Física	1960	Verão
Tiro Esportivo	Física	1976	Verão
Vela	Física	1996	Verão
Vôlei Sentado	Física	1980	Verão
Paracanoagem	Física	2016	Verão
Triathlon	Física, visual	2016	Verão
Ski Alpino	Física, visual	1976	Inverno
Biathlon	Física, visual	1988	Inverno
Ski Cross Country	Física, visual	1976	Inverno
Hockey no gelo	Física	1994	Inverno
Curling em Cadeira de Rodas	Física	2006	Inverno

A partir do grande número de modalidades componentes dos programas de verão e inverno das Paralimpíadas, é possível observar uma variedade de possibilidades para o trabalho do profissional de Educação Física. Desde modalidades coletivas às individuais e de precisão, é importante que o profissional em formação possua vivências que o habilite a trabalhar com toda a especificidade de modalidade, com todas as pessoas com deficiência.

O profissional de Educação Física deve conhecer todas as possibilidades de manifestação do Esporte Paralímpico, para poder adequar seus objetivos aos sujeitos em cada ambiente. Na maioria das vezes, o primeiro contato da pessoa com deficiência com o esporte se dá através do processo de reabilitação, onde o objetivo principal é a prática esportiva, com foco na saúde e onde se dá a readaptação à nova condição, com a aquisição

de habilidades motoras específicas, como o contato com a cadeira de rodas ou orientação espacial e auditiva (COSTA, OLIVEIRA FILHO, 2012).

O processo de reabilitação tem como objetivo minimizar o impacto da deficiência e maximizar a potencialidade adaptativa atual, a partir do envolvimento em práticas esportivas. Durante a reabilitação ocorre a iniciação esportiva e, em países de primeiro mundo, o sujeito já adquire o status de atleta entre 6 meses a dois anos de prática (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

O esporte traz valores presentes na vida de cada pessoa. Além de todos os valores inerentes à prática esportiva convencional (BALBINO, PAES, 2005), o Esporte Paralímpico também proporciona valores como a melhora da autoestima, através da superação de dificuldades e conquista de objetivos. Para isso, a pessoa com deficiência deve participar de práticas reflexivas, onde, dentre outros fatores, irá se tornar autônomo e crítico em sua prática (COSTA, OLIVEIRA FOLHO, 2012; PEDRINELLI, NABEIRO, 2012).

Dessa forma, o profissional de Educação Física deve conhecer todas as especificidades de cada deficiência, pois há modalidades que apresentam mais de uma deficiência. No caso do atletismo e da natação, em uma mesma turma, podem haver deficientes físicos e visuais, cabendo ao profissional a responsabilidade de lidar com essa heterogeneidade de sujeitos, de modo que sua prática pedagógica atinja o objetivo com todos os atletas.

Além disso, em ambientes de prática competitiva, é importante o profissional de Educação Física conhecer aspectos relacionados à classificação funcional e alterações que determinada deficiência pode acarretar em cada classe esportiva, para cada modalidade, de modo a, quando estiver no mercado de trabalho, adequar sua intervenção para obter melhores resultados.

A principal manifestação esportiva para pessoas com deficiência é o Esporte Paralímpico. Na maior parte das vezes essa prática se dá fora do ambiente escolar, por isso o bacharel em Educação Física deve estar apto a trabalhar com esse fenômeno sob todas as

perspectivas, desde o treinamento de alto rendimento até o esporte em nível participativo. Dessa forma todas as pessoas com deficiência que buscarem essa prática, independente dos seus objetivos, poderão ter o acesso garantido e com qualidade.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Investigar a percepção de docentes e acadêmicos do curso de Educação Física, nas modalidades licenciatura e bacharelado, acerca do Esporte Paralímpico enquanto vivência prática e formação profissional.

Objetivos Específicos

- Sistematizar as práticas pedagógicas de professores do curso de graduação em Educação Física, sobre o uso do Esporte Paralímpico como ferramenta pedagógica prática;
- Expor as facilidades, dificuldades, estratégias e o processo ensino-aprendizagem de professores do curso de graduação em Educação Física, ao trabalhar o conteúdo Esporte Paralímpico;
- Verificar a percepção de acadêmicos de Educação Física sobre a vivência prática do Esporte Paralímpico na sua formação e suas principais contribuições e influências, através da participação nas disciplinas e em um torneio universitário de goalball e voleibol sentado.
- Investigar a relevância da participação de acadêmicos em Educação Física em um projeto de extensão como alternativa extracurricular para contato e vivência do Esporte Paralímpico

PLANO DE REDAÇÃO

O presente estudo foi dividido em 3 capítulos/artigos contemplando diferentes formas de abordagem do Esporte Paralímpico nos cursos de Educação Física. Ao final dos 3 capítulos/artigos, foi feita uma reflexão final, relacionando cada forma de abordagem, visando um melhor entendimento sobre o desenvolvimento desse conteúdo na formação do profissional de Educação Física.

No primeiro capítulo/artigo foram realizadas entrevistas com professores do curso de Educação Física, que ministram disciplinas voltadas às pessoas com deficiência. As entrevistas foram gravadas, de modo a facilitar a transcrição para a análise. O objetivo foi verificar as práticas pedagógicas dos professores acerca do conteúdo Esporte Paralímpico, processos de ensino aprendizagem, possibilidades de ensino, facilidades e dificuldades.

A entrevista teve caráter semi-estruturado, onde foram abordados tópicos acerca do trabalho do docente com o Esporte Paralímpico, na disciplina que ministra. Com a realização da entrevista espera-se obter informações que auxiliem na sistematização do conhecimento relacionado às práticas pedagógicas, processos de ensino-aprendizagem, facilidades e dificuldades.

O segundo capítulo/artigo teve como objetivo avaliar a visão dos acadêmicos em Educação Física sobre o Esporte Paralímpico como um conteúdo prático na sua formação. Foi aplicado um questionário, com o intuito de verificar a influência da vivência prática nas modalidades Paralímpicas na formação profissional, através da sua participação em um torneio universitário de vôlei sentado e goalball.

O questionário foi elaborado conforme a escala de Lickert, em que os sujeitos deveriam escolher a afirmativa que melhor retrate sua realidade, com valores variando de 0 (não se aplica) a 4 (concordo totalmente). A partir das respostas encontradas espera-se identificar a relevância que a vivência prática dos conteúdos do Esporte Paralímpico teve na formação desse acadêmico e as possíveis influências na sua futura atuação profissional.

No terceiro capítulo/artigo foram entrevistados acadêmicos, participantes de um projeto de extensão, em diferentes modalidades paradesportivas. O objetivo foi verificar a relevância dessa participação na sua formação, através de uma prática extracurricular.

METODOLOGIA

O trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-analítico (THOMAS, NELSON E SILVERMAN, 2007), cuja característica principal é avaliar as informações provenientes dos instrumentos de pesquisa, a partir da evidência dos conteúdos principais.

A amostra foi composta por 70 sujeitos, divididos em três grupos. O primeiro grupo foi formado por 6 professores de graduação em Educação Física, que ministram o Esporte Paralímpico em suas disciplinas. O segundo grupo foi caracterizado por 54 acadêmicos em Educação Física que cursaram ou estavam cursando disciplinas que abordavam o Esporte Paralímpico, como um de seus conteúdos. O terceiro grupo foi composto por 10 alunos de graduação e pós-graduação em Educação Física, participantes de um projeto de extensão, que oferecia modalidades paradesportivas para a comunidade.

Antes do início do trabalho de campo, foram realizados estudos-piloto. O objetivo deste estudo preliminar era a familiarização e o aperfeiçoamento dos instrumentos. Segundo Thomas, Nelson e Silverman (2007) é importante realizar esse tipo de trabalho, para ganho de habilidade de coleta do próprio pesquisador, já que ele é o principal instrumento de coleta de dados, em pesquisa qualitativa.

O presente estudo teve como objetivo elucidar questões acerca do Esporte Paralímpico como conteúdo pedagógico prático na formação do profissional de Educação Física e sistematizar as práticas pedagógicas dos docentes atuantes na área. Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados são descritos por Thomas, Nelson e Silverman (2007) como:

- entrevista: técnica onde o sujeito responde verbalmente ao invés de escrever que permite;

- questionário: técnica na qual a informação é obtida através da resposta dos sujeitos às questões.

A análise da entrevista com os professores universitários e os acadêmicos foi realizada através da análise de conteúdo de Bardin (2011). As informações presentes em cada entrevista foram distribuídas em categorias, separadas por tópicos. Para a análise do questionário com os alunos do curso de Educação Física, as respostas ao questionário foram tabuladas e a análise foi feita através da porcentagem de cada resposta.

A seguir, serão expostos os três capítulos/artigos, com a discussão dos dados coletados. Ao final dos capítulos/artigos, haverá uma reflexão sobre as respostas de cada grupo, buscando elucidar questões acerca da presença, importância e abordagem do Esporte Paralímpico nos cursos de Educação Física.

CAPÍTULO/ARTIGO I – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FRENTE AO CONTEÚDO ESPORTE PARALÍMPICO

Introdução

A formação de recursos humanos é importante para o desenvolvimento do Esporte Paralímpico. Atualmente, o profissionalismo em volta do Esporte Paralímpico é evidente e isso demanda que os profissionais que irão trabalhar nessa área sejam cada vez melhor capacitados (HOWE, 2008). Nesse contexto estão inseridos os profissionais de Educação Física, que podem atuar como técnicos, preparadores físicos, árbitros e classificadores funcionais.

A vivência prática em Esporte Paralímpico caracteriza uma fase fundamental da formação profissional. É importante um conhecimento prévio obtido através das relações entre teoria e prática, para que a atuação profissional seja de qualidade. A vivência em modalidades esportivas auxilia na aquisição de saberes e competências e com o Esporte Paralímpico não é diferente. Além disso, a prática deve estar presente durante todo o processo de formação (DARIDO, 1995; MARCON, NASCIMENTO, GRAÇA, 2007).

O Esporte Paralímpico é um conteúdo complexo. A abordagem deve ser realizada de modo a contemplar conteúdos além das especificidades de cada modalidade, mas também, aspectos relacionados à classificação funcional, psicológicos e sociológicos. Segundo De pauw e Gavron (1995), a formação profissional para trabalhar com o Esporte Paralímpico é uma importante área de investigação, pois o número de pessoas com deficiência iniciando a prática esportiva é crescente e o profissional de Educação Física irá atuar diretamente nessa função.

Cabe aos docentes e às universidades formarem esse profissional de maneira adequada. A oferta de equipamentos e espaços para vivência prática, espaços extracurriculares, além da metodologia adotada pelo professor são os pilares para que o futuro profissional possa estar apto a lidar com o Esporte Paralímpico no mercado de trabalho.

Para analisar o trabalho realizado com o Esporte Paralímpico realizado nas diferentes disciplinas nos cursos de Educação Física, é importante verificar como os docentes trabalham esse conteúdo. Cada currículo, cada instituição tem suas particularidades e a sistematização desse trabalho é importante para explicitar possibilidades de estratégias, analisar facilidades e dificuldades ao trabalhar com o Esporte Paralímpico.

Dessa forma, o objetivo do estudo foi sistematizar as práticas pedagógicas de professores do curso de graduação em Educação Física, sobre o uso do Esporte Paralímpico como conteúdo programático, no plano de ensino, além de expor as facilidades, dificuldades, estratégias e o processo ensino-aprendizagem.

Metodologia

O trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-analítico (THOMAS, NELSON E SILVERMAN, 2007), cuja característica principal é avaliar as informações provenientes dos instrumentos de pesquisa, a partir da evidência dos conteúdos principais.

Participaram da pesquisa 6 professores universitários de disciplinas da área da Atividade Física Adaptada, onde há o conteúdo Esporte Paralímpico, de duas universidades públicas e 4 particulares do Estado de São Paulo, ministrando aulas para a licenciatura e o bacharelado. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada buscando evidenciar facilidades e dificuldades sobre o ensino deste conteúdo aos acadêmicos, além das principais estratégias e meios de ensino utilizados. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, sob o protocolo 909/2011 e todos os professores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I).

Os dados foram analisados a partir da transcrição integral das entrevistas (Apêndices 1 a 6). Para a análise das respostas, foi utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), através de categorizações e agrupamento de conteúdos comuns, levando

em consideração as afirmações dos sujeitos e o contexto em que estão inseridas, atentando-se a frequência de determinados elementos no texto (MINAYO, 2004; MARCONI, LAKATOS, 2000; GIBBS, 2009).

Maiores informações sobre amostra, como idade, tempo de experiência no ensino superior, nome da disciplina ministrada e formação acadêmica estão expostas no Quadro 2.

Quadro 2 – Caracterização da Amostra

Sujeito	Idade	Sexo	Tempo de Experiência no Ensino Superior	Formação Acadêmica	Área de Formação	de Disciplina Ministrada (s)	(s) Público / Privada
A	32	F	3 anos	Mestrado	Atividade Física Adaptada	Educação Física para Pessoas com Necessidades Especiais (licenciatura) Esportes Adaptados (bacharelado)	Privada
B	36	M	10 anos	Mestrado	Atividade Motora Adaptada Bioquímica, Fisiologia, Treinamento e Nutrição	Atividade Motora Adaptada (comum) Tópicos Avançados do Esporte Adaptado (comum)	Privada
C	40	M	12 anos	Doutorado	Educação Física Adaptada Atividade Física Adaptada	Atividade Física Adaptada	Pública
D	42	F	18 anos	Doutorado	Fisiologia Exercício Atividade	do Educação Adaptada (licenciatura)	pública

					Física Adaptada	Práticas Pedagógicas em Educação Física e Esportes Adaptados (licenciatura)		
E	36	M	8 anos	Doutorado	Atividade Física Adaptada	Educação Física Privada Adaptada (comum)		
						Esportes Adaptados (comum)		
F	51	F	16 anos	Doutorado	Educação Física Adaptada	Atividade Física Privada para Pessoas com Deficiência (comum)		
					Educação Física Escolar			
					Atividade Física Adaptada			

Resultados e Discussão

De acordo com o quadro 2, é possível observar que todos os professores que participaram do estudo possuem formação em nível de pós-graduação, seja mestrado ou doutorado. Dessa forma, os docentes procuraram aprofundar-se na área de atuação, de modo a fornecer conhecimentos mais densos do que as informações sistematizadas (BORELLA, 2010). Também observa-se a grande variedade nos nomes das disciplinas, indicando que o Esporte Paralímpico é abordado de diferentes maneiras, em diferentes contextos.

No quadro 2 estão contidas informações sobre os primeiros contatos dos docentes com o Esporte Paralímpico, bem como sua experiência com esse conteúdo. Conhecer essas informações é importante para entender sua prática pedagógica, pois docentes com vivências mais aprofundadas em determinado conteúdo, tendem a abordá-lo de forma mais

completa e possuir melhores soluções para a transmissão do conhecimento, mesmo com possíveis dificuldades.

Primeiros Contatos e Experiência dos docentes com o Esporte Paralímpico

Todos os docentes tiveram seus primeiros contatos com o Esporte Paralímpico durante a graduação. Os contatos com o Esporte Paralímpico foram realizados de diversas maneiras, sendo a maioria delas em ambientes extracurriculares (grupos de estudo, estágio, trabalho em eventos paralímpicos). Isso mostra que a oportunidade de vivência desse conteúdo fora da sala de aula, pode levar a um aprofundamento no tema e consequente escolha para atuação profissional.

Durante sua trajetória profissional e de formação, eles puderam ter diversas experiências com o Esporte Paralímpico, em diversos níveis, desde a reabilitação, passando pelo desenvolvimento de modalidades na universidade, até a participação em campeonatos nacionais, internacionais, chegando às Paralimpíadas. Além disso, muitos docentes ainda atuam diretamente com o Esporte Paralímpico, fora da universidade, colaborando diretamente com o seu desenvolvimento.

Essas vivências podem fornecer ao professor reflexões que aumentem seu conhecimento específico sobre esse tema, tornando-o especializado nesse conteúdo, fazendo-o compreensível ao aluno (RAMOS, GRAÇA, NASCIMENTO, 2008; NASCIMENTO et al., 2009). Dessa forma, ao vivenciar o Esporte Paralímpico sob diversas manifestações e contextos, ao ministrar conteúdos aos futuros profissionais, esses poderão realizar as mesmas reflexões com seus alunos, promovendo uma abordagem menos simplista dessa manifestação esportiva (REZER, FENSTERSEIFER, 2008).

Práticas Pedagógicas, Facilidades e Dificuldades no trabalho com o Esporte Paralímpico

Durante as disciplinas, foram abordados diversos conteúdos relacionados ao Esporte Paralímpico. Além das modalidades em si, os conteúdos trabalhados eram relacionados às etiologias e conceitos das deficiências e aspectos biológicos. Outras manifestações esportivas para pessoas com deficiência também foram estudadas, como as Deaflympics e as Special Olympics. Isso se dá pelo fato desse conteúdo dividir espaço na disciplina com outros conteúdos, visto que nenhum dos docentes ministra uma disciplina específica de Esporte Paralímpico. Se por um lado, esse fato pode diminuir a vivência específica nas disciplinas, por outro, permite que sejam realizadas reflexões sob vários aspectos, colaborando para um entendimento melhor da complexidade do fenômeno.

Os professores apresentaram uma grande diversidade em métodos e meios de ensino (LIBÂNEO, 1994), para abordar o Esporte Paralímpico. Dentre as principais ferramentas de ensino podem ser destacadas desde as tradicionais aulas expositivas, até a realização de debates e participação em grupos de pesquisa, passando por palestras e contatos com atletas paralímpicos. Na licenciatura, eram realizadas relações com o contexto escolar, abordando, principalmente aspectos relacionados à inclusão do Esporte Paralímpico como ferramenta pedagógica e possibilidade de prática corporal para alunos com deficiência e no bacharelado eram abordadas, mais especificamente, as modalidades paralímpicas.

Em todas as disciplinas havia uma carga horária destinada a prática. Os alunos puderam vivenciar as modalidades, além de realizar atividades de sensibilização, para conhecerem a situação de deficiência (MUNSTER et al., 2008). Eles não apenas vivenciavam a modalidade, como também deveriam ministrar aulas para os colegas, ensinando os fundamentos básicos de determinada modalidade, ou criar opções pedagógicas para o trabalho com o Esporte Paralímpico. A partir da prática e da reflexão sobre ela não como aluno, mas como um professor em formação, são construídos saberes e competências fundamentais na atuação profissional (MARCON, NASCIMENTO, GRAÇA, 2007).

Além da prática em sala de aula, os alunos puderam vivenciar o Esporte Paralímpico em ambientes extracurriculares. Há uma tendência às instituições públicas poderem oferecer esse espaço com mais facilidade, porém, nas instituições privadas

também houve esse tipo de vivência. Para Nascimento et al. (2009), a prática não somente da modalidade, mas numa perspectiva de futura atuação docente, auxilia aos alunos a conhecerem especificamente o conteúdo vivenciado. Portanto, a realização de estágios, vivência em projetos de extensão e em instituições especializadas podem ser ferramentas importante na aquisição desses saberes.

O Esporte Paralímpico é considerado um conteúdo importante a ser vivenciado nos cursos de Educação Física, porque “...a mídia tá aparecendo muito mais, as pessoas estão interessadas em conhecer o Esporte Paralímpico” e “é um conteúdo bastante rico”. Isso é evidenciado pela possibilidade de abordagem em diversos ambientes, em diferentes contextos e o grande profissionalismo que o Esporte Paralímpico de alto rendimento possui (HOWE, 2008; MARQUES et al., 2009; BRITAIN, 2010; PEDRINELLI, NABEIRO, 2012).

Na opinião dos docentes participantes do estudo, a prática de Esporte Paralímpico para acadêmicos de Educação Física é importante, pois, na atuação profissional “...existem saberes que são só saberes da prática”, além de “conhecer a condição etiológica [...], as barreiras, as limitações [...]vai conseguir criar melhores ferramentas pra direcionar o processo.” Dessa forma, a prática deve ser base de todos os currículos de Educação Física e deve estar presente em todos os momentos da formação (BETTI, BETTI, 1996; PEREIRA, 2011). Além disso, quando os alunos passam por experiências de monitoria evidenciam melhor conhecimento e habilidade profissional (VIEIRA, VIEIRA, FERNANDES, 2006).

Por se tratar de um conteúdo novo, para a maioria dos acadêmicos, o Esporte Paralímpico apresentou facilidades para ser trabalhado, na opinião dos professores. A experiência prévia de alguns docentes facilitou na transmissão do conhecimento, os alunos se envolveram satisfatoriamente com a disciplina, a maioria dos docentes conseguia acesso a algum equipamento e quando não havia essa possibilidade, o contato com outras universidades viabilizava a utilização de determinados materiais. Em uma das instituições públicas foi destacada a ligação entre ensino, pesquisa e extensão. Também merece destaque o acesso a materiais teóricos para fundamentação do trabalho.

Em relação às dificuldades enfrentadas pelos professores deste estudo, falta de acesso aos equipamentos e espaço físico são mais vivenciadas pelos docentes das instituições privadas. Porém, o empréstimo de alguns materiais e, principalmente a adaptação de materiais, equipamentos e espaço viabilizaram a vivência da maioria das modalidades paralímpicas. O conhecimento aprofundado do conteúdo (NASCIMENTO et al., 2009), possibilitou que as vivências fossem realizadas, mesmo sem o acesso ao material específico. As dificuldades das instituições públicas estão relacionadas à quantidade de professores no departamento da área e acessibilidade dos espaços de prática.

A visão dos alunos sobre o Esporte Paralímpico mudou positivamente, segundo os professores. Com o passar da disciplina eles puderam compreender as potencialidades das pessoas com deficiência, através da vivência nas modalidades e atividades de sensibilização. Em muitos casos, os acadêmicos se aprofundaram na área participando de cursos e congressos, realizando iniciações científicas e trabalhos de conclusão de curso ou inclusive, trabalhado na área.

Os docentes foram perguntados sobre alternativas extracurriculares. A proposta deste estudo foi a realização de um torneio paralímpico entre diferentes universidades. Os professores foram unânimes em considerar uma alternativa válida. Eles destacaram que com uma divulgação adequada, a realização do evento traria impactos positivos na formação dos alunos e no conhecimento sobre Esporte Paralímpico.

Considerações Finais

O Esporte Paralímpico é um conteúdo importante na formação do profissional de Educação Física. O trabalho dos professores que ministram esse conteúdo em suas disciplinas colabora para o desenvolvimento dessa manifestação esportiva, no Brasil, pois a formação de recursos humanos é parte fundamental nesse processo.

Conhecer previamente o Esporte Paralímpico facilita a transmissão de conteúdos, melhora nas escolhas dos meios e métodos de ensino, além de instrumentalizar o profissional para realizar adaptações frente a dificuldades em relação ao acesso aos materiais e equipamentos e espaço físico. Os docentes participantes dessa pesquisa, devido sua formação continuada, possuíam conhecimento básico para viabilizar a vivência nas modalidades, apesar de algumas dificuldades.

Dentre as estratégias utilizadas, aulas expositivas, contato com atletas, uso de vídeos e filmes, visitas técnicas e vivências práticas com as modalidades foram as mais frequentes. Além disso, prática em espaços extracurriculares também estiveram presentes e a oportunidade de ligação com a pesquisa.

Portanto, proporcionar diferentes formas de contato com o Esporte Paralímpico no curso de Educação Física, pode auxiliar na formação de profissionais capacitados para trabalhar com esse conteúdo em diferentes ambientes. Sugere-se para próximos estudos, entrevistar professores de outras regiões, a fim de comparar as realidades e fortalecer a sistematização desse conhecimento produzido. Além disso, para futuras investigações, podem ser analisados o plano de ensino e a ementa das disciplinas, buscando relações com a prática pedagógica.

ARTIGO II - ESPORTE PARALÍMPICO: ABORDAGENS E ALTERNATIVAS EXTRACURRICULARES

Introdução

Desde o início de sua prática, o esporte paralímpico passa por um avanços. As Paralimpíadas se tornaram um evento tão importante quanto às Olimpíadas e, por conseqüência, o nível técnico dos atletas também evoluiu. Não obstante, o Brasil passa a figurar entre as grandes potências paralímpicas, visto os resultados nas últimas Paralimpíadas e campeonatos mundiais (CPB, 2012).

Para que se mantenham os resultados obtidos e novas conquistas sejam alcançadas, torna-se necessário fomentar a prática do esporte paralímpico tanto na renovação dos atletas, com a busca de novos talentos, quanto na formação dos profissionais que irão trabalhar com essa população.

Iniciativas tem sido realizadas em diversos países buscando divulgar o Esporte Paralímpico na escola, como, por exemplo a implantação do Dia Paralímpico Escolar, evento idealizado pelo Comitê Paralímpico Internacional. Alguns estudos relataram os resultados alcançados com esse evento, em relação à percepção e atitudes dos alunos sem deficiência e notaram melhorias nessas atitudes relacionadas principalmente à inclusão (WILHITE et al., 1997; PANAGIOTOU et al., 2008; XAFOPOULOS, KUDLÁČEK, EVAGGELINOU, 2009; LIU, KUDLÁČEK, JEŠINA, 2010). Apesar do foco ser a inclusão, a divulgação do esporte paralímpico no ambiente escolar é importante na massificação e fomento da prática do Esporte Paralímpico.

Faz-se notar, entretanto, que o papel essencial do ambiente escolar não é formar atletas, mas exercer também os diferentes anseios populares, tal como o da possibilidade de aproximação com o esporte, nas suas diferentes formas de manifestação, é condicional aos seus anseios e aos da sociedade.

No que tange à formação, é importante que os futuros profissionais tenham uma vivência prática que permita reflexões acerca do ensino do Esporte Paralímpico. Assim, como qualquer conteúdo da Educação Física exige uma vivência prática, com o Esporte Paralímpico não é diferente. A literatura mostra que uma das principais dificuldades dos professores de Educação Física escolar, no Ensino Fundamental, em trabalhar esportes e pessoas com deficiência é a falta de contato com esse conteúdo na formação inicial (AGUIAR, DUARTE, 2005; GORGATTI, DE ROSE JR., 2009).

O esporte para pessoas com deficiência, incluindo o Esporte Paralímpico, passa por um processo de profissionalização e desenvolvimento. Isso demanda profissionais de qualidade, que possam trabalhar esse conteúdo adequadamente. Portanto, uma das necessidades é melhorar a formação de recursos humanos, entre eles o profissional de Educação Física, caracterizando uma importante área de pesquisa (DE PAUW, GAVRON, 1995).

Segundo Nunes (2001), a pesquisa relacionada à formação do professor ainda apresenta algumas lacunas, relacionadas a como transferir saberes teóricos para saberes práticos, conhecimentos de base na formação profissional. Nesse contexto, encaixa-se o Esporte Paralímpico, carente de estudos que esclareçam questões à abordagem desse conteúdo na formação profissional.

No final da década de 1980 e início da década de 1990, a partir da resolução n. 215/87, que sugere aos cursos de graduação em Educação Física adicionarem em seus currículos uma disciplina que abordasse diretamente atividade física para pessoas com deficiência, oferecendo, conseqüentemente abordagem ao esporte adaptado e, finalmente Esporte Paralímpico (RIBEIRO, ARAÚJO, 2004).

O esporte para pessoas com deficiência passou a ser alvo de produção e sistematização de conhecimentos, principalmente no final da década de 1980 e início da década de 1990, culminando com a criação do Comitê Paralímpico Brasileiro, em 1995 (ARAÚJO, 1998). Dessa forma, discussões sobre a presença desse conteúdo no currículo dos cursos de Educação Física ainda são recentes. Há necessidade de se aprofundar o

conhecimento sobre o Esporte Paralímpico desde a iniciação até o profissionalismo, pois há, inclusive, uma tendência ao aumento da demanda de mercado.

Cada vez mais, há pessoas com deficiência buscando práticas esportivas. Seja em aulas da Educação Física escolar, seja em associações esportivas ou clubes, o Esporte Paralímpico é um tema presente. O profissional de Educação Física deve estar preparado para trabalhar com essa população e proporcionar uma experiência esportiva satisfatória. Por isso, durante o seu processo de formação deve possuir conhecimentos e saberes, a partir de uma ligação entre a teoria e a prática.

Entretanto, estudos enfocando a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física apontam como uma das principais dificuldades nesse processo, a falta de conhecimento na formação profissional (AGUIAR E DUARTE, 2005; LEONARDO, BRAY E ROSSATO, 2009, RIBEIRO, 2009). Há também a vontade dos próprios acadêmicos de vivenciarem conteúdos práticos referentes ao Esporte Paralímpico no seu processo de formação (TAVARES E KRUG, 2003; GOMES, 2007).

Diante desse cenário, o presente estudo se propõe a investigar a percepção de acadêmicos de Educação Física no que se trata o Esporte Paralímpico como conteúdo de disciplinas que envolvam pessoas com deficiência.

Metodologia

O trabalho se caracteriza como uma pesquisa quali-quantitativa, de caráter descritivo-analítico (THOMAS, NELSON E SILVERMAN, 2007), cuja característica principal é avaliar as informações provenientes dos instrumentos de pesquisa, a partir da evidência dos conteúdos principais.

Fizeram parte da pesquisa 54 alunos de licenciatura e bacharelado em Educação Física que participaram de um torneio universitário, com mais de 100 acadêmicos, de 4 instituições de ensino. Foi estabelecido como critério de inclusão a obrigatoriedade dos

sujeitos cursarem ou terem cursado alguma disciplina que abordasse o Esporte Paralímpico como um de seus conteúdos. Esse critério foi selecionado porque os acadêmicos deveriam refletir sobre o conteúdo dentro das disciplinas e não apenas sobre o torneio em si. As modalidades proporcionadas foram o goalball e o voleibol sentado. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, sob o protocolo n. 909/2011 e todos os alunos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo II). Maiores informações sobre a amostra, como gênero dos alunos, idade, período do curso e modalidade, estão expostas no Quadro 3.

Foi aplicado um questionário (Apêndice IV), com o intuito de verificar a influência da vivência prática nas modalidades paralímpicas na formação profissional, através da sua participação. O instrumento foi composto por 15 questões, sendo 14 fechadas, em escala Lickert, em que os sujeitos deveriam escolher a afirmativa que melhor retrate sua realidade, com valores entre 0 (não se aplica), 1 (discordo totalmente), 2 (discordo quase totalmente), 3 (concordo quase totalmente) e 4 (concordo totalmente) e uma questão aberta. As questões abordavam tópicos como conhecimento prévio sobre o Esporte Paralímpico, importância desse conteúdo na formação, visando a atuação profissional, além da relevância da vivência prática desse conteúdo durante o processo de formação. Também havia uma questão aberta, perguntando a opinião dos alunos sobre a realização de um campeonato universitário, como alternativa extracurricular.

Para a análise das respostas, foi considerada a porcentagem da amostra em cada opção, nas 14 questões fechadas. Em relação a questão aberta, foram categorizadas as respostas dos acadêmicos em tópicos referentes às reflexões dos alunos em relação ao Esporte Paralímpico na sua formação profissional.

Quadro 3 – Caracterização da Amostra

Gênero	Idade	Período do Curso (semestre)	Modalidade
26F / 28M	22,96±4,68	6,45±1,08	24B / 30L

Legenda: F = feminino; M = masculino; B = bacharelado; L = licenciatura.

Resultados e Discussão

A fim de verificar o contexto em que o Esporte Paralímpico é abordado nos cursos de Educação Física, foi pesquisado o nome das disciplinas que cada aluno cursou, segundo a Quadro 4. Houve alguns casos que o mesmo acadêmico havia participado de mais de uma disciplina.

Quadro 4 – Disciplinas relacionadas ao Esporte Paralímpico

Disciplinas	Participantes	Modalidade
Esporte Adaptado	29	Bacharelado
Educação Física Adaptada	28	Comum
Atividades Motoras Adaptadas	13	Comum
Educação Física Escolar Especial	6	Licenciatura
Introdução ao Estudo de Necessidades Especiais	4	Bacharelado
Esportes para Portadores de Necessidades Especiais	1	Bacharelado
Atividade Física Adaptada	1	Licenciatura

É possível observar uma variedade na nomenclatura das disciplinas. Esse fato é recorrente na área da Atividade Física Adaptada, que vem mudando a nomenclatura e objeto de estudo ao longo do seu desenvolvimento (BORELLA, 2010; GOMES, 2007). Dessa forma, o Esporte Paralímpico é abordado em diferentes contextos, com diferentes objetivos, seja para o treinamento ou para caracterização de uma alternativa de prática para pessoas com deficiência.

Os quadros a seguir mostram as respostas dos alunos às perguntas feitas através do questionário. As questões foram categorizadas de acordo com tópicos pré-definidos. Será

possível analisar a porcentagem e quantidade de acadêmicos que assinalaram cada opção em cada uma das 14 questões fechadas.

Tabela 1 – Conhecimento Prévio dos alunos em relação ao Esporte Paralímpico

Questão		0	1	2	3	4	Total
1. Tinha conhecimento sobre esporte paraolímpico antes de iniciar meu curso de Educação Física.	N	7	5	10	19	13	54
	%	12,96	9,26	18,52	35,19	24,07	100
2. Já trabalhei com esporte para pessoas com deficiência antes de meu ingresso na faculdade	N	42	9	0	1	2	54
	%	77,78	16,67	0	1,85	3,7	100

As duas primeiras questões (Tabela 1) são sobre o conhecimento prévio dos alunos sobre o esporte paralímpico. O objetivo era verificar qualquer contato que poderiam ter realizado com esse conteúdo, antes de ingressarem no curso de Educação Física. É possível observar um relativo conhecimento sobre o esporte paralímpico, já que 59,26% da amostra haviam tido algum contato com o conteúdo e 3 alunos (5,56%), já tinham trabalhado com essa manifestação esportiva.

Tabela 2 – Importância da Vivência Prática do Esporte Paralímpico nos cursos de Educação Física

Questão		0	1	2	3	4	Total
4. Considero importante a vivência prática do esporte paraolímpico como ferramenta pedagógica nos cursos de Educação Física.	N	1	1	0	3	49	54
	%	1,85	1,85	0	5,56	90,74	100
6. Considero que as vivências práticas de esporte paraolímpico enriqueceram minha formação.	N	1	0	1	6	46	54
	%	1,84	0	1,85	11,11	85,19	100

Os acadêmicos consideraram importante a vivência prática do esporte paralímpico na sua formação profissional. As questões 4 e 6 (Tabela 2) abordaram essa temática e quase

foram unânimes (96,3% nas duas questões), em concordar que vivenciar esse conteúdo durante o curso é importante e enriquece a formação.

Na formação do profissional em Educação Física, existem quatro princípios orientadores, dentre eles articulação teoria-prática (CALDEIRA, 2001). Ou seja, há a necessidade de refletir a teoria a partir da prática para uma atuação consciente, por isso, nas disciplinas que abordem o Esporte Paralímpico, os alunos devem ter uma vivência prática que permitam aos mesmos realizar essas reflexões.

Tabela 3 – Importância do Esporte Paralímpico nos Cursos de Educação Física

Questão		0	1	2	3	4	Total
3. Considero importante a presença do esporte paraolímpico na grade curricular do curso de Educação Física.	N	0	0	0	1	53	54
	%	0	0	0	1,85	98,15	100
7. Acredito que o esporte paraolímpico deva estar presente como conteúdo de outras disciplinas	N	0	2	5	15	32	54
	%	0	3,7	9,26	27,78	59,26	100

Gomes (2007) ao analisar as disciplinas na área da Atividade Física Adaptada de universidades do Estado do Paraná aponta uma preocupação de docentes e acadêmicos quanto à realização de atividades práticas. Os sujeitos consideram as atividades relacionadas ao esporte paraolímpico importantes na formação do profissional para o trabalho com pessoas com deficiência.

Portanto, os alunos consideram o Esporte Paralímpico um conteúdo importante no currículo do curso de Educação Física (Tabela 3), já que 100% da amostra é a favor da presença desse conteúdo na formação (questão 3) e 87,04% (n=47), concordam que o Esporte Paralímpico deve estar presente em outras disciplinas (questão 7), entendendo que esse é um conteúdo abrangente e caracteriza uma manifestação cada vez mais presente no âmbito esportivo.

Tabela 4 – Lacunas na formação para o trabalho com o Esporte Paralímpico

Questão		0	1	2	2	4	Total
5. Considero a carga horária da disciplina suficiente para a compreensão dos conteúdos do esporte paraolímpico	N	0	5	19	21	9	54
	%	0	9,26	35,19	38,89	16,67	100
13. Com o que foi aprendido em meu curso de graduação, sinto-me preparado de trabalhar com esporte paraolímpico.	N	0	1	14	35	4	54
	%	0	1,85	25,93	64,81	7,41	100

Devido à sua presença cada vez maior na mídia e maior conhecimento por parte da sociedade, os futuros profissionais de Educação Física começam a dar cada vez mais importância a este conteúdo. Dessa forma, aspectos relacionados ao treinamento, iniciação esportiva, classificação funcional e fatores sociais, devem ser alvo de discussões na abordagem do Esporte Paralímpico.

Entretanto, os alunos gostariam de vivenciar mais o Esporte Paralímpico nos cursos de Educação Física (Tabela 4), pois 24 alunos (44,45%), consideram a carga horária insuficiente para a compreensão dos conteúdos do Esporte Paralímpico (questão 5) e pouco mais de um quarto da amostra (n=15; 27,78%) acredita não estar totalmente preparado para trabalhar com esse conteúdo (questão 13).

Esse parece ser um problema recorrente na formação de profissionais de Educação Física para lidar com atividade física para pessoas com deficiência. Diversos estudos apontam que as disciplinas não oferecem carga horária e conhecimento suficiente para preparar os futuros profissionais adequadamente para trabalhar com esse conteúdo (AGUIAR, DUARTE, 2005; SILVA, 2008; LEONARDO, BRAY, ROSSATO, 2009).

Além da carga horária deve-se levar em consideração a particularidade de cada currículo, pois em cada instituição o Esporte Paralímpico é abordado de forma diferente, dependendo da ementa das disciplinas. Outro ponto relevante é a formação dos professores que ministram as disciplinas e seu conhecimento sobre esse conteúdo (RAMOS, GRAÇA, NASCIMENTO, 2008).

Tabela 5 – Aprofundamento e Atuação no Esporte Paralímpico

Questão		0	1	2	2	4	Total
8. Pretendo participar de cursos e eventos sobre esporte paraolímpico.	N	1	0	6	19	28	54
	%	1,85	0	11,11	35,19	51,85	100
14. Pretendo atuar com esporte paraolímpico futuramente.	N	0	5	15	26	8	54
	%	0	9,26	27,78	48,15	14,81	100

Ao responder a questão 8, que trata sobre a intenção de se aprofundar sobre o Esporte Paralímpico, através de cursos e eventos científicos, os alunos estão inclinados a se aprofundarem nesse conteúdo, com 87,4% (n=47) assinalando que irão participar desses eventos. Além disso, através das respostas da questão 14, uma parte significativa da amostra (62,96%; n=34) pretende trabalhar nessa área futuramente (Tabela 5).

De acordo com Stevenson (2009), há dificuldades na inclusão da pessoa com deficiência em atividades esportivas. É importante que o profissional saiba adaptar ambientes e metodologia a esses alunos, de modo a fornecer uma participação adequada aos mesmos. Uma das estratégias apontada pela autora é a formação continuada. Por isso, é importante essa visão dos acadêmicos, pois esse pode ser um conteúdo que eles terão que lidar na atuação profissional e é fundamental se preparar da melhor forma possível para abordar o Esporte Paralímpico para os futuros alunos.

Tabela 6 – Ambientes de prática do Esporte Paralímpico

Questão	Frequência	0	1	2	2	4	Total
9. Acredito que o esporte paraolímpico deve ser ensinado em ambientes de educação <u>formal</u> (escola).	N	0	1	1	14	38	54
	%	0	1,85	1,85	25,93	70,37	100
10. Acredito que o esporte	N	1	1	4	15	33	54

paraolímpico deve ser ensinado em ambientes de educação <u>não formal</u> (clubes, escolinhas de esportes etc.).	%	1,85	1,85	7,41	27,78	61,11	100
11. Os conteúdos do esporte paraolímpico podem ser ensinados também para pessoas sem deficiência	N	0	0	1	1	52	54
	%	0	0	1,85	1,85	94,44	100
12. Os conteúdos do esporte paraolímpico devem ser ensinados também para pessoas sem deficiência	N	0	1	4	9	40	54
	%	0	1,85	7,41	16,67	74,07	100

As questões de 9 a 12 (Tabela 6), buscavam saber a opinião dos acadêmicos sobre a possibilidade do Esporte Paralímpico estar presente em ambientes formais e não formais de ensino e ser ensinado às pessoas sem deficiência. Segundo a resposta dos alunos nas questões 9 e 10, o Esporte Paralímpico deve estar presente como conteúdo da Educação Física escolar (96,3%; n=52) e em ambientes de educação não formal, como escolinhas de esportes, clubes esportivos etc. (88,89%; n=48). Para a grande maioria dos acadêmicos o Esporte Paralímpico também pode (98,14%; n=53) e deve (90,74%; n=49) ser ensinado às pessoas sem deficiência, corroborando com a importância dada a esse conteúdo pelos graduandos em Educação Física.

É possível encontrar, na literatura, iniciativas buscando levar o esporte paralímpico para outros ambientes como ferramenta pedagógica para aquisição de habilidades motoras, aprendizagem de novas modalidades esportivas e respeito às diferenças, a partir da vivência dos fundamentos básicos da modalidade e da situação de deficiência por alunos sem deficiência. O trabalho de MUNSTER et al. (2008) ilustra esse trabalho através da iniciação ao goalball, onde alunos videntes vivenciaram a situação da deficiência visual, praticando essa modalidade.

Dessa forma, é possível entender o Esporte Paralímpico como um conteúdo abrangente, podendo ser trabalhado como ferramenta pedagógica além da pessoa com deficiência. É importante que o profissional de Educação Física esteja preparado para utilizar esse conteúdo em diferentes contextos, adequando sua intervenção ao ambiente e aos seus objetivos, independente da característica do seu público.

Em relação à questão número 15 (Quadro 5), onde os estudantes deveriam expor a sua opinião sobre a realização de um torneio universitário, como alternativa extracurricular, os alunos acreditam ser uma iniciativa válida. Por se tratar de uma questão aberta, o mesmo acadêmico poderia mencionar mais de um tópico. Em suas respostas, destacaram aspectos como uma vivência extra, além da sala de aula; importante ligação entre teoria e prática; oportunidade de vivenciar a realidade da pessoa com deficiência; maior aprendizado a partir da prática; oportunidade de troca de experiências com alunos de outras instituições; conhecer melhor o esporte paralímpico. Eles destacaram que a vivência prática enriquece a formação e auxilia na aquisição de saberes que serão úteis na sua atuação profissional, além de auxiliar na escolha do campo de atuação.

Quadro 5 – Opinião dos Acadêmicos sobre o Torneio Universitário Paralímpico

Respostas	Frequência
Ligação teoria e prática	9
Se colocar na situação da PCD	8
Compreensão do conteúdo a partir da prática	6
Vivência extra	6
Potencialidade PCD	5
Interação com outros alunos	5
Vivência auxilia na formação	3

Entender melhor PCD	3
Aprendizado sobre o Esporte Paralímpico	3
Desenvolvimento do paradesporto	2
Aprender a trabalhar com PCD	2
Produção de Conhecimento	2
Ligação com outras disciplinas	1
Ferramenta facilitadora do aprendizado	1
Experiência enriquecedora	1
Aprendizado relevante	1
Possibilidade de atuação profissional	1
Mais conhecimento sobre EF	1

É conhecido que a vivência prática deve estar presente durante todo o processo de formação do profissional de Educação Física. Através dessa vivência é possível adquirir saberes e competências fundamentais para a atuação profissional, como conhecimento do conteúdo, reflexões sobre o processo de ensino, sendo necessário que o acadêmico observe a prática como um professor em formação e não como um aluno/atleta (MARCON, NASCIMENTO E GRAÇA, 2007).

Muitas vezes, não há carga horária suficiente, na disciplina, para abordar e discutir profundamente todos os conteúdos da Educação Física. Por isso, alternativas extracurriculares podem ser ferramentas interessantes para, segundo a resposta dos

acadêmicos, “ter aprofundamento na prática e esclarecimento de questões não resolvidas nas disciplinas”.

Apenas um acadêmico, considerou em sua resposta, a realização do torneio como uma “ferramenta facilitadora do aprendizado”. Entretanto, a grande maioria das respostas foi relacionada à ligação entre teoria e prática e a importância de se colocar na condição de deficiência. Apesar de não ser mencionado explicitamente, pode-se inferir que os alunos consideram que alternativas extracurriculares, como a realização de um torneio universitário, possa ser um facilitador no processo de aprendizagem do conteúdo Esporte Paralímpico.

Segundo Cidade e Freitas (2002), o professor de Educação Física deve considerar as potencialidades e limitações dos seus alunos ao trabalhar os conteúdos curriculares. Dessa forma, a possibilidade dos alunos vivenciarem uma condição semelhante à pessoa com deficiência, pode ser uma ferramenta útil na reflexão da futura prática profissional, ao planejar e executar as atividades.

Os acadêmicos também deram sugestões sobre a realização de eventos como esse, por exemplo, colocar alunos para trabalharem em comissões técnicas e na organização do campeonato, além de abordar outros contextos do esporte.

Considerações Finais

O crescimento e desenvolvimento do Esporte Paralímpico passa pela formação de recursos humanos. Nesse universo estão inseridos os professores de Educação Física. Devido à inclusão do esporte envolvendo pessoas com deficiência nos currículos de Educação Física, são necessárias pesquisas enfocando como esse profissional será preparado para trabalhar com esse conteúdo e como ele é abordado nos cursos de Educação Física.

Ao observar as respostas dos acadêmicos, percebe-se que eles consideram importante estudar o Esporte Paralímpico, enxergando como um conteúdo relevante na sua formação e uma área de trabalho. Porém esse conteúdo pode ser mais abordado, com o aumento da carga horária, ou abordá-lo em outras disciplinas. Além disso, deve-se considerar a formação e habilidade do professor em trabalhar com esse conteúdo.

Uma das alternativas é utilizar períodos extracurriculares, para poder contemplar possíveis aspectos não resolvidos em sala de aula. Dentre as alternativas possíveis, foi apresentada a realização de um torneio universitário paralímpico. Os acadêmicos enxergam positivamente essa possibilidade, destacando a vivência diferenciada e a relação com acadêmicos de outras instituições.

Espera-se que com esse estudo outras pesquisas sejam realizadas de modo a caracterizar a abordagem do Esporte Paralímpico no curso de Educação Física, a partir de observação de aulas ou que mostrem novas alternativas extracurriculares para complementar as discussões realizadas nas disciplinas. Também sugere-se que, em torneios como o apresentado, possam ser avaliados os alunos que ainda não tiveram contato com o Esporte Paralímpico no seu curso e comparar com aqueles que já tiveram esse contato, buscando verificar o impacto que esse conteúdo tem na visão dos estudantes e a ampliação das perspectivas em cima do Esporte Paralímpico.

ARTIGO III - A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA AUXILIANDO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O CASO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Introdução

O profissional de Educação Física deve possuir saberes adquiridos através da teoria e da prática. Uma formação adequada é capaz de equilibrar esses dois fatores, de modo a suscitar no estudante reflexões acerca da intervenção e planejamento de atividades, auxiliando na construção de competências que possibilitarão uma atuação profissional qualificada.

Muitas vezes apenas a vivência em sala de aula não é suficiente para contemplar todas as reflexões necessárias para a aquisição desses saberes. Apesar da maioria das disciplinas oferecerem carga horária teórica e prática, em algumas ocasiões podem ser necessárias vivências extracurriculares para que esse conhecimento possa ser melhor compreendido.

Um dos conteúdos que necessita ser abordado de maneira mais profunda é o Esporte Paralímpico, pois tanto na licenciatura como no bacharelado, caracteriza um importante campo de atuação para o profissional de Educação Física, seja como ferramenta pedagógica na Educação Física Escolar, seja no treinamento de alto rendimento.

Devido a sua recente inserção nos currículos de Educação Física (RIBEIRO, ARAÚJO, 2004), dependendo do curso, ainda não há uma disciplina específica para esse conteúdo, sendo abordado como parte de outras disciplinas na área da Atividade Física Adaptada. Em cursos onde há essa disciplina, podem ser aprofundados conhecimentos sobre as modalidades e suas particularidades, como as deficiências específicas e processos de classificação funcional, além de abordagens do ponto de vista sociológico e pedagógico.

O papel da universidade é formar profissionais prontos para atender às demandas sociais. Dentre elas, está a maior participação de pessoas com deficiência em ambientes de

ensino, seja ele formal ou não-formal. A partir da LDB 9394/96, as escolas estão buscando estratégias para a inclusão de alunos com deficiência. Portanto, todos os profissionais da área da Educação devem estar preparados para atender a essa demanda.

Contudo, além da escola, as pessoas com deficiência procuram práticas corporais em outros ambientes, como academias, clubes, associações especializadas ou associações esportivas. O Esporte Paralímpico, como conteúdo da área da Atividade Física Adaptada é importante de ser trabalhado, pois caracteriza a principal prática corporal para pessoas com deficiência.

Além disso, assim como toda manifestação esportiva, o Esporte Paralímpico possui diversas vertentes, não apenas visando o alto rendimento, podendo ser trabalhada a iniciação esportiva, opção de lazer, ou ainda, como ferramenta pedagógica nas aulas de Educação Física. Somados os valores inerentes ao esporte, como cooperação, respeito às regras, autonomia, o Esporte Paralímpico traz outros valores como o respeito às diferenças e igualdade.

O Esporte Paralímpico evoluiu muito nos últimos anos, tornando-se uma importante área de trabalho para o profissional de Educação Física. Os processos de iniciação esportiva, treinamento, classificação e gestão esportiva devem ser compreendidos para que o profissional em formação possa lidar com qualidade com essas questões na sua atuação.

Após vários pareceres e resoluções, atualmente os cursos de Educação Física são obrigados a oferecerem carga horária de vivência prática. Para os cursos de licenciatura essa prática se dá através de experiências no ambiente escolar e no bacharelado poderiam ser vivências em modalidades esportivas ou atuando em projetos de extensão. A prática em modalidades esportivas auxilia no processo de construção de conhecimentos tal como o conhecimento pedagógico (MARCON, NASCIMENTO, GRAÇA, 2007).

Alternativas extracurriculares podem ser ferramentas úteis na aquisição de competências sobre o Esporte Paralímpico. Uma dessas alternativas podem ser os projetos de extensão, que proporcionam oportunidade de atuação profissional junto à comunidade no espaço da universidade. Essa oportunidade de contato com a comunidade é positiva na

formação de profissionais na área da Educação (FONSECA et al., 2000) e com a Educação Física não é diferente. Além disso, podem ser um importante espaço de vivência de modalidades esportivas, já que muito do aprendizado se dá a partir da prática.

A extensão universitária se tornou obrigatória em todas as Instituições de Ensino Superior a partir da Lei 5540/68. Além disso, caracteriza um espaço de contato com a comunidade, facilitando a articulação de saberes e formação crítica, proporcionando conhecimento adequado para o futuro profissional conseguir lidar com situações que vão além do conhecimento técnico-específico das disciplinas (ARROYO, DA ROCHA, 2010).

Desde 1987, na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – SP-Brasil (FEF/Unicamp), existem projetos de extensão que oferecem modalidades esportivas para pessoas com deficiência. Ao longo dos anos, foram realizadas práticas esportivas atendendo todas as deficiências, visual, física, intelectual e auditiva. Dentre as modalidades praticadas, podem ser citadas o atletismo, natação, lutas, esportes na natureza, futebol.

Atualmente são oferecidos o handebol em cadeira de rodas, rugby em cadeira de rodas, esgrima em cadeira de rodas, bocha paralímpica e voleibol sentado. Em todas elas, alunos de graduação e pós-graduação em Educação Física participam do planejamento e execução das atividades, além de jogarem junto com os atletas, auxiliando no crescimento das modalidades.

Dessa forma, o objetivo desse estudo foi verificar o impacto da participação de alunos de graduação em Educação Física no projeto de extensão, na sua formação profissional, através de suas reflexões sobre essa vivência e especificidades de cada modalidade.

Metodologia

Este trabalho caracteriza um estudo de caso, onde houve um detalhamento de um único caso, ou seja, o projeto de extensão da FEF/Unicamp, já que, segundo Thomas, Nelson e Silverman (2007), o estudo de caso não é somente estudo de um indivíduo, mas também de instituições, organizações, comunidades ou programas.

Foram entrevistados 10 alunos de graduação e pós-graduação em Educação Física, sem deficiência físico-motora e que participaram do projeto de extensão, no período entre o segundo semestre de 2011 e o segundo semestre de 2012, por pelo menos, durante um semestre. Ao longo desse período, eles puderam ter contato com as regras e fundamentos básicos de cada modalidade, participar do planejamento e execução das atividades, além de jogar com atletas com deficiência física.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo III). Maiores informações sobre amostra, idade, período do curso, habilitação e modalidade trabalhada, estão expostas na Quadro 6.

Na Universidade Estadual de Campinas, o aluno de Educação Física cursa os dois primeiros anos em um núcleo comum, por isso as acadêmicas que estavam no segundo semestre do curso, ainda não haviam optado pela licenciatura ou bacharelado. Além disso, após finalizar uma habilitação há a possibilidade de reingressar e cursar a outra habilitação, portanto os alunos do reingresso já haviam cursado outra habilitação.

Quadro 6 – Caracterização da Amostra

Sujeito	Sexo	Idade (anos)	Período do curso (sem.)	Habilitação	Cursou a disciplina Esporte Adaptado	Modalidade
A	F	22	6º.	Bacharelado	X	Voleibol Sentado
B	F	18	2º.	Comum	-	Voleibol Sentado
C	F	20	2º.	Comum	-	Voleibol Sentado
D	F	19	2º.	Comum	-	Voleibol Sentado
E	F	21	6º.	Bacharelado	X	Esgrima em Cadeira de Rodas
F	M	22	7º.	Bacharelado	X	Rugby em Cadeira de Rodas
G	M	22	9º.*	Bacharelado	X	Esgrima em Cadeira de Rodas
H	F	22	9º.*	Bacharelado	X	Handebol em Cadeira de Rodas / Voleibol Sentado
I	M	24	12º.*	Licenciatura	X	Rugby em Cadeira de Rodas
J	M	23	10º.	Licenciatura	-	Bocha Paralímpica

Legenda: Sem. – semestre; *reingresso

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, onde as perguntas eram relacionadas em como elas conheceram o projeto, principais motivos que as levaram a participar, contribuição da participação no projeto na formação profissional e opinião sobre as modalidades paradesportivas como ferramenta pedagógica.

Os dados foram analisados a partir da transcrição integral das entrevistas (Apêndices 7 a 16). Para a análise das respostas, foi utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), através de categorizações e agrupamento de conteúdos comuns, levando em consideração as afirmações dos sujeitos e o contexto em que estão inseridas, atentando-

se a frequência de determinados elementos no texto (MINAYO, 2004; MARCONI, LAKATOS, 2000; GIBBS, 2009).

Resultados e Discussão

A partir das respostas dos alunos, foi possível observar as seguintes categorias: conhecimento do projeto, motivações para a participação no projeto, contribuições e especificidades das modalidades. A análise das respostas, a seguir, levou em consideração cada tópico mencionado.

Primeiros contatos com o projeto e principais motivações

Segundo as respostas das entrevistas, os acadêmicos conheceram o projeto de diversas maneiras. Desde convites feitos durante disciplinas de estágio, até o interesse a partir da observação das atividades, na faculdade, passando pela participação em eventos paradesportivos. Isso caracteriza um relativo fácil acesso às modalidades, dependendo apenas do interesse do acadêmico em participar em determinada modalidade. De acordo com os acadêmicos, é importante conhecer todas as atividades que acontecem na faculdade, para poderem ter a oportunidade de realizar vivências na área, ajudando na aquisição de saberes e competências práticas e na escolha da atuação profissional.

Dentre os principais motivos que levaram os acadêmicos a participarem do projeto, aparecem o interesse pela área, possibilidade de conhecer uma nova área de atuação, interesse pela modalidade, possibilidade de pesquisa, oportunidade de trabalhar com pessoas com deficiência. Dessa forma, é possível observar que o paradesporto e as práticas corporais para pessoas com deficiência despertam interesse dos alunos de Educação Física, estabelecendo uma importante ligação entre teoria e prática.

Contribuições do projeto na formação profissional

De acordo com a opinião dos acadêmicos, a participação no projeto de extensão auxiliou no conhecimento prático e aprofundamento sobre o Esporte Paralímpico. Eles destacaram o conhecimento das regras e aspectos específicos do esporte adaptado, além de conhecer um pouco sobre como lidar com o aluno/atleta com deficiência, como pontos importantes na participação no projeto.

Para os entrevistados, é importante ter um conhecimento prático prévio para auxiliar na atuação profissional. Isso corrobora com o estudo de Darido (1995), onde a pesquisadora encontrou conhecimento prévio e possibilidade de relação com a teoria a partir da prática, como principais resultados. Segundo a autora, vivências práticas devem estar presentes durante todo o processo de formação.

Para os acadêmicos, a participação no projeto de extensão foi importante pela possibilidade de aprofundamento de conteúdos não abordados, ou abordados superficialmente nas disciplinas. Outro ponto destacado foi a possibilidade de um novo campo de trabalho. Ao conhecer a modalidade, eles passaram a se interessar mais pela área e podem atuar com esporte para pessoas com deficiência futuramente. Também foi mencionado o aprendizado dos fundamentos básicos da modalidade.

De acordo com Betti e Betti (1996), a prática deve estar presente como base nos currículos de Educação Física. Além disso, estabelecer relações entre teoria e prática, entre outras ações, auxiliam na formação de um profissional crítico e autônomo, facilitando que seus futuros alunos também o sejam. Essas características são importantes no trabalho com pessoa com deficiência em diferentes ambientes, onde o profissional consegue adaptar melhor as atividades de modo a qualificar a participação desse aluno.

Relacionando os motivos que tornam essa participação importante, os acadêmicos entrevistados acreditam que um projeto de extensão como alternativa extracurricular para vivência prática nos cursos de Educação Física, pode ser uma ferramenta interessante. Segundo eles, o projeto de extensão surge como uma nova possibilidade de vivência em um

ambiente diferente da sala de aula, onde podem ocorrer aprendizados diferentes, aquisição de saberes e ampliação de conhecimentos que serão úteis na atuação profissional.

Segundo Pereira (2011), a prática deve estar presente no curso desde o seu início e acompanhar todo o processo de formação profissional. Para o autor, é necessário equilibrar a teoria e prática, além de refletir sobre a teoria a partir da prática, através de feedbacks, auxiliando no processo de planejamento e discussões. A partir dessas reflexões é possível preparar a prática pedagógica dos futuros profissionais, para que sua intervenção vá além dos esportes institucionalizados (DA COSTA, NASCIMENTO, 2006).

Zeichner (2010) aponta uma desconexão entre teoria e campo de atuação e propõe a criação de um espaço híbrido para os cursos de licenciatura, onde haja intersecção escola/universidade, conectando teoria e prática e facilitando a transmissão de saberes. No caso específico deste estudo esse espaço foi o projeto de extensão, onde foi caracterizado um espaço diferente em que é possível conectar aspectos teóricos com a vivência prática.

Especificidades das modalidades

Os alunos comentaram as especificidades da modalidade trabalhada, com seus pontos positivos e negativos, além da possibilidade de utilizar a modalidade como ferramenta pedagógica em outros ambientes, com outras populações (Quadro 7).

Quadro 7 – Especificidades das modalidades

Modalidade	Positivos	Negativos
Rugby em Cadeira de Rodas	<ul style="list-style-type: none"> - ferramenta de reabilitação - inserção na universidade - fácil compreensão, a partir do entendimento da lógica do jogo - transferência de conhecimentos para outras modalidades coletivas 	<ul style="list-style-type: none"> - falta de investimentos - falta de conhecimento das características específicas da modalidade
Handebol em Cadeira de Rodas	<ul style="list-style-type: none"> - fácil adaptação 	<ul style="list-style-type: none"> - falta de material específico (cadeiras de rodas, rodas, eixos, pneus)
Esgrima em Cadeira de Rodas	<ul style="list-style-type: none"> - modalidade diferente - integração entre as categorias - muito espaço para crescimento 	<ul style="list-style-type: none"> - poucos lugares desenvolvendo a modalidade - preço dos materiais específicos, pois são importados
Voleibol Sentado	<ul style="list-style-type: none"> - fácil adaptação - complexidade dos fundamentos - visão diferenciada sobre o voleibol - fácil vivência da modalidade - cooperação, trabalho em grupo - aprendizado de todos os fundamentos do voleibol 	<ul style="list-style-type: none"> Não foram apontados pontos negativos
Bocha Paralímpica	<ul style="list-style-type: none"> - boa opção de prática para paralisados cerebrais - jogo atrativo, de fácil compreensão - jogo inteligente - fácil adaptação 	<ul style="list-style-type: none"> - diferença de qualidade e preço entre o material nacional e internacional

Quanto a possibilidade de levar as modalidades para outros ambientes, com outras populações, como por exemplo uma aula de Educação Física Escolar, os alunos foram unânimes em considerar suas modalidades como ferramentas pedagógicas possíveis de trabalhar em diversos ambientes, com diversas populações. Para os acadêmicos, apesar de algumas dificuldades para adaptação dos materiais específicos de algumas modalidades, como cadeiras de rodas, todas as modalidades possuem conteúdos importantes a serem

abordados, como apreendido dos fundamentos específicos dos esportes, conhecimento sobre o Esporte Paralímpico e as deficiências, além do respeito às diferenças.

No caso do rugby em cadeira de rodas, muitos dos aspectos táticos, como a transição ofensiva e defensiva “...é interessante enxergar isso em outros esportes”. Dessa forma, pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica diferente para aumentar o conhecimento tático dos alunos em diferentes modalidades coletivas convencionais. O mesmo pode-se aplicar à bocha paralímpica, onde o estímulo ao desenvolvimento cognitivo e à coordenação motora fina, em que “O controle motor, o entendimento sobre o seu corpo, sobre a força que você arremessa a bola”, tornam sua prática interessante para o desenvolvimento dos alunos.

A vivência de modalidades paradesportivas também pode auxiliar na aquisição de habilidades motoras específicas de cada modalidade, podendo transferir esse conhecimento adquirido para a modalidade convencional, como no voleibol sentado, handebol em cadeira de rodas e esgrima em cadeira de rodas. Segundo os alunos, o uso dessas modalidades como ferramenta pedagógica, auxilia na aprendizagem de fundamentos das modalidades, através de uma experiência em uma modalidade diferente.

Assim, ao levar o paradesporto para outros ambientes, podem ser trabalhadas atividades que proporcionam vivências motoras diferenciadas, auxiliando no desenvolvimento do aluno, além de inserir aspectos referentes à inclusão e respeito às diferenças (MUNSTER et al., 2008).

A participação no projeto de extensão mudou a visão dos alunos sobre o Esporte Paralímpico. Nas suas respostas eles destacam aspectos referentes ao respeito à pessoa com deficiência, conhecimento da complexidade de modalidade paradesportivas e maior interesse em obter informações sobre o Esporte Paralímpico, como por exemplo, resultados das Seleções Brasileiras em competições internacionais.

Considerações Finais

O Esporte Paralímpico necessita de maior espaço nos cursos de Educação Física, para que os alunos possam lidar melhor com esse assunto. A partir da prática é possível refletir sobre a teoria, tornando o profissional autônomo, com uma prática pedagógica adequada para qualquer população.

Ainda existe um pequeno número de disciplinas específicas para esse conteúdo, portanto muitas vezes não há tempo para discutir e refletir sobre todas as suas possibilidades e vivenciar as modalidades de maneira adequada. Nesse cenário os projetos de extensão podem ser uma alternativa interessante para aprofundamento de conteúdos abordados superficialmente nas disciplinas, através da vivência prática e contato com a comunidade.

No caso específico deste estudo, as modalidades trabalhadas mostraram-se ferramentas pedagógicas interessantes que, apesar de algumas vezes ser difícil a obtenção do material específico, sua adaptação pode ser realizada de maneira satisfatória e a complexidade motora de sua prática possibilita serem trabalhadas em diversos ambientes, cabendo ao professor de Educação Física escolher o melhor momento para aplicar esse conteúdo, de acordo com os objetivos.

É inegável o valor que a experiência em projetos de extensão promove aos estudantes de Educação Física, entretanto este estudo focou apenas a experiência da Faculdade de Educação Física da Unicamp, onde as atividades ocorrem dentro da universidade. Sugere-se para novas pesquisas, investigar os monitores desses projetos em outros ambientes, para que outras realidades que poderão influenciar a prática desses acadêmicos possam ser analisadas.

ENCERRAMENTO

A partir dos resultados encontrados até o presente momento, é possível perceber que o Esporte Paralímpico é um conteúdo importante na formação do profissional de Educação Física. Tanto os docentes que trabalham com esse conteúdo em suas disciplinas, quanto os acadêmicos que vivenciaram em sua formação, seja em sala de aula, seja em espaços extracurriculares, reconheceram a sua importância. Devido aos resultados conquistados nas últimas participações brasileiras em Paralimpíadas, houve um aumento de divulgação por parte da mídia, resultando em um aumento da demanda. Além disso, com a inclusão escolar, cada vez mais pessoas com deficiência buscarão acesso a práticas esportivas.

O primeiro capítulo buscou sistematizar as práticas pedagógicas dos docentes no trabalho do Esporte Paralímpico, na universidade. Para eles, os acadêmicos devem ter contato com esse conteúdo, tanto teórico, quanto prático, pois há um aumento da demanda e essa prática é uma possibilidade ao atuar com a população com deficiência. Além disso, o Esporte Paralímpico de alto rendimento vem recebendo maior atenção da mídia e o profissional de Educação Física deve estar capacitado para atender ao mercado de trabalho.

O segundo capítulo verificou a percepção dos acadêmicos sobre a vivência prática do Esporte Paralímpico durante o curso e as principais contribuições e influências na formação profissional. Também foi observada a opinião deles sobre a realização de um torneio entre diferentes universidades, como alternativa extracurricular de vivência. Para eles, o Esporte Paralímpico é um importante conteúdo da Educação Física e a vivência prática, parte fundamental do processo de aprendizagem. Entretanto, consideram que necessitam de mais tempo de contato com esse conteúdo e apontaram o torneio como uma importante ferramenta de aprendizado, possibilitado por um espaço extracurricular.

No terceiro capítulo, foi investigada a relevância da participação de acadêmicos em Educação Física em projetos de extensão, de modalidades paradesportivas. Os entrevistados foram unânimes em destacar essa participação, como parte importante na formação profissional, através do contato direto com a área de atuação. Para eles, esses espaços

auxiliam no aprofundamento do conteúdo aprendido em sala de aula, promovendo maiores reflexões e construção de saberes e competências.

Para todos os sujeitos da pesquisa (docentes e acadêmicos), a vivência prática foi considerada importante para uma melhor aprendizagem dessa prática esportiva, sendo destacados pontos como a vivência nas modalidades e de novas experiências, conhecimento de novos conteúdos e experimentar a condição de deficiência. Esses fatores são importantes para a atuação futura.

Estratégias como aulas expositivas, palestras com atletas, aulas práticas, contato com material virtual, debates, produção de material parecem ser meios interessantes para um trabalho consistente com o Esporte Paralímpico, expandindo as possibilidades de contato e vivência. Não obstante, a oportunidade de vivenciar a prática em outros ambientes como instituições especializadas, projetos de extensão e clubes esportivos também merece destaque.

Todavia, muitas vezes, são enfrentadas dificuldades referentes ao acesso a espaço e equipamentos específicos, por isso é importante que os professores conheçam o conteúdo a ser trabalhado, para poderem realizar adaptações e, assim, transmitir o conhecimento da melhor forma possível.

Alternativas extracurriculares aparecem como alternativas positivas para oferecimento desse conteúdo, trazendo experiências e aquisição de saberes que, muitas vezes, não são possíveis nas disciplinas. Dentre elas destacamos, nesse trabalho, a realização de um torneio entre os próprios alunos, onde a situação de competição na condição de deficiência, conhecimento das modalidades e contato com outros alunos, foram indicados como pontos positivos. Outra possibilidade é a participação em um projeto de extensão, em que a possibilidade de contato com a comunidade e vivência de situações não abordadas nas disciplinas caracterizam a importância dessa experiência.

A partir da participação no projeto de extensão, segundo os alunos, é possível aprofundar o conhecimento adquirido na sala de aula, através da vivência do dia-a-dia de treinamento de atletas com deficiência ou de praticar uma modalidade em condição de

deficiência. Além disso, foram destacadas outras experiências, como participação em campeonatos, contato com outros atletas e outras realidades, bem como oportunidade de gerenciar uma equipe.

É possível perceber que o Esporte Paralímpico ganha importância na formação do profissional de Educação Física, portanto, os alunos devem ter a oportunidade de vivenciar, refletir e discutir sobre a melhor forma de abordar esse conteúdo em diversos ambientes e em diversas populações. Não obstante, foi possível observar que alternativas extracurriculares auxiliam em uma melhor compreensão desse conteúdo.

Para confirmar essas análises e realizar novas reflexões sugerem-se que mais pesquisas sejam realizadas com docentes, no sentido de comparar a prática com o plano de aulas e a ementa das disciplinas, utilizando-se, também, de filmagens das aulas, favorecendo a observação da prática pedagógica realizada. Com os acadêmicos, sugere-se que novos estudos abordem outras alternativas extracurriculares, além dos projetos de extensão e o torneio.

Novos estudos podem avaliar acadêmicos e docentes de outras regiões, analisando novas realidades, de modo a comparar o conhecimento produzido e a abordagem do Esporte Paralímpico, para que, a partir dessas novas reflexões, possam ser desenvolvidas estratégias para melhoras na formação do profissional de Educação Física em Esportes Paralímpicos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. S.; DUARTE, E. Educação inclusiva: um estudo na área da Educação Física. In: **Revista Brasileira de Educação Especial**. v. 11, n. 2, pp. 223-240, 2005.

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998.

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2011.

ARROYO, D. M. P.; DA ROCHA, M. S. P. M. L. Meta-avaliação de uma extensão universitária: um estudo de caso. **Avaliação**, v.15, n.2, pp.135-161, 2010.

BALBINO, H. F.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte e os jogos desportivos coletivos na ótica das inteligências múltiplas. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

BETTI, I. C. R.; BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Motriz**, v.2, n.1, 1996.

BENTO, J.O. Do futuro do desporto e do desporto do futuro. In: Julio Garganta (Ed.): **Horizontes e órbitas nos treinos desportivos**. FCDEF, Universidade do Porto, 2000.

BENTO, J. O. **Desporto: Discurso e Substância**. Campo das Letras, 2004.

BENTO, J. O. Pedagogia do desporte: definições, conceitos e orientações. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Org.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BORELLA, D. R. **Atividade Física Adaptada no contexto das Matrizes Curriculares dos Cursos de Educação Física**. 166f. Tese (Doutorado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

BRITAIN, I. **The Paralympic Games Explained**. New York: Routledge, 2010.

CALDEIRA, A. M. S. A formação de professores de Educação Física: quais saberes e quais habilidades? In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 22, n. 3, pp. 87-103, 2001.

CIDADE, R. E. A.; FREITAS, P. S. **Introdução à Educação Física e ao Desporto para Pessoas Portadoras de Deficiência**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

COSTA, A. M.; OLIVEIRA FILHO, C. W. A Educação Física e o Esporte Paralímpico. In: MELLO, M. T.; OLIVEIRA FILHO, C. W (org.). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

DA COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO, J. V. Prática pedagógica de professores de Educação Física: conteúdos e abordagens pedagógicas. **Revista da Educação Física**, v.17, n.2, pp.161-167, 2006.

DARIDO, S. C. Teoria, prática e reflexão na formação profissional em Educação Física. **Motriz**, v.1, n.2, pp. 124-128, 1995.

DE PAUW, K. P.; GAVRON, S. J. **Disability and Sport**. Human Kinetics: Champaign, 1995.

FONSECA, M. C. F. R.; PEREIRA, J. E. D.; JANNES, C. E.; SILVA, L. P. O significado de um projeto de extensão universitária na formação inicial de educadores de jovens e adultos. **Anais da 23ª. Reunião Anual da Anped**. Caxambu – MG, Edição Eletrônica, 2000.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. COSTA, R. C. (trad.). Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES, N. M. **Análise da disciplina de Educação Física Especial nas Instituições de Ensino Superior públicas do estado do Paraná.** 198f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GORGATTI, M.; DE ROSE JR., D. Percepções dos professores quanto à inclusão de alunos com deficiência em aulas de Educação Física. In: **Movimento.** v. 15, n. 2, pp. 119-140, 2009.

GORGATTI, M. G., PENTEADO, S. H. N. W., PINGE, M. D., DE ROSE JR., D. Atitudes dos professores de educação física do ensino regular com relação a alunos portadores de deficiência. In: **Revista Brasileira de Ciência e Movimento.** v.12, n.2, pp.63-68, 2004.

HOWE, David. **Sport, professionalism and pain: ethnographies of injury and risk.** New York: Routledge, 2004.

HOWE, P. D. **The cultural politics of the Paralympic Movement through an anthropological lens.** New York: Routledge, 2008.

LEONARDO, N. S. T.; BRAY, C. T.; ROSSATO, S. P. M. Inclusão escolar: um estudo acerca da implantação da propostas em escolas de Ensino Básico. In: **Revista Brasileira de Educação Especial.** v. 15, n. 9, pp. 289-306, 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LIU, Y.; KUDLÁČEK, M.; JEŠINA, O. The influence of Paralympic School Day on children's attitudes towards people with disabilities. In: **Acta Univ. Palacki. Olomuc.** v. 40, n. 2, pp. 63-69, 2010.

MARCON, D.; NASCIMENTO, J. V.; GRAÇA. A. B. S. A construção das competências pedagógicas através da prática como componente curricular na formação inicial em Educação Física. In: **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes.** v.21, n.1, pp.11-25, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução das pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARQUES, R. F. R.; DUARTE, E.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, J. J. G.; MIRANDA, T. J. Esporte olímpico e paralímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.4, p.365-77, out./dez. 2009.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 13, n. 3, p.225-244, set/dez, 2007.

MAUERBERG-DECASTRO, E. **Atividade Física Adaptada.** Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MUNSTER, M. A. V. et al. **Goalball: invertendo o jogo da inclusão.** Campinas: Autores Associados, 2008.

NAHAS, M. V.; DE BEM, M. F. L. Perspectivas e tendências da relação teoria e prática na Educação Física. **Motriz**, v. 3, n. 2, 1997.

NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; MARCON, D.; SAAD, M. A.; COLLET, C. Formação acadêmica e intervenção pedagógica nos esportes. In: **Motriz**. v. 15, n. 2, pp. 358-366, 2009.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. In: **Educação & Sociedade**. n. 74, pp. 27-42, 2001.

PAES, R. R. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

PAES, R. R. Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, supl. 5, p. 171, set. 2006.

PANAGIOTOU, A. K.; EVAGGELINOU, C.; DOULKERIDOU, A.; MOURATIDOU, K.; KOIDOU, E. Attitudes of 5th and 6th grade Greek students toward the inclusion of children with disabilities in Physical Education cases after a Paralympic education program. In: **European Journal of Adapted Physical Activity**. v. 1, n. 2, pp. 31-43, 2008.

PEDRINELLI, V. J.; NABEIRO, M. A prática do esporte pela pessoa com deficiência na perspectiva da inclusão. In: MELLO, M. T.; OLIVEIRA FILHO, C. W (org.). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

PEREIRA, J. E. D. A prática curricular como componente na formação de professores. **Educação**, v. 36, n. 2, 2011.

REZER, R.; FENSTERSEIFER, P. E. Docência em Educação Física: reflexões acerca de sua complexidade. In: **Pensar a Prática**. v. 11, n. 3, pp. 319-329, 2008.

RIBEIRO, S. M. **O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiências nas aulas de Educação Física**. 169f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009.

RIBEIRO, S. M.; ARAÚJO, P. F. A formação acadêmica refletindo na expansão do desporto adaptado: uma abordagem brasileira. In: **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. v. 25, n. 3, pp. 57-69, 2004.

RODRIGUES, D. A Educação Física perante à Educação Inclusiva: reflexões conceptuais e metodológicas. In: **Revista da Educação Física**. v. 14, n. 1, pp. 67-73, 2003.

SALERNO, M. B.; ARAÚJO, P. F. Esporte adaptado como tema da Educação Física escolar. In: **Conexões**. v.6, pp. 212-221, 2008.

SILVA, A. J. **Esporte Educacional e Deficiência: encontros esportivos no contexto escolar**. 106f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

STEVENSON, P. The pedagogy of inclusive youth Sport: working towards situation. In: FITZGERALD, H. (org.) **Disability and Youth Sport**. Abingdon: Routledge, 2009.

TAVARES, J. E. B.; KRUG, H. N. Formação do profissional em educação física: um olhar para o processo de inclusão e inserção social. In: **Revista do Centro de Educação**. n. 21, 2003.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. Tradução Denise Regina Sales, Márcia dos Santos Dornelles. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

THOMAS, N.; SMITH, A. **Disability, Sport and Society: na introduction**. New York: Routledge, 2009.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; FERNANDES, R. Competência profissional percebida: um estudo com estudantes de Educação Física em formação inicial. In: **Revista da Educação Física**. v. 17, n. 1, pp. 95-105, 2006.

VUTE, R. Scoring skills performances of top international men's sitting volleyball teams. **Gymnica**. v.29, n.2, pp.55-62, 1999.

WILHITE, B.; MUSHETT, C. A.; GOLDENBERG, L.; TRADER, B. R. Promoting inclusive sport and leisure participation: evaluation of Paralympic Day in the schools model. In: **Adapted Physical Activity Quarterly**. v. 14, pp. 131-146, 1997.

WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. Barueri: Manole, 2004.

XAFOPOULOS, G.; KUDLÁČEK, M.; EVAGGELINOU, C. Effect of the intervention program “Paralympic School Day” on attitudes of children attending international school towards inclusion of students with disabilities. In: **Acta Univ. Palacki. Olomuc.** v. 39, n. 4, pp. 63-71, 2009.

ZEICHNER, K. Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades. **Educação**, v.35, n.3, pp.479-504, 2010.

ANEXOS

Anexo I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (DOCENTES)

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

Departamento de Estudos da Avaliação Motora Adaptada

O ESPORTE PARAOLÍMPICO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: DISCURSO DOS PROFESSORES E VISÃO DOS ACADÊMICOS

Objetivo: Investigação da abordagem do Esporte Paraolímpico nas disciplinas dos cursos de Educação Física, através do discurso dos docentes e a visão dos acadêmicos sobre a vivência prática desse conteúdo e sua relevância na formação profissional. **Procedimentos da Pesquisa:** Caso você aceite participar, você irá realizar uma entrevista de caráter semi-estruturado. O objetivo da entrevista será verificar a sua prática no ensino do Esporte Paraolímpico, a partir das estratégias metodológicas, processo de ensino e aprendizagem, facilidades e dificuldades. A entrevista será gravada em vídeo, transcrita literalmente e analisada. **Desconforto e riscos de participação:** Ao participar desta pesquisa, não estão previstos desconforto, uma vez que não serão utilizados procedimentos invasivos ou exaustivos. **Benefícios da Pesquisa:** Você não terá nenhum benefício com sua participação, mas estará ajudando o aumento de pesquisas relacionadas à abordagem do Esporte Paraolímpico na formação do profissional em Educação Física, a partir de informações sobre a prática docente. **Esclarecimentos:** Você é convidado a participar da pesquisa, portanto não é obrigado a aceitar e pode se recusar ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem qualquer problema. Para isso basta falar com o pesquisador. Em qualquer momento, você poderá pedir mais informações ou esclarecimentos sobre a pesquisa e sua participação. Para informações ou reclamações sobre os aspectos éticos você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp, telefone (19) 3521-8936 ou pelo e-mail cep@fcm.unicamp.br. **Confidencialidade:** A sua identidade e de todos os voluntários serão mantidas em total sigilo, tanto pelo pesquisador como pela instituição onde será realizada a pesquisa. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em palestras, cursos, conferências, periódicos científicos ou outra forma de divulgação que possa transmitir os conhecimentos para a sociedade e profissionais da área, sempre sem nenhuma identificação dos participantes. **Gastos Adicionais:** Caso você tenha gastos com transporte até o local da pesquisa, o pesquisador irá devolver esse dinheiro para você logo após a coleta dos dados. Uma cópia deste texto será entregue em mãos ao voluntário podendo este permanecer com ela. Após ler e compreender as informações acima, eu _____ estou suficientemente informado a respeito da pesquisa, conforme descrita acima ou que foram lidas para mim, e concordo em participar voluntariamente neste estudo. Confirmando que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do Participante Voluntário

Data: ____/____/____

Assinatura do Pesquisador

Data: ____/____/____

Endereço Telefone e e-mail do Comitê de Ética em Pesquisa/FCM/UNICAMP para possíveis reclamações referentes aos aspectos éticos da pesquisa. Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126 – CEP 13083-887 Campinas – SP Fone (019) 3521-8936 ou 3521-7187 e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Luís Gustavo de Souza Pena – 19 9805-6191
pena_fef06@yahoo.com.br

José Júlio Gavião de Almeida - 19 3521 6616
gaviao@fef.unicamp.br

Anexo II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ACADÊMICOS)

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

Departamento de Estudos da Avaliação Motora Adaptada

O ESPORTE PARAOLÍMPICO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E ACADÊMICOS

Objetivo: Investigação da abordagem do Esporte Paraolímpico nas disciplinas dos cursos de Educação Física, através do discurso dos docentes e a visão dos acadêmicos sobre a vivência prática desse conteúdo e sua relevância na formação profissional. **Procedimentos da Pesquisa:** Caso você aceite participar, você irá preencher um questionário. O objetivo deste instrumento é avaliar a relevância do conteúdo Esporte Paraolímpico na sua formação profissional e a importância da vivência prática desse conteúdo. O questionário será composto por questões fechadas e uma questão aberta, com respostas variando de 0 (não se aplica) a 4 pontos (concordo totalmente) **Desconforto e riscos de participação:** Ao participar desta pesquisa, não estão previstos desconforto, uma vez que não serão utilizados procedimentos invasivos ou exaustivos. **Benefícios da Pesquisa:** Você não terá nenhum benefício com sua participação, mas estará ajudando o aumento de pesquisas relacionadas à abordagem do Esporte Paraolímpico na formação do profissional em Educação Física, a partir de informações sobre a vivência prática desse conteúdo. **Esclarecimentos:** Você é convidado a participar da pesquisa, portanto não é obrigado a aceitar e pode se recusar ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem qualquer problema. Para isso basta falar com o pesquisador. Em qualquer momento, você poderá pedir mais informações ou esclarecimentos sobre a pesquisa e sua participação. Para informações ou reclamações sobre os aspectos éticos você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp, telefone (19) 3521-8936 ou pelo e-mail cep@fcm.unicamp.br. **Confidencialidade:** A sua identidade e de todos os voluntários serão mantidas em total sigilo, tanto pelo pesquisador como pela instituição onde será realizada a pesquisa. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em palestras, cursos, conferências, periódicos científicos ou outra forma de divulgação que possa transmitir os conhecimentos para a sociedade e profissionais da área, sempre sem nenhuma identificação dos participantes. **Gastos Adicionais:** Caso você tenha gastos com transporte até o local da pesquisa, o pesquisador irá devolver esse dinheiro para você logo após a coleta dos dados. Uma cópia deste texto será entregue em mãos ao voluntário podendo este permanecer com ela.

Após ler e compreender as informações acima, eu _____ estou suficientemente informado a respeito da pesquisa, conforme descrita acima ou que foram lidas para mim, e concordo em participar voluntariamente neste estudo. Confirmando que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do Participante Voluntário

Data: ____/____/____

Assinatura do Pesquisador

Data: ____/____/____

Endereço Telefone e e-mail do Comitê de Ética em Pesquisa/FCM/UNICAMP para possíveis reclamações referentes aos aspectos éticos da pesquisa.

Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126 – CEP 13083-887 Campinas – SP

Fone (019) 3521-8936 ou 3521-7187 e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Luís Gustavo de Souza Pena – 19 9805-6191
pena_fef06@yahoo.com.br

José Júlio Gavião de Almeida - 19 3521 6616
gaviao@fef.unicamp.br

Anexo III – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PROJETO DE EXTENSÃO)

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

Departamento de Estudos da Avaliação Motora Adaptada

O ESPORTE PARAOLÍMPICO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E ACADÊMICOS

Objetivo: Investigação da abordagem do Esporte Paraolímpico nas disciplinas dos cursos de Educação Física, através do discurso dos docentes e a visão dos acadêmicos sobre a vivência prática desse conteúdo e sua relevância na formação profissional. **Procedimentos da Pesquisa:** Caso você aceite participar, você irá participar de uma entrevista, de caráter semi-estruturado. O objetivo deste instrumento é avaliar a relevância do conteúdo Esporte Paraolímpico na sua formação profissional e a importância da vivência prática desse conteúdo, através da sua participação em um projeto de extensão. **Desconforto e riscos de participação:** Ao participar desta pesquisa, não estão previstos desconforto, uma vez que não serão utilizados procedimentos invasivos ou exaustivos. **Benefícios da Pesquisa:** Você não terá nenhum benefício com sua participação, mas estará ajudando o aumento de pesquisas relacionadas à abordagem do Esporte Paraolímpico na formação do profissional em Educação Física, a partir de informações sobre a vivência prática desse conteúdo. **Esclarecimentos:** Você é convidado a participar da pesquisa, portanto não é obrigado a aceitar e pode se recusar ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem qualquer problema. Para isso basta falar com o pesquisador. Em qualquer momento, você poderá pedir mais informações ou esclarecimentos sobre a pesquisa e sua participação. Para informações ou reclamações sobre os aspectos éticos você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp, telefone (19) 3521-8936 ou pelo e-mail cep@fcm.unicamp.br. **Confidencialidade:** A sua identidade e de todos os voluntários serão mantidas em total sigilo, tanto pelo pesquisador como pela instituição onde será realizada a pesquisa. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em palestras, cursos, conferências, periódicos científicos ou outra forma de divulgação que possa transmitir os conhecimentos para a sociedade e profissionais da área, sempre sem nenhuma identificação dos participantes. **Gastos Adicionais:** Caso você tenha gastos com transporte até o local da pesquisa, o pesquisador irá devolver esse dinheiro para você logo após a coleta dos dados. Uma cópia deste texto será entregue em mãos ao voluntário podendo este permanecer com ela. Após ler e compreender as informações acima, eu _____ estou suficientemente informado a respeito da pesquisa, conforme descrita acima ou que foram lidas para mim, e concordo em participar voluntariamente neste estudo. Confirmando que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do Participante Voluntário

Data: ____/____/____

Assinatura do Pesquisador

Data: ____/____/____

Endereço Telefone e e-mail do Comitê de Ética em Pesquisa/FCM/UNICAMP para possíveis reclamações referentes aos aspectos éticos da pesquisa.

Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126 – CEP 13083-887 Campinas – SP

Fone (019) 3521-8936 ou 3521-7187 e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Luís Gustavo de Souza Pena – 19 9805-6191
pena_fef06@yahoo.com.br

José Júlio Gavião de Almeida - 19 3521 6616
gaviao@fef.unicamp.br

ANEXO IV – QUESTIONÁRIO

Prezado(a) Acadêmico(a):

O presente questionário tem por objetivo identificar a opinião dos acadêmicos de Educação Física sobre seu conhecimento e experiências em esporte paraolímpico, vivenciados na disciplina do seu curso. Você não precisa se identificar, apenas assinalar uma alternativa em cada questionamento ou descrever sua opinião, de acordo com o solicitado e correspondendo aquela resposta que melhor se adéqua ao seu grau de concordância. Desde já agradecemos a colaboração.

DADOS PESSOAIS:

Idade: _____ anos. Período do Curso: _____ Sexo: () masculino () feminino
Curso: () Bacharelado () Licenciatura () Licenciatura Plena

Já atua na área: () Sim () Não Se sim, em qual atividade?

Nome da(s) Disciplina(s) (relacionada à Educação Física e/ou Esporte Adaptado): _____

Afirmações	Não se aplica	Discordo totalmente	Discordo quase totalmente	Concordo quase totalmente	Concordo totalmente
1. Tinha conhecimento sobre esporte paraolímpico antes de iniciar meu curso de Educação Física.	0	1	2	3	4
2. Já trabalhei com esporte para pessoas com deficiência antes de meu ingresso na faculdade	0	1	2	3	4
3. Considero importante a presença do esporte paraolímpico na grade curricular do curso de Educação Física.	0	1	2	3	4
4. Considero importante a vivência prática do esporte paraolímpico como ferramenta pedagógica	0	1	2	3	4

nos cursos de Educação Física.					
5. Considero a carga horária da disciplina suficiente para a compreensão dos conteúdos do esporte paraolímpico	0	1	2	3	4
6. Considero que as vivências práticas de esporte paraolímpico enriqueceram minha formação.	0	1	2	3	4
7. Acredito que o esporte paraolímpico deva estar presente como conteúdo de outras disciplinas	0	1	2	3	4
8. Pretendo participar de cursos e eventos sobre esporte paraolímpico.	0	1	2	3	4
9. Acredito que o esporte paraolímpico deve ser ensinado em ambientes de educação <u>formal</u> (escola).	0	1	2	3	4
10. Acredito que o esporte paraolímpico deve ser ensinado em ambientes de educação <u>não formal</u> (clubes, escolinhas de esportes etc.).	0	1	2	3	4
11. Os conteúdos do esporte paraolímpico podem ser ensinados também para pessoas sem deficiência	0	1	2	3	4
12. Os conteúdos do esporte paraolímpico devem ser ensinados também para pessoas sem deficiência	0	1	2	3	4
13. Com o que foi aprendido em meu curso de graduação, sinto-me preparado de trabalhar com esporte paraolímpico.	0	1	2	3	4
14. Pretendo atuar com esporte paraolímpico futuramente.	0	1	2	3	4

15. Você acredita ser importante a participação de alunos de graduação em Educação Física em campeonatos de modalidades paraolímpicas extraclasse? Por quê?

APÊNDICES

Apêndice 1 – Entrevista com professor A

Primeiros contatos com o Esporte Paralímpico

1. Como você conheceu o esporte paraolímpico?

Como eu conheci o esporte paraolímpico? Durante a graduação, né? Participando de um grupo de estudo. Na verdade o meu envolvimento com a questão da adaptada foi porque eu nem era do grupo. Eles...é...convocaram pessoas na faculdade que gostariam de trabalhar como voluntários no primeiro Mundial de Goalball, que aconteceu aqui no Brasil em 2002. E aí eu participei disso. Depois eu entrei para o grupo de estudo.

Então foi extracurricular?

Extracurricular.

Antes de entrar na graduação, você não tinha nenhum conhecimento?

Não, antes não.

Experiência

2. Qual a sua experiência com esporte paraolímpico?

Qual a minha experiência? Eu sou árbitra de goalball. Agora com nível internacional, apesar de não estar atuando tanto, porque quando você começa a trabalhar, é difícil você conseguir dispensa para ir para esses lugares. Mas eu trabalhei como árbitra de goalball, como staff. Até 2003 eu trabalhei como staff em campeonatos e depois de 2003 eu comecei a atuar como árbitra.

Só na modalidade do goalball?

Só na modalidade do goalball.

E você participou de algum campeonato internacional?

É eu...eu participei do Mundial então em 2002 e em 2007 do Mundial de Cegos e do Pan-americano de Cegos, Jogos Pan-americanos de Cegos, que foi uma vez aqui no Brasil, também. Então jogos internacionais só os que vieram pro Brasil que eu participei. São esses daí, esses três.

Métodos e meios

3. Como você trabalha os conteúdos do esporte paraolímpico nas disciplinas que você ministra?

Então...ah...nas disciplinas que eu ministro existe essa...uma divisão clara. Então a primeira disciplina que é Educação Física para Pessoas com Necessidades Especiais ela é mais introdutória, com caráter até um tanto quanto médico, da saúde. Então das definições, mesmo, das patologias, o que isso implica, é...de limitações e como trabalhar isso. Aí eu enfoco nas potencialidades e eu sempre cito os...os esportes paraolímpicos, que é o que as pessoas, que nem, ah, o deficiente visual, qual as modalidades paraolímpicas que tem? Mas eu não me aprofundo, eu só cito. E nesse caso é...eu não tenho aulas práticas. Eu não teria abertura pra essa aula prática. Só que eu acho que fica falho, né? Sem a experiência prática ou direta, ou indireta com a pessoa com deficiência. Então normalmente o que eu faço, eu proponho isso. Então eu tento negociar com a faculdade o espaço pra prática e a gente faz algumas atividades, mas mais no sentido de orientação de mobilidade no começo do que do esporte, mesmo. E aí a gente entra em iniciação esportiva, não necessariamente nas modalidades em si. Já na segunda disciplina, que é Esportes Adaptados, aí diferencia, né? A primeira que eu falei é da licenciatura, a segunda disciplina do bacharelado. Mas a grande maioria dos alunos saem da licenciatura e fazem o bacharelado, porque é um ano só pra complementar. E aí na de Esportes Adaptados a gente já tem um caráter mais...um caráter mais do esporte. Então eu defino, eu contextualizo o que que é o esporte adaptado no Brasil, não só o paraolímpico, mas Special Olympics é...tem instituto de paraplegia, tem de PC's, na verdade, tem a questão dos surdos, como isso funciona. Então eu passo por essa

organização esportiva e depois a gente entra em algumas modalidades. Nunca dá tempo de abordar todas. E assim, tem modalidade, por exemplo, basquete em cadeira de rodas, que eu precisaria das cadeiras de rodas. Então eu dou aquelas modalidades que não preciso de tanto recurso assim.

E como você poderia dividir os conteúdos, principalmente na de Esportes Adaptados, entre teórico e prático? Questão de porcentagem, assim. Quanto de teórico, quanto de prático?

Porcentagem? Eu acho que...ah, ela é...ela é bem prática, na verdade. Eu dou...são 15 encontros, eu dou cinco encontros...é que, na verdade, tem toda a parte também das provas, né? Então vão ter, pelo menos, quatro encontros que vão ser em relação a prova. Então me sobram, mais ou menos, 11 encontros. Então deve ser 50%. Porque eu dou mesmo, primeiro o contexto de...da área de adaptada. Eu retomo isso. Apesar que agora...porque na primeira vez que eu dei, eu precisei retomar bem isso, porque tinha alguns conceitos que eles nem entendiam, de inclusão e tal. Mas agora as turmas que já passaram por mim, a coisa vai mais rápido. Mas deve ser isso. Eu devo dar umas três, quatro aulas teóricas, porque eu divido em uma de esportes paraolímpicos, onde eu abordo esportes de verão, esportes de inverno e a organização do esporte paraolímpico, de onde que vem a verba, como essa verba é distribuída, quais são as instituições que existem, como que funciona internacionalmente e nacionalmente, quais as diferenças. Eu comparo com o esporte olímpico, pra eles entenderem qual é a diferença, qual é o impacto disso. Depois eu vou falar de Special Olympics e vou falar das outras...das outras instituições, como as de surdos, outras manifestações. Então eu tenho essas três, mais ou menos três aulas e depois eu devo ter umas seis que aí é de modalidade. Aí as modalidades eu tento dividir entre deficiente físico e deficiente visual.

- 4. Quais seriam as estratégias de ensino que você utiliza para trabalhar os conteúdos? Porque como você citou esportes de inverno, se você puder falar como você trabalha os de verão como os de inverno.**

Então, normalmente os de inverno eu conto historinhas e mostro vídeos, né? Do que seria cada um, o que aparece no Pan, o que aparece nas...nas Paraolimpíadas de Inverno e trabalho com vídeos. Aí os...os de verão, eu já mostro também...mostro todos quais são, quais o Brasil tem medalha é...quais são...mais fáceis em recursos pra ser trabalhado, então pra ser massificado, quais são mais difíceis e...aí trabalho com vídeos também, porque outra coisa que eu trabalho nessa disciplina, mas aí mais com vídeo ou na...na aula, ou às vezes, eu tive alunos que trabalham com...é em Limeira, né, a instituição...eu tenho alunos que lá trabalham com a deficiência e trabalham junto com um...junto com o técnico de atletismo. Então eles tem atletas, tem um atleta, o Odair, está estudando lá. Então a gente tenta também trazer os atletas pra conversarem sobre isso, porque é uma...eu entendo como uma nova...como uma forma de inserção na sociedade, onde ele ganha uma nova representatividade na sociedade, entendeu? E isso eu acho que o profissional precisa ter esse entendimento. Porque muitas vezes não só vai ganhar medalha, mas vai ter esse ganho do lado social que não é só isso. Outra coisa que eles tem muito..."ai, eu tenho dó...nãñã...ai, coitadinho", e eu tenho que fazer eles entenderem também que não é bem isso que eles esperam. Então eu levo alguns filmes de relatos, às vezes levo atleta. Então eu trabalho mesmo com aulas...com aulas expositivas explicando a organização, falando sobre os materiais e recursos, com as aulas práticas, que aí a gente tenta adaptar os materiais lá da instituição pra atingir é...o objetivo e com os vídeos, ou às vezes palestras, também, de atletas que vão aí, graças a Deus, lá eu ainda consigo isso.

E existe alguma atividade que você consiga dar extraclasse, extracurricular? Alguma prática que seja fora do horário de aula, fora da universidade?

Não. Por quê? A grande maioria dos alunos eles...é...trabalham. Então tem uma dificuldade muito grande desse engajamento deles em outras práticas. Eles querem ir ali, querem ter nem, necessariamente, o horário integral da aula, né? Porque, às vezes, eles chegam atrasados e querem sair mais cedo, também. Então dificilmente eu consigo dar. Eu tento até envolvê-los, porque como a gente tem essa...lá eu tenho, né, uma instituição que tem o Clube...Clube Escolar Paraolímpico e eu tento envolvê-los, porque eles aceitam voluntários, eles tem os funcionários, mas eles aceitam voluntários. Mas não tem...às vezes

tem um ou outro por ser amigo de quem trabalha lá, vai lá, dá uma olhadinha, volta falando que achou superjoia, mas não se envolve.

Também não tem nenhum projeto de extensão?

Dentro da escola, não. Não tem projeto de extensão. O espaço lá não é...é um pouco complicado pra gente conseguir o espaço pra ser utilizado.

7. Quais foram as facilidades que você teve no ensino do esporte paraolímpico?

As facilidades...ah, eu não sei. Eu acho que é uma disciplina fácil de você conseguir o engajamento dos alunos, por conta dessa questão dos esportes serem algo que atrai bastante atenção de quem faz Educação Física, por ser um conteúdo, então, que eles tem pouco contato, então eles acabam se interessando um pouco mais. E não é um conteúdo é...tão teórico, tão distante. Porque a primeira disciplina é...ela é um pouco mais pesada, né, na carga teórica dela. E, às vezes, tem aluno que, que já decide “ah, eu não vou atuar com isso”, e aí eu falo, até converso, que já tem aluno fazendo estágio e converso e a grande maioria tem um ou outro aluno que tem alguma deficiência que na maioria das vezes não é tão grave, mas que tem alguma deficiência e acha que a disciplina ajuda eles na hora de atuar. E aí, eles abaixam um pouquinho, assim, a...indignação, né, o desprezo deles pela disciplina. Agora na de Esportes Adaptados que aí já tem um enfoque no esporte, mesmo, no treinamento, ah...o tema em si já é muito instigante. Então eles já...já...se envolvem bastante. E eu por ter essa experiência com...com os campeonatos e tudo, eu acho que isso facilita pra mim falar. Porque na outra instituição que eu dou aula também tem esporte...a disciplina vai chamar Exercício Físico Adaptado. E não vai abordar, que nem, nessa disciplina que eu dou de necessidades especiais eu não abordo também só a questão da deficiência, eu abordo também as doenças crônicas, né, e essa lá na outra instituição, também. Só que a professora não tem essa facilidade tão grande de falar sobre os esportes. Então, normalmente, eu vou dar palestra e eu dou palestra sobre goalball. E era um tempo restrito que ela me...me passava. Agora ela abriu. Então ela me deu quatro horas, né, de aula, quatro horas-aulas, mais ou menos pra falar e aí eu já falei um pouquinho mais sobre a questão do esporte paraolímpico como movimento, né? Ah, eu falo do esporte paraolímpico escolar também quando eu falo, apesar da...da...disciplina ser pro bacharelado, eu

contextualizo o escolar, porque o escolar eu enxergo como um movimento paraolímpico escolar como base do movimento, pra continuísmo. Não só como um contexto escolar. Mas então...eu acho que um facilitador é eu já ter esse contato com...com o movimento, porque é mais fácil de eu contar até algumas pequenas histórias e fazê-los se interessar mais pelo movimento.

8. Quais foram as dificuldades que você teve?

Então, as grandes dificuldades que eu acho que eu tenho é essa questão do espaço, né? Primeiro que eu não tenho um espaço que eu possa dizer “ah, eu vou usar”. Eu tenho que fazer meu planejamento no começo do semestre e ficar brigando por aquele espaço é...durante todo o semestre pra chegar no final do semestre, né, no meio, no final do semestre eu ter o espaço pra eu utilizar. Às vezes nem é, que nem, a aula de esgrima eu dou em sala de aula, porque lá as salas são grandes e como não tem cadeira de rodas, mas eu trabalharia com fixadores, então eu trabalho com a carteira, mesmo, carteira de canhoto pra quem é destro, carteira de destro pra quem é canhoto, pra que eles é...possam fazer a aula simulando o...a situação de combate, mesmo, né? Não tenho acesso a nenhum material, né, de esgrima, então eu trabalho com espadinha de jornal. Mas, tento fazer em tamanhos diferentes e tudo pra dar o formato do florete, da espada e tudo mais. Mas aí levo imagens pra eles verem. Só que seria, se eu pudesse ter os materiais seria mais interessante. Mas não que eles não entendam a modalidade. É possível deles entenderem. E aí...aí as outras modalidades eu já não vejo como dificuldade tão grande. A bocha a gente adapta tudo mesmo, mas não tem muita coisa assim pra modificar. O goalball, normalmente, eu consigo com o Márcio Morato as bolas, já é mais fácil. E o vôlei a gente tem lá. Antigamente o professor que é responsável pelo ginásio, lá, que nem é professor da universidade, ele é só um funcionário, ele, mas é formado em Educação Física, ele tinha uma equipe de vôlei sentado. Então, tem até o poste, tem tudo certinho. Então é tranquilo. Acho que a maior dificuldade é conseguir adaptar esses materiais. E eu tenho tido dificuldade, porque eu gostaria muito, que o...o Fábio Breda lá de Limeira participasse mais. Mas eu tenho dificuldade em trazê-lo para dar palestra. Quase todo ano eu tento e nunca consigo levá-lo.

Os funcionários dele, os atletas dele, às vezes vêm, mas ele não. E se ele se envolvesse acho que seria interessante. Acho que os alunos participariam mais ajudando ele.

Relação com os alunos

5. Como era a visão dos alunos sobre esporte paraolímpico antes e depois da disciplina? Se tem alguma mudança, como que foi essa mudança?

Ah...é...na...primeiro que na introdução, eles já chegam meio com receio, muito receio porque acham que o aluno não consegue fazer nada. E depois da disciplina eu percebo que não, que eles já vem...já tentam olhar de outra maneira, né? Porque tanto na de Esportes Adaptados quando na...na Educação Física para Pessoas com Necessidades Especiais, eu tento levá-los a entender que não, eles vão ter limitações, mas eles também tem potencialidades. Então eles vão poder fazer alguma coisa. Vocês tem que articular pra descobrir o que ele pode fazer. Então eu já vejo...já sinto essa mudança grande, nesse sentido. E nos Esportes Adaptados é...porque eu levo, eu tento levar vídeos, porque tem vídeos muito bem produzidos tanto nas Paraolimpíadas de Inverno, quanto das Paraolimpíadas, mesmo. Eu tento levar vídeos que sejam empolgantes, mesmo, pra que eles se interessem em assistir e isso tem dado certo. Eles tem...eles tem procurado. Então tem aluno que nem é mais meu aluno que assistiu o Pan e veio contar. Eu não tinha visto e eles viram, eles assistiram alguma coisa. Então, pelo menos, despertaram eles pra um novo conteúdo, né?

Você sabe se eles conseguem, se alguns se aprofundam no tema, depois da sua disciplina?

Sim. Alguns até fizeram o TCC relacionado a isso.

Também, questão da discussão nas aulas. Se tem gente que vai se aprofundando, com o passar do curso, com o passar da sua disciplina.

Se a discussão...

É. Na primeira aula eles vão lá e só ouvem, depois começam a interagir mais com o tema.

É, eles interagem. Mas não é uma...uma...não é uma interação....ah, não é tão boa quanto eu gostaria que fosse. Porque eu gostaria que eles lessem os textos, viessem preparados pra discussão. Mas não é isso que acontece. Mas eles se...eles se interessam mais e eu faço, principalmente na introdução, na primeira disciplina, eu faço...eu tento buscar sempre o mesmo formato de aula. Então eu defino qual é a deficiência, aí eu falo das implicações, das limitações, falo como você, o que isso interfere na hora de você dar aula e como você procura passar por isso. E aí eu percebo que eles entram, eles entendem esse raciocínio e eles mesmo tentam achar saídas pra isso. Então quando a gente chega nos Esportes Adaptados, por exemplo, uma das avaliações é eles adaptarem uma modalidade e eles costumam ser bem criativos, assim, eles não vêem limitação de ensinar nada pra ninguém.

Já que você citou, como é a bibliografia que você passa pra eles?

A bibliografia? Bom eu tento fazer eles entrarem em contato com todos os sites da área de adaptada. Mesmo pra eles conhecerem as instituições. E eu...eu tenho uma bibliografia um tanto quanto limitada lá na...lá na...universidade. Então eu tento passar textos pra eles só que...que...se você não cobra aquilo como parte da avaliação, eles não...não....tomam pouco contato. Então, às vezes, o que eu faço é levar pra sala de aula mesmo, dividir em pedaços, pra que eles leiam. Mas é...eu não tenho nenhum grande clássico. Então eu não tenho Steinberg...não tenho...acho que tem um livro do Winnick, mas não é o...que ele até aborda, mas não é os grandes clássicos da adaptada. Eu doeie alguns livros mas não é...não é....nada muito, assim. Então eu doeie o do goalball, que a gente escreveu aqui, mas não tem...não é muito boa. A biblioteca não é muito boa. E outra, a biblioteca é restrita. Você não pode chegar lá, pegar o livro e ficar lendo. Você tem que chegar lá e falar “eu quero tal livro”.

6. Como foi a participação dos alunos durante as aulas de esporte paraolímpico?

As aulas de esportes paraolímpicos, esportes adaptados, então é....a adesão, assim, a...o engajamento é grande. Eles gostam muito da aula. Eles participam mesmo, das

modalidades práticas. Eu dou normalmente bocha, goalball, futebol de 5, é...vôlei sentado e esgrima, né, de forma adaptada, mas são essas modalidades que eu ofereço pra eles. E eles ficam aguardando toda vez essas disciplinas, essas aulas, eles costumam não faltar e nas aulas teóricas, no começo, eles...eles ficam meio displicentes, mas depois eles até começam a prestar atenção, porque é uma coisa muito nova pra eles. Até mesmo na questão de que tem vários que...ou trabalham ou atuaram como atletas na prefeitura, então eles entendem bem da organização pra o desporto olímpico. E aí quando eu começo a explicar o paraolímpico eles ficam intrigados, porque é um tanto quanto diferente.

9. Você acha importante os acadêmicos terem vivência prática de esporte paraolímpico? Por quê?

Eu acho que...eu acho importante, por quê? Porque eu acho que a...quando você vai dar aulas, eu acho que existem saberes que são só saberes da prática. Então eu preciso minimamente entender como que aquilo se desenvolve, pra que eu possa articular esses saberes. Tem muita coisa que eles só vão desenvolver a hora que eles chegarem lá. Mas eu acho que a gente tem como...é...prepará-los pra isso. De que forma? Então, fazendo eles passarem pela situação de deficiência. Então por exemplo, na...na aula que para pessoas com necessidades especiais eu faço eles, eu dou aulas onde eu não falo e eles tem que entender a aula como se eles fossem surdos. Eu dou aula também que eu falo uma língua que eles não entendem, a língua do “p”, pra que eles passem pela situação da deficiência intelectual, pra que eles se coloquem um pouco na situação do atleta, na situação da pessoa com deficiência. E faço com que eles dêem aula. Só que essa aula dentro da universidade é sempre uma aula que a gente dá muito mais suporte, né? E discuto isso em aulas teóricas, ou no final da própria aula prática. Então eu acho que essas três vias, então você é...diretamente passar pela situação de executar a tarefa, você passar pela situação de...é...como se diz...de...propor a tarefa e de você discutir a tarefa são as vias mais significativas pro aluno chegar lá e saber dar aula. Só discutir teoricamente, só passar as informações pra eles não é tão significativo. E principalmente porque eu acho que a pessoa que é da Educação Física é muito cinestésica, né? Ela precisa se envolver corporalmente na atividade. A grande maioria. A minoria é aquele tipo que fica só olhando e acha que “ah, não, entendo de tudo” e vai realmente bem nas disciplinas. E é engraçado, porque

normalmente essas pessoas não tem um perfil pra atuar. Principalmente na prática. Quem tem perfil, mesmo, são essas pessoas mais cinestésicas. Então a aula tem que ser um pouco mais cinestésica.

10. Na sua opinião, qual a importância do esporte paraolímpico na formação do profissional de Educação Física?

Como um todo, né? Eu acredito que...eu acredito que a gente tá caminhando cada vez mais para uma sociedade inclusiva. Eu acredito que a...que o profissional completo de Educação Física precisa saber lidar com esse novo público, entendeu? Que no caso das pessoas com necessidades especiais eu até, porque eu dou aula pra licenciatura e aí eles me questionam isso, “ah, mas eu to vendo diabetes e tenho muito pouco aluno com diabetes”. Eu falei assim “isso hoje, mas a gente tende para uma sociedade um tanto quanto sedentária”, então você vai ter obeso, você vai ter hipertenso, é, não é tão comum hoje, mas já existe. Então eu acho que...que trabalhar o esporte paraolímpico, as questões da deficiência, é importante nesse sentido. Porque eu acredito que eu vou dar aula de dança e pode ser que eu tenha uma pessoa com deficiência. Eu vou dar aula de musculação e pode ser que eu encontre uma pessoa com deficiência. Então...é...eu acredito muito nisso, que é importante trabalhar essas questões e aí é, eu trabalho isso não só na, que eu dou aula de ginástica artística e dou aula de ginástica rítmica. Nessas disciplinas eu também trabalho. Por exemplo, trabalho de finalização deste semestre, eu trabalhei com a disciplina de pessoas com necessidades especiais e com ginástica artística e a gente montou o plano de aula pra pessoas com necessidades especiais. Então a gente definiu lá algumas deficiências e eles tiveram que montar pra um certo conteúdo da ginástica, um plano de aulas. Porque eu acho que pode ser que eles tenham isso, tenham contato com isso. Então eu acho que é fundamental, assim como acho que é fundamental saber de Biomecânica. É um público, né? Assim como a gente trabalha com criança, adulto e idoso, tem as pessoas com necessidades especiais. É uma característica nova da nossa sociedade.

Pra você é imprescindível que o esporte paraolímpico esteja presente durante a graduação do profissional de Educação Física.

É, eu acho que...porque, por exemplo, na outra universidade onde eu dou aula, não existe espaço no currículo pra isso. Não existe uma disciplina como essa, que nem em Limeira, onde eu tenho uma disciplina pra isso. Mas na disciplina que a...que a professora dá, eu acho que se ela tivesse um pouquinho mais de desenvoltura pra abordar esse tema, seria mais fácil engajar as pessoas, as pessoas se interessam mais. Então eu acho que o esporte paraolímpico é um veículo que leve as pessoas pra ter a...o conhecimento de como lidar com esse público. Né? Não que só o esporte, porque assim, não é todo mundo que vai lidar com o alto rendimento, né? Tem gente que vai lidar com o aspecto do esporte paraolímpico na massificação ou na...no lúdico, né, no recreativo. Então, mas eu acho que ele é um veículo facilitador pra que a gente leve as pessoas para esse conteúdo. Não que vá tudo mundo trabalhar com o esporte paraolímpico.

Torneio Universitário Paralímpico

11. Qual a sua opinião sobre a realização de um evento esportivo sobre esporte paraolímpico envolvendo equipes de várias universidades como alternativa extracurricular?

Eu acho...eu acho uma proposta interessante de fazer como vocês fizeram o campeonato universitário de goalball. Mas eu...eu acredito que precisa ter um formato que só convocar o pessoal não é o suficiente. Então de repente da gente ter feito no caso, né, do coiso...de eu ter levado você pra dar uma palestra, de ter até mesmo conversado, porque a gente teve a semana acadêmica, de ter conversado de levar, de repente, algum atleta pra eles visualizarem mais o que seria isso, esse envolvimento, ou ir fazer um...um...como se diz...um material de divulgação desse esporte, desse campeonato universitário, entendeu? Por quê? Porque na...isso eu to pensando na perspectiva dos meus alunos, ta, da minha instituição. Eu sei que eles é...eles não vão...se aquilo não for algo que eles...ou que eles estejam trabalhando o tempo todo, então que vá...na disciplina que eu esteja batendo e aí não era o caso, porque eu tava trabalhando com a primeira disciplina. Se fosse Esportes Adaptados eu acredito que eles teria se engajado mais, mas na outra disciplina eu tava o conteúdo, era interessante, eles até se interessavam, mas não teve nada que motivou-os,

assim, a participar. E como é um pessoal que tem muito essa questão, assim, “ah, então eu vou trabalhar”, “não, mas eu tenho TCC pra fazer”, qualquer coisinha é motivo pra eles não participarem. Então, precisam de algo assim, “não, é...o Odair que é colega de vocês aqui vai participar e nãñã, então vamos”. Eu nem preciso ir. Então teve a corrida lá, eu nem preciso ir. Eles vão. E aí depois eles me contam “ah eu fui e foi legal, por causa disso, disso e disso”. Por quê? Porque tinha ali uma coisa mais palpável pra eles. Só eu ter chegado e falado do campeonato e eles “ah, ta, mas que campeonato é esse?”, eles não entenderam muito bem. Então, de repente, um videozinho que a gente tivesse, que eu pudesse passar na aula e falar “ó, é isso aqui que ta acontecendo lá”, quais as conseqüências disso, “ah, é essa e essa experiência” eu acho que engajaria mais. Isso pros meus alunos, né? Porque existem outros perfis de faculdade. Por exemplo, na Universidade São Francisco eu acredito que se...se a gente tivesse feito o convite lá através da professora, eu acredito que eles já iam engajar mais. Mas porque o perfil do aluno de lá é diferente. É muito complicado quando a gente fala de faculdades particulares. Porque tem muitas faculdades particulares como essa que eu dou, lá em Limeira, que o aluno ele só tem aquele tempo. Você dá qualquer coisa extracurricular, eu percebo sempre que a grande maioria não consegue desenvolver. Ou porque não tem essa cultura mesmo, ou porque não tem, realmente, esse tempo. Então tem que ser algo que envolva muito eles, que realmente cativa eles. E aí, no caso, nessa disciplina eu não tive espaço pra fazer isso. Porque a gente até tentou. Eu até falei com eles “não, vamo marcar um dia, na disciplina que eu vou passar pra vocês, vou apitar o jogo de vocês, vou conversar com vocês sobre a modalidade”. Só que nisso teve os campeonatos lá, dentro da universidade. E aí, “ah, não, professora, eu vou treinar porque eu vou jogar no jogo de vôlei, eu vou isso, eu vou aquilo”. Então pra eles é...é...o conflito de interesses é sempre, vai sempre pender praquilo que é mais fácil pra eles fazerem aquela hora.

Mas como alternativa extracurricular...

Eu acho...eu acho interessante. Eu acho que seria uma forma de divulgar pro nosso meio, né, da Educação Física, mesmo, pra área de conhecimento essa, essas modalidades. Porque eu acho que tem muito aluno que, não sei, né, pelo menos na minha época de graduação aqui na Unicamp, tinha muito aluno que não dava muita bola, que não se importava e eu acho que, é o que eu falo, né, pros meus alunos, que vem crescendo, né, a própria mídia, né.

Então hoje não passou na mídia aberta o Pan-americano, na íntegra, o Parapanamericano, né, mas foi citado, muito citado. E aí, a partir do momento que isso começa a ser muito citado, aí eu falei assim, “ah, vai dizer que ninguém aqui, nenhum familiar perguntou pra vocês ‘o que é isso, como assim?’, e aí, vocês sabiam responder isso, vocês não sabiam responder isso?”. E aí eu pego um pouco no pé, porque eu falo que é vergonhoso você não saber nada. Por exemplo, o MMA, “ah, ta, eu detesto luta, eu não gosto”, mas você tem que ter uma opinião enquanto profissional de Educação Física a respeito do MMA. Você tem que discernir, então, se o seu aluno virar pra você e falar assim “ah porque eu quero participar do MMA”, será que você, né, você não vai dar opinião nenhuma, você vai falar “não, vai lá, faz isso mesmo” ou vai falar “não, você ta louco, isso não pode”. Não, você tem que ter uma opinião profissional a respeito disso. Não pode dar uma opinião de senso comum “ah, o MMA, então é...é...como se diz...o MMA é muito violento”, ou “ah, o esporte paraolímpico é bonitinho, né”. Não, não é bonitinho. Os caras estão lá trabalhando, de verdade, né? Tem um treinamento super bem fundamentado. Não é “ah, estamos fazendo boas ações”. Não. Entendeu? Então eu acho que esse tipo de ação trás isso. Porque mesmo eles quando vão participar do campeonato, eles entendem isso “não eu to aqui”, muitos deles, né, “eu não to brincando, eu to treinando porque eu quero ganhar” e é possível isso ser então entendem que o esporte paraolímpico pode ser um esporte de alto rendimento. Eu vejo que no começo da disciplina parece que eles acham que é...que é lúdico. Então eu falo “não, gente, é muito sério, é muito sério, porque existe uma cobrança muito grande, existe um empenho muito grande, é como se fosse um atleta comum”. Não tem isso, é um atleta, não é como se fosse um atleta comum, é um atleta. E aí eu acho que isso daria abertura pra eles entenderem muito isso, porque eu acho que muita gente peca nesse sentido de ainda fica naquele critério da dó, do...do...somente do social, que tem uma parte forte, mas que...tem uma palavra pra isso...assistencialismo...pode ser isso.

Apêndice 2- Entrevista com professor B

Primeiros contatos com o Esporte Paralímpico

1. Como você conheceu o esporte paraolímpico?

A minha primeira experiência foi na...na graduação. Aí a partir daí fiz estágio, comecei a trabalhar como estagiário e no PEAMA, no programa de esportes adaptados, aqui de Jundiaí. E a partir daí começa a me ter desenvolvimento com as competições e aí eu fui conhecendo cada vez mais as modalidades paraolímpicas, aí.

O estágio veio a partir de alguma disciplina que você estava cursando, ou foi mais por interesse seu, mesmo?

Não, não, no...no primeiro momento foi interesse meu, mesmo. Tinha uma professora que veio ministrar uma palestra, na sala de aula e aí eu me interessei. E na verdade nós começamos com uma modalidade que nem é...que nem é considerado uma...uma modalidade paraolímpica que é...eu comecei trabalhar com o caratê para os deficientes visuais.

Experiência

2. Qual a sua experiência com esporte paraolímpico?

Então, é...eu comecei...eu conheci o esporte paraolímpico na graduação. É, na verdade, eu conheci, num primeiro momento, com uma professora que veio ministrar uma palestra na sala, quando eu tava no segundo ano da graduação, que tava precisando de estagiários e aí eu entrei no programa como, na verdade, num primeiro momento como voluntário e trabalhando com uma modalidade que nem é paraolímpica que foi o caratê. Aí eu trabalhei acho que uns cinco, seis anos com eles, ensinando caratê. E aí, a partir daí eu comecei a me envolver mais nas competições, aí, do esporte pras pessoas com deficiência, e aí que nós, que eu comecei a conhecer mais, né? A partir daí é...eu comecei a trabalhar com o esporte

de alta performance e assumi, aí, o comando, aí, da seleção de goalball. E aí tem algumas experiências internacionais, participando de campeonatos Panamericanos. Panamericano foram dois campeonatos Panamericanos e dois Jogos Para-panamericanos. É...Campeonatos Mundiais, eu disputei três Campeonatos Mundiais. E...é três Campeonatos Mundiais, dois Jogos Para-panamericanos e dois Campeonatos Panamericanos.

Métodos e meios

3. Como você trabalha os conteúdos do esporte paraolímpico na universidade?

É, eu dividi a disciplina, quando eu comecei a ministrar aula na graduação é...era dividida em apenas uma disciplina que abordava tudo, desde os aspectos conceituais, né, das deficiências e mais os esportes. E aí com o decorrer do...do processo, aí, dos anos, aí, na graduação, eu fui convencendo, de certa forma, a coordenadora do curso que a gente precisava dividir a disciplina, aí, em dois momentos. Então hoje eu trabalho num primeiro momento com a Atividade Motora Adaptada, que aí eu venho com uma questão mais conceitual, abordando, aí, as deficiências e criando propostas da atividade motora e os alunos, aí, vão construindo essa proposta. E num segundo momento eu trabalho apenas os esportes paraolímpicos, que aí eu...é...vou construindo junto com os alunos, aí, e eles passando por vivências de diversas modalidades paraolímpicas.

E como você dividiria o tempo entre teórico e prático?

Na primeira, na primeira disciplina eu tenho, digamos, 60% mais ou menos, da disciplina é...teórica, que é uma questão bem conceitual, né? E aí os outros 40 pra gente construir nossas propostas de atividade motora. Na segunda disciplina eu tenho uma vivência um pouco maior, a prática um pouco mais evidente, aí, porque eu trago, convido pessoas pra ministrar algumas palestras, então, e passar pelas vivências, aí, dos esportes paraolímpicos.

4. Quais foram as estratégias de ensino utilizadas?

É...eu gosto muito. Além da questão de você ficar, dialogar com o aluno, eu gosto muito do vídeo, coisa...até porque muitos alunos de graduação acabam nunca nem tendo visto nunca o que é uma modalidade paraolímpica. Então eu utilizo vídeos, levo palestrantes, levo algumas pessoas que tem bastante experiência, aí, no...no...com o esporte paraolímpico. Acho que são coisas bacanas.

Existe algum estágio ou projeto de extensão vinculados à sua disciplina, ou que os alunos que cursam a sua disciplina participem?

É...é...hoje em uma...na faculdade de Jundiaí, eu trago todos os alunos pro PEAMA, então eu consegui. Tanto que hoje alguns professores já que estão trabalhando no PEAMA vieram a partir desse estágio, estão e foram contratados pelo PEAMA. Então é bem legal. Na faculdade de Araras eu...lá eu tenho um projeto de extensão junto ao curso. E...só que o único problema é que eu tenho uma modalidade esportiva. Eu trabalho só a natação. Então o projeto funciona uma vez por semana e aí a gente tem os mais diversos tipos de deficiência, na mesma aula.

Qual é a atuação dos alunos nesse projeto de extensão, ou quando eles vem pro PEAMA? Fala um pouquinho como eles atuam.

É...o...primeiro eu procuro sempre apresentar pra eles como que funciona o projeto, conto um pouquinho da história do projeto, que eu acho que é uma coisa legal pra eles conhecerem. Como que é a divisão das modalidades, por exemplo, aqui no PEAMA que tem várias modalidades, como que é a divisão e cada modalidade tem o seu coordenador. E a partir daí eles escolhem o que eles querem fazer. O tempo disponível é deles, pra que eles possam estar envolvidos aí, pelo menos um semestre com essa modalidade. Lá na Uniararas como a gente só tem a natação, então eu apresento o projeto, eu coloco todos os alunos, sempre. Eles vão trabalhar junto comigo, eles vão ministrar aula...vão...vão...realizar a prática, mesmo, ali, vão colocar a mão na massa, digamos assim, pra poder ter uma certa experiência, aí, com a pessoa com deficiência.

7. Quais foram as facilidades apresentadas no ensino do esporte paraolímpico na universidade?

Facilidades? Do ensino? Ah eu acho que no...não tem muito segredo, eu acho que pros alunos assim, o que eu vejo, se você pegar, quando você for fazer a vivência da deficiência visual, por exemplo, todos ficam um pouco é...falam “ah, eu não vou conseguir”, “ai, é difícil”, quando começa a passar pela vivência os alunos, no final, a hora que tiram a venda, todos falam “nossa, é uma experiência muito diferente”. Então eu acho que isso é legal. A gente, os alunos passarem. Acho que não...não...não tem segredo. Acho que não é difícil transmitir o esporte paraolímpico. Eu acho que transmitir, ensinar o esporte paraolímpico, eu acho que é motivante. Não é...não é difícil, não. Acho que é...não vejo problema, não. Acho que é tranqüilo.

8. E quais foram as dificuldades?

É...eu acho que não...não tem...é que com os anos de prática, você cai acabando...você vai tendo uma certa experiência, né. Então você sabe, mais ou menos, o que dá certo, o que não dá certo. Então acaba não tendo muitas dificuldades, não. Eu acho que eu consigo transmitir com bastante facilidade, até.

E questão a material, estrutura, acesso a material teórico?

Olha, eu acho que a...o...a gente melhorou bastante, porque até então a gente ia muito mais pra uma área médica, né. Pesquisava muito e ia muito pra área médica. Acho que hoje com as pesquisas que estão tendo, a gente ta focando mais a parte da Educação Física, na área do esporte paraolímpico, aí. Acho que em questão de referencial teórico, acho que nós melhoramos bastante, evoluímos bastante. E até pela...pelo acesso à Internet a gente consegue pegar muita coisa lá fora. Então eu acho que isso facilitou bastante. Eu acho que quanto às estruturas das universidades, hoje, em uma da...lá em Araras, a que eu tenho o projeto, todo o pólo esportivo conseguiu se modificar. As barreiras arquitetônicas, aí, foram modificadas para que o projeto aconteça. Aqui em Jundiaí...é...tem algumas coisas ainda que precisam ser modificadas, mas já melhorou bastante. Acho que a questão arquitetônica

melhorou bastante. Em questão a material é...por exemplo, cadeira de rodas, que é um material super caro, difícil, eu não tenho nas duas. Eu não tenho esse material. O que eu faço? Geralmente, não acho que é o certo. Acho que a universidade tem que comprar. Mas eu, por exemplo, eu empresto aqui do PEAMA, quando eu vou dar aula de uma vivência sobre cadeiras, eu empresto duas ou três cadeiras aqui do PEAMA e levo nas instituições pra poder trabalhar.

Relação com os alunos

5. Como era a visão dos alunos sobre esporte paraolímpico antes e depois da disciplina?

É...acho...acho que eu consigo fazer uma, uma transformaçõzinha neles. Porque muitos até, hoje eu vejo assim, muitos estão atuando na área. Claro que, a pessoa tem...tem muitas pessoas que vão olhar pras pessoas com deficiência e falar “professor, não dá pra mim”, isso aí é completamente normal. Não são todos que vão querer isso. Mas eu acho que hoje eu consigo já, até pelo envolvimento dos alunos, quando começam vir pros projetos, se envolver mais e aí acabam procurando, mesmo, a área pra poder trabalhar. Eu acho que eu já consegui bastante alunos já trabalhando, atuando no mercado de trabalho.

6. Como foi a participação dos alunos durante as aulas de esporte paraolímpico?

Olha...em alguns...eu sinto assim, em algumas modalidades a gente tem uma participação bastante efetiva, bastante, mesmo, que eu acho que isso é...é bem legal. Uma que eu sinto um pouco de dificuldade, porque eu...eu dou uma vivência prática na, na graduação que é a natação. Muitos alunos não querem entrar na água, né? Acho que é, é comum pra todo mundo. Mas nas outras modalidades, goalball, atletismo, que eu faço, e algumas outras, eu acho que são, é bastante efetiva a participação dos alunos.

Eles vem perguntar?Eles interagem bem com as modalidades e com o conteúdo em si?

Sim, eu acredito que sim. Eu acho que uma coisa que é legal fazer pra que os alunos interajam mais é sempre quando você for trabalhar com alguma modalidade é levar uma pessoa que é praticante dessa modalidade. Eu acho que isso dá uma discussão muito bacana, porque aí os alunos querem questionar a pessoa e aí rola uma discussão bem bacana. E aí eu acho que então que é uma estratégia que eu adotei que funciona.

9. Você acha importante os acadêmicos terem vivência prática de esporte paraolímpico? Por quê?

Nossa é superimportante cara, pô acho que...acho que o esporte paraolímpico ta...ta dando um bumm aí ,né, do esporte paraolímpico eu acho que a gente ta conseguindo,a mídia ta aparecendo muito mais,então as pessoas estão interessadas em conhecer o Esporte Paraolímpico e...até pela questão da superação aí ,né, da pessoa com deficiência,mas hoje as pessoas perguntam sobre o esporte paraolímpico e se um profissional de Educação Física não for capacitado pra poder falar sobre isso,nenhum outro profissional vai ser.Então eu acho que é superimportante,os caras tem que saber mesmo,tem que conhecer,tem que sim,interagir nas aulas,tem que...a gente tem que mostrar pra eles que o esporte paraolímpico hoje é uma realidade não é mais....é...que é uma realidade.

Torneio Universitário Paralímpico

11. Qual a sua opinião sobre a realização de um evento esportivo sobre esporte paraolímpico envolvendo equipes de várias universidades?

Você sabe que eu acho que...é bem legal...é o segundo evento que...que eu fui com...participar,você sabe que depois disso os alunos ficaram muito mais interessados e...e a turma que foi lá...lá na Unicamp eles vão ter a disciplina de esportes adaptados agora no próximo semestre.Então todos ficaram super motivados,você andava pela instituição todo mundo falava “ah professor ano que vem eu quero ir,ano que vem eu quero ir”.Então isso é um chamariz para que o aluno...se interaja,se interesse ainda mais pelo esporte

paraolímpico aí. Eu acho que essa idéia de realizar os eventos entre universitários é fantástica, eu acho que todo ano tem que acontecer e se possível a gente conseguir aumentar ainda mais as modalidades, eu sei que não é fácil mas que a gente consiga aumentar ainda mais.

E algum dos alunos que participaram, eles estavam fazendo alguma dessas disciplinas que você ministra, que você envolve o esporte paraolímpico?

Dá... dá em Araras todos estavam fazendo a disciplina de Atividade Motora Adaptada então foi até mais fácil de levar os alunos. Do Anchieta eles vão ter as duas disciplinas este ano, então na verdade foi um convite que o pessoal abraçou a causa e acabou indo mas eles não têm vivência nenhuma, o pessoal da Anchieta. Da Uniararas não, eles tiveram a disciplina de adaptada.

E desse pessoal que já teve a disciplina como foi a mudança em aula, o que você percebeu de diferente em aula?

É a primeira coisa é que o pessoal quer conhecer o esporte logo, porque até então como eu só estou trabalhando a atividade motora adaptada eles não... não... eu não entrei no esporte ainda né? Então há o interesse em conhecer o esporte paraolímpico. E aí em cima disso eu tive até que fazer adaptações, conforme eu tava falando da deficiência, eu comecei a falar um pouquinho, a entrar já, um pouquinho nos esportes para que eles vissem pelo menos em vídeo, um pouquinho das modalidades. Acho que isso foi bem legal e surgiu o interesse, você percebe que até a sala mudou o comportamento depois do evento.... foi bem legal.

E quais sugestões você daria para que esse evento... esse tipo de evento possa ser o melhor possível, possa trazer o máximo de experiências boas para os alunos?

Olha, eu acho que a idéia do evento é bem bacana, eu acho que a gente poderia pensar de repente em fazer no primeiro semestre apenas uma modalidade, no segundo semestre uma segunda modalidade ou faz duas no primeiro e duas no segundo, modalidades diferentes, eu acho que isso é bem legal, eu acho que apesar do... mas aquele dia duas modalidades, eu acho que ficou cansativo e muito corrido, né? Nós tivemos que correr. Acho que, talvez, a gente pensar nisso. Em um semestre a gente fazer uma modalidade, ou duas, em dois dias e

no outro mais uma ou duas modalidades. Mas eu acho que a idéia do evento é fantástica, cara. Acho que a gente tem que fazer isso mesmo. E acho que é uma forma de os alunos conhecerem ainda mais o esporte paraolímpico, porque eles estão tendo uma vivência na prática, eles estão competindo com outra entidade, ou com outra faculdade, e aí faz com que a assimilação seja melhor, muito mais fácil até que na própria aula, que na aula a gente fala, às vezes erra, leva um pouquinho na brincadeira. Lá não, eles estão tendo a vivência, a situação do jogo, sentindo que é um jogo...um esporte paraolímpico. Acho que é bem bacana.

Apêndice 3- Entrevista com professor C

Primeiro contato com o Esporte Paralímpico

1. Como você conheceu o esporte paraolímpico?

Ah...eu comecei, fui introduzido no esporte paraolímpico na, na graduação, na disciplina de Esporte Adaptado. Tinha um conhecimento muito vago por imagens, por mídia, mas eu acho que o ponto de início, realmente, foi a questão da graduação, o conhecimento dentro da graduação.

Experiência

2. Qual a sua experiência com esporte paraolímpico?

Eu comecei com minha experiência no esporte paraolímpico dentro da graduação, nos projetos de extensão, onde eu trabalhava, já, com atletas da modalidade atletismo. Comecei a trabalhar, já dentro da graduação, fui convidado pra fazer parte administrativa de uma competição, fui contratado pela antiga ABCD. Já terminando a graduação eu comecei a fazer parte das seleções nacionais como técnico, assistente técnico de modalidades, trabalhando em clubes, aqui de Campinas. Fui...comecei a fazer pós-graduação, o mestrado que eu fiz na Fisiologia do Exercício, aqui na Unicamp, associado à questão de variação de visão e pessoas com baixa visão. Então fui caminhando, a experiência profissional por um lado e a construção acadêmica do outro. Hoje eu tenho três Jogos Paralímpicos, alguns Campeonatos Mundiais, hoje eu sou ...é...representante dos treinadores no conselho técnico do IPC. Então, hoje eu acabo tendo uma ação dentro do Comitê Paralímpico Brasileiro, uma ação dentro do Comitê Paralímpico Internacional e acabo trazendo essa estrutura para minha questão de ensino dentro da graduação.

Você poderia detalhar um pouquinho as funções que você faz no CPB e no IPC?

No CPB eu sou coordenador técnico da modalidade do atletismo e também eu faço parte da Academia Paralímpica Brasileira e no IPC eu sou representante dos treinadores no conselho técnico da modalidade de atletismo.

Métodos e meios

3. Como você trabalha os conteúdos do esporte paraolímpico na universidade?

Bem...é...aí vem um enfoque das...dos dois módulos de disciplina que eu trabalho na universidade, no qual, na disciplina de Atividade Física Adaptada eu trabalho conteúdos no qual o jogo é um dos conteúdos e muitas vezes não é o Esporte Paraolímpico. Já na disciplina de Esporte Adaptado, que é uma disciplina específica, eu trabalho com os conteúdos das modalidades, trago a população da comunidade santista, que trabalha com o esporte adaptado, pra contar experiência e fazer com que os alunos conheçam, também, o que acontece na realidade.

E como você divide a carga horária, entre teoria e prática? Questão de X por cento teoria e X por cento prática.

Na de Atividade Física Adaptada eu divido, basicamente, 50 e 50%. Mas eu dou uma ênfase muito grande alí na parte de conhecimento pra questão biológica, na questão anatômica, a questão fisiológica, pra depois falar da deficiência, da etiologia, pra depois falar dos componentes específicos da Educação Física, pedagogia, capacidades físicas. Então, eu teho que montar um arcabouço. Se eu falar pra você que é quadrado, 50 e 50%, que é o que está no papel, eu vou tá mentindo. Porque, tudo depende da demanda. Se eles tem mais conhecimento em comportamento motor, anatomia ou fisiologia, eu sou mais rápido nesse ponto, senão, eu dou bastante ênfase. Mas, teoricamente, é 50 e 50.

4. Quais foram as estratégias de ensino utilizadas?

As estratégias de ensino que eu tenho trabalhado vai desde a questão da construção da sobreposição de conhecimentos, da estrutura sem deficiência, indo pra estrutura com

deficiência, que seria uma ferramenta maior, do ponto de vista pedagógico. Mas eu uso palestras, vídeos, como ferramentas, é...seminários, apresentações, aulas expositivas e trago pessoas da comunidade pra tá conversando com eles e visita aos lugares de prática.

E como que é feita essa prática?

As visitas aos lugares de prática é feito o contato, eles vão lá, conhecem um pouco a característica da pessoa com deficiência, dentro do ambiente específico e realizam a prática esportiva. Isso, muitas vezes, instruídos pelo próprio organizador, pelo próprio monitor ou professor da instituição. A questão da prática, dentro da...da aula de graduação, elas são direcionadas pra que a pessoa, ela tenha uma vivência, conheça as possibilidades da pessoa com deficiência. Uma dinâmica que eu acabei não falando nos instrumentos anteriores, a gente trabalha muito com vídeos e leitura de textos, mas a gente não trabalha com assuntos pertinentes a atividade física adaptada, a pessoa com deficiência dentro do exercício, mas a característica da pessoa com deficiência no seu dia-a-dia. Então eles vão estar assistindo filmes sobre o dia-a-dia de pessoa com deficiência, lendo textos sobre o dia-a-dia da pessoa com deficiência e com isso eles vão estar construindo blogs e outros sistemas virtuais de informação, pra estar construindo o pensamento. Então, essa também é uma parte prática que eles fazem, da construção do pensamento. Especificamente, da vivência pedagógica que eles tem, a gente tenta construir do mais simples ao mais complexo a vivência da deficiência, e como do ponto de vista pedagógico, nós professores, podemos modificar a prática do dia-a-dia desses sujeitos.

E eles tem, existe algum projeto de extensão onde eles podem ministrar esses conteúdos?

Hoje, a gente tem, lá em Santos, um núcleo, né, de atividade física para pessoas com deficiência. Esse núcleo é composto por vários projetos e todo ano a gente tem conseguido ter além dos monitores, professores contratados dentro dos projetos pra estar sendo organizadores do processo de conhecimento.

E existe algum programa de estágio vinculado às suas disciplinas?

Hoje, dentro da estrutura da graduação, a gente tem os estágios maiores, porque não tem estágio específico das disciplinas. A gente tem o estágio grande que a gente divide ali um estágio que é o multi-profissional, onde profissionais de todos os cursos lá do campus da Baixada Santista trabalham juntos. E, depois, os específicos, que pode ter pra pesquisa, mas não existe, hoje, dentro das disciplinas, um programa específico de estágio.

Detalhe, um pouco, a bibliografia que você usa nas disciplinas.

A bibliografia que a gente tem usado, hoje, e isso é uma coisa interessante se a gente for pegar um curso em formação como tá, lá em Santos, hoje a área de Adaptada é, hoje, talvez seja...o melhor componente que a gente tem, lá embaixo. A gente tá trabalhando com alguns livros nacionais, outras traduções de conhecimento produzido fora do Brasil e, trazendo também, os originais. Então, a gente tá trabalhando, ali, com a Claudine Sherrill, com o Winnick, com as adaptações do Winnick, quer seja em avaliação, ou não, tá trabalhando com os livros, aqui, de goalball do professor Júlio Gavião, que é uma parte bem mais pedagógica, com livros de desenvolvimento motor associado a pessoa com deficiência, de avaliação de capacidades físicas, quer seja dentro da Educação Física, como o do professor Gorla, como sejam de outras áreas, como da Fisioterapia, da TO, que abordam a questão da avaliação. Não só das capacidades físicas, motoras, mas também as capacidades funcionais da pessoa com deficiência e a gente tem usado bastante artigo, dentro da produção de conhecimento, por sistematização e busca de evidência, porque uma das coisas que a gente tem trabalhado, lá, com eles é a prática norteada pelas evidências. Então, uma prática pedagógica, por que que ela é assim, assado? É a partir das evidências é que são construídas. Não só pelo achismo e que, muitas vezes, tem no meio.

7. Quais foram as facilidades apresentadas no ensino do esporte paraolímpico na universidade?

Olha, hoje nosso grande problema lá é a relação do espaço físico. Então, a questão do espaço físico, da acessibilidade é um problema que a gente tem. Mas a gente acaba tendo os equipamentos, cadeira de rodas, bola de goalball, bola com guizo. A gente tem todos os

equipamentos, muletas, pra conseguir realizar as práticas e eles poderem vivenciar a questão da deficiência. Então, os equipamento que nós tivemos pra prática foram bastante interessantes. Tem a limitação do equipamento maior que é a escola. Mas até aí, é um ponto a se pensar.

8. Quais foram as dificuldades apresentadas no ensino do esporte paraolímpico na universidade?

Não, não existe dificuldade nesse sentido. Porque a gente tem os equipamentos, tem o conhecimento...o foco lá, de Santos, é muito voltado pra área da saúde, então eles tem um conhecimento biológico muito bom. E a gente acaba trabalhando bastante, direcionando uma lacuna que eles tem que é a questão pedagógica e, dentro desse conhecimento, a gente dá bastante ênfase no processo pedagógico.

Relação com os alunos

5. Como era a visão dos alunos sobre esporte paraolímpico antes e depois da disciplina?

Aí fica uma situação um pouco difícil: antes e depois da disciplina. Primeiro porque eu não tenho um processo específico de avaliação, quanto a isso. Segundo, que em todo o processo de graduação deles, em algum momento eu to entrando em uma disciplina, ou em outra, pra conversar sobre algum conteúdo específico, ou do basquete em cadeira de rodas, ou do futebol para as várias áreas de deficiência. Então, sempre to visitando os alunos, num dado momento. Sempre visitando os conteúdos. Eu só reforço pra eles que a questão específica da prática pedagógica, naquele momento eu reviso, mas a questão pedagógica e a questão de conhecimento básico sobre as etiologias e capacidades físicas, nós vamos falar lá pra frente, dentro dos módulos específicos.

Você percebe que a sua disciplina faz com que um deles se interesse, se aprofunde na área depois de ter cursado? Possa fazer uma iniciação científica ou trabalhar depois de ter cursado a sua disciplina?

Olha, esse é um processo que a gente tem percebido que tem aumentado. As pessoas tem buscado iniciação científica, trabalho de conclusão de curso. Dentro da temática, buscar trabalhos de atuação que a gente tem, não só nos projetos de extensão, mas também nos projetos maiores que a gente tem trabalhado fora da universidade, fora dos portões da universidade e tem um grande número de alunos participando desse processo. Então, a gente tem visto que tem mudado. Mas é óbvio que a gente percebe que a mudança de comportamento frente à diversidade da pessoa com deficiência só vai acontecer se a pessoa se envolve. Se não existe envolvimento, a mudança de conhecimento, a mudança conceitual é muito pequena.

6. Como foi a participação dos alunos durante as aulas de esporte paraolímpico?

Como foi a disciplina específica de Esporte Paralímpico, é uma disciplina eletiva, os alunos sempre foram bastante proativos, com participação, com uma grande participação. Não só porque são os créditos para se formar, mas também porque é uma que eles optaram e conheceu algo novo. Então, eles sempre iam pros centros, pros lugares de treinamento em Santos, ambientes de prática. Traziam as pessoas pra universidades para eles vivenciarem e, também estarem trocando conhecimento com a comunidade. Então, essa foi bem interessante. E, na disciplina de Atividade Física Adaptada, sempre que a gente criou mecanismos para que todos participassem da melhor maneira possível.

9. Você acha importante os acadêmicos terem vivência prática de esporte paraolímpico? Por quê?

Eu acho importante. Porque, dentro da questão da pessoa com deficiência, pra você entender a condição etiológica, a condição da pessoa com deficiência, você tem que estar no dia-a-dia, tem que vivenciar, tem que ver quais são as limitações, as barreiras, não só arquitetônicas, mas de conhecimento, que impedem, muitas vezes, a prática do esporte ou

do acesso ao esporte. E você estar vivenciando isso, você vai conseguir criar melhores ferramentas pra direcionar o processo.

10. Na sua opinião, qual a importância do esporte paraolímpico na formação profissional do professor de Educação Física?

Ollha, o Esporte Paralímpico, assim, ele é importante. Mas, o que é mais importante é a formação integral desse aluno. Conhecer a pessoa com deficiência, sabe que a pessoa com deficiência, em qualquer ambiente que ela tem, ela tem o direito ao acesso. A proposta pedagógica ela não deve ser direcionada só para todos, pra um grupo com diversidade. Então, se a gente for parar pra pensar na formação da diversidade, do entendimento da diversidade, o Esporte Paralímpico é fundamental.

E como você enxerga o cenário pro profissional de Educação Física? O cenário do Esporte Paralímpico pra atuação do profissional de Educação Física? A questão de oportunidades, esse tipo de coisa.

Olha, o cenário hoje, ele é em franca evidência, franca ascensão. Por quê? Com os Jogos Paralímpicos de 2016, o número de oportunidades está se abrindo muito. Não só na alta performance, que lá, no cenário, muitas vezes é o fim, mas também nos cenários meios. A questão de ambientes de prática, a legislação brasileira tá obrigando a ter ambientes de prática pra pessoa com deficiência, quer seja no esporte, ou na atividade física e isso tá mudando um pouco o universo de possibilidades. Cada vez aumentando mais. Só que o grande ponto é, o educador físico não tá preparado pra esse universo, pra esse cenário de oportunidades.

O que você acha que precisa mudar? Pro profissional de Educação Física ter um melhor acesso, ou estar melhor preparado pra isso?

Fechar 400 dos 500 cursos de Educação Física, no Brasil e melhorar o nível de conhecimento. Se a gente for pegar, hoje, o livro de esporte adaptado, quantos a gente tem, no Brasil? Se a gente for pegar os livros clássicos, aí, de Atividade Física Adaptada e a

gente for listar a quantidade de erros que tem nesses livros, é uma quantidade enorme. Então, hoje, o que tá mais faltando é conhecimento. Mas não é só a transmissão, mas são os mecanismos de acesso, para que as pessoas tenham condição de conhecer algo sobre o esporte. Quer seja a pessoa com deficiência, quer seja o educador físico ou as outras áreas da saúde.

Torneio Universitário Paralímpico

11. Qual a sua opinião sobre a realização de um evento esportivo sobre esporte paraolímpico envolvendo equipes de várias universidades?

Olha, é uma das ferramentas na qual você pode criar o acesso ao conhecimento. Não acesso ao conhecimento, à prática, mas à competição, às características, o stress que pode gerar a ausência da visão. Então ele acaba sendo muito importante.

E quais poderiam ser outras alternativas extracurriculares pra aumentar esse tempo de vivência, esse tempo de prática, que pra alguns pode não ser suficiente?

Olha, se a gente for parar pra pensar, a gente vai caminhar dentro das ferramentas da universidade, dentro dos projetos de extensão, que é uma ferramenta fantástica. Mas hoje eu tenho acreditado muito nas ferramentas virtuais, no acesso virtual, blog, internet, web, youtube. É onde você consegue ter acesso à prática, acesso de como realizar a prática, muitas vezes com baixa qualidade, mas muitas vezes com alta qualidade, que você vai poder criar ferramentas. O grande ponto da prática da atividade física não é você ir pro ambiente sistematizado, mas é pra você ir pro ambiente sem sistematização e conseguir praticar. Você conseguir fazer sua atividade de lazer. Talvez esse seja o grande diferencial de oportunidades de prática, né?

Apêndice 4- Entrevista com professor D

Primeiro contato com o Esporte Paralímpico

1. Como você conheceu o esporte paraolímpico?

Eu tive contato com o Esporte Paralímpico através do meu processo de formação universitária. Eu tenho contato com algumas modalidades e alguns atletas do esporte paralímpico, na verdade. Eu trabalho mais com esporte adaptado.

Você teve contato na graduação? Como foi esse contato?

Eu fiz a licenciatura e o bacharelado em Educação Física. Eu ingressei em 88, no curso de Educação Física da Unicamp e, portanto, eu tive o privilégio de ter as disciplinas voltadas para essa área, dentro da minha estrutura curricular. E, no terceiro ano de graduação, em 1990, os professores da área de Educação Física Adaptada promoveram uns Jogos Especiais pras pessoas com deficiência, do município de Campinas e eu fui trabalhar como voluntária e acabei me interessando muito pela área e decidi que era isso que eu gostaria de fazer. Nesse mesmo ano, a partir das experiências com os projetos de extensão, da Unicamp, eu tive a oportunidade de começar a trabalhar numa instituição especial, em São Paulo, chamada Estação Especial da Lapa, que era vinculada ao Governo do Estado, na época e nós atendíamos pessoas com todos os tipos de deficiência, a partir de 14 anos. E nesse período, então, se intensificou um pouco mais a minha proximidade com esse tema. Aí, em 91, eu concluí a graduação e, em 92 foi aberta a primeira turma de especialização em Educação Física Adaptada e eu tive a oportunidade de participar desse curso. Depois, em 96, ingressei no mestrado. Enfim, fui por aí.

Experiência

2. Qual a sua experiência com esporte paraolímpico?

Olha, eu não tenho muita experiência com o esporte paralímpico. Eu tenho experiência com algumas modalidades que são comuns ao Esporte Paralímpico. Por exemplo, a natação adaptada, né? Então, aqui na Universidade Federal de São Carlos, nós temos a Unidade Saúde-Escola, que trabalha com a reabilitação de pacientes recém-traumatizados, né? Com lesões recentes de medula, traumatismo craniano. Então é um pessoal numa situação muito delicada e, nesse primeiro momento, a única possibilidade que eles tem de movimentação, muitos ainda nem conseguem permanecer sentados na cadeira de rodas. Então a gente acaba fazendo a introdução deles no esporte, pela natação. E, aí, alguns desses meninos acabaram, assim, se desenvolvendo muito bem, na modalidade, inclusive demonstrando interesse em participar de competições esportivas. E a gente, aqui na universidade, tem também uma parceria, então, com o município. Eu também sou representante do Conselho Municipal de Esportes, da universidade, né, pela universidade. E, então, a gente faz um trabalho de adaptação das pessoas com deficiência ao meio líquido, iniciação e quando eles estão, assim, em ponto de treinamento, a gente faz, então, a parceria com a prefeitura. Tem o técnico, que é o Ricardo Colombo, do município, que leva eles pra competirem no Circuito Caixa, nos Jogos Regionais e Abertos. Então, a gente dá toda a base e eles, então, fazem a parte de treinamento e aprimoramento técnico. Acho que de Esporte Paralímpico é o atletismo e, agora, alguns dos nossos meninos, que participam do handebol adaptado, eles estão começando a explorar outras modalidades, como por exemplo, o atletismo, o halterofilismo, a gente quer, pro ano que vem, montar uma equipe de rugby em cadeira de rodas, né? Então, é um trabalho, assim, lento, mas um trabalho que a gente espera que seja sólido. Que paralelo com a parte de formação dos nossos acadêmicos, aqui, as nossas pesquisas, o atendimento à comunidade, a gente tenta fazer com que as próprias pessoas com deficiência se emancipem e assumam algumas iniciativas, como, por exemplo, tá se organizando através de associações, pra que possam alavancar o Esporte Adaptado.

Métodos e meios

3. Como você trabalha o Esporte Paralímpico nas suas disciplinas?

Bom, como o nosso curso é de licenciatura, a ênfase maior é nos conteúdos próprios da Educação Física. O Esporte Paralímpico, enquanto um dos tipos de esporte, é um dos conteúdos que a gente aborda. Então, a gente tem uma carga horária muito restrita pra dar conta de todos esses conteúdos. Mas, por exemplo, a gente mostra vídeos, a gente faz algumas vivências de esportes adaptados, de esportes paralímpicos durante a disciplina. E, já surgiu até, o envolvimento de alguns dos nosso acadêmicos, desenvolvendo trabalhos de conclusão de curso sobre a temática de esporte paralímpico, enquanto uma possibilidade de conteúdo na Educação Física escolar. Então, tudo o que a gente faz relacionado a esporte paralímpico é dentro desse contexto da perspectiva da licenciatura.

4. Quais foram as estratégias de ensino utilizadas?

Olha, eu procuro diversificar bastante. Eu trabalho com aulas expositivas e dialogadas, com discussões de textos. Eu trabalho com sensibilização dos alunos por meio de leitura de livros, de história de vida, documentários, filmes. Algumas atividades de sensibilização e simulação da condição de deficiência, através do uso de vendas, aula em silêncio para simular a deficiência auditiva, aulas com o uso da cadeira de rodas, pra tentar despertar nos acadêmicos a receptividade a esses conteúdos. E, também, trabalho no sentido de instrumentalizá-los. Eu costumo levá-los para os laboratórios, fazerem pesquisas na Internet. Então, tenho tentando buscar algumas metodologias de ensino mais ativas. Não tão centradas na minha figura, né, mas tentando passar pra eles alguns estudos de caso, pra que eles possam ir em busca de solução de problemas.

Existe algum estágio ou projeto de extensão vinculado à sua disciplina? Tanto na universidade, ou na escola, que eles possam ter essa prática fora da sala de aula?

Em relação ao estágio, nós trabalhamos no esquema de interdisciplinaridade, mesmo. Então, é muito comum, que durante os estágios supervisionados, nossos alunos encontrem, nas escolas, crianças com deficiência. Então, junto com a professora de estágio, que também é da área de Educação Física Adaptada, foi minha orientada, nós trabalhamos algumas interfaces de forma a preparar o aluno pra esse estágio, de forma a colaborar com

esse professor que tá na escola e com essa criança com deficiência, que tá nessa situação. Existe, também, a possibilidade de envolvimento dos nossos alunos com o grupo de estudos relacionado à temática. Não sei se você vai perguntar mais pra frente. A gente tem o Núcleo de Estudos em Atividade Física Adaptada, que é um diretório de grupos, vinculado, alíás, é um grupo de estudos vinculado ao Diretório de Grupos do CNPq, implantado em 2007. E temos o PROAFA, que é o Projeto de Atividade Física Adaptadas a pessoas com deficiências físicas, sensoriais e intelectuais. Atendendo pessoas em diferentes fases do desenvolvimento humano. Desde bebês, crianças, jovens, adultos e idosos, com algum tipo de deficiência. Então, a princípio, o envolvimento com o projeto de extensão e com o grupo de estudos parte da iniciativa dos alunos. Não há uma obrigatoriedade, né, pros alunos que cumprem a disciplina obrigatória. Na disciplina de Práticas Pedagógicas em Educação Física e Esportes Adaptados, aí, há uma sobreposição direta com os projetos de extensão. Então, os alunos dessa disciplina optativa, eles necessariamente se vinculam a uma das atividades de extensão, seja natação, handebol em cadeira de rodas, o atletismo, às vezes, outras intervenções de pesquisa que estejam acontecendo. Por exemplo, agora estamos tendo uma intervenção com o tênis de campo em cadeira de rodas. Então, nessa disciplina optativa, necessariamente os alunos se vinculam a alguma dessas práticas pedagógicas pra ter o contato direto com as pessoas com deficiência, nas modalidades de esportes adaptados, sendo alguns deles paralímpicos, né?

E, nessa disciplina optativa, há um espaço maior para a prática, dentro da carga horária da própria disciplina?

A gente, na disciplina obrigatória, a gente puxa um pouco mais pras questões conceituais e procedimentais, né, e até, atitudinais. Nessa disciplina, de Práticas Pedagógicas, é realmente um campo de experimentação pros alunos. Então, quem direciona as atividades sou eu e os bolsistas de extensão, os bolsistas-atividade, os bolsistas de iniciação científica, de mestrado e doutorado, que estão por trás da coordenação da atividade. E, aí, os alunos vem, realmente, como colaboradores, como estagiários, né, pra tentar aprofundar e conhecer um pouquinho mais sobre o futuro exercício profissional.

7. Quais foram as facilidades apresentadas no ensino do esporte paraolímpico na universidade?

Nós contruímos aqui os projetos de extensão, ensino e pesquisa paralelamente, né? E uma dessas...essas atividades acabam dando muito apoio umas às outras. Então, por exemplo, quando eu vou trabalhar na disciplina com alguma modalidade paralímpica, eu tenho a facilidade de conseguir trazer alguns atletas praticantes das modalidades pra dentro da disciplina. Eles trazem histórias de vida, depoimentos. Eles interagem junto com os acadêmicos do curso de Educação Física. Então isso cria um ambiente muito propício favorável à aprendizagem. E da mesma forma que o pessoal da extensão colabora pro ensino, né, os alunos também colaboram diretamente nos projetos de extensão. Isso acaba servindo de pano de fundo pro desenvolvimento da pesquisa. Então, essa interface, mesmo, entre ensino, pesquisa e extensão é uma coisa que tem funcionado bem bacana aqui. Foi um modelo que eu aprendi, vicenciei e aprendi lá na Unicamp e que tem dado muito certo aqui pra gente.

8. Quais foram as dificuldades apresentadas no ensino do esporte paraolímpico na universidade?

Posso só complementar em relação às facilidades?

Claro.

O fato de São Carlos ser um município pequeno, por um lado a gente tem...não tem uma demanda muito grande de pessoas com deficiência, aqui, por outro lado, a gente tem muito apoio do poder público municipal. Então, atualmente, a gente tem uma interface muito boa com a Prefeitura Municipal de São Carlos, com o Serviço Social do Comércio e com todos os departamentos, aqui dentro da universidade também. Agora estamos fazendo um trabalho interligado com a Fisioterapia, com a Educação Especial e com outros cursos na área de Saúde. Então, isso é uma coisa muito bacana, também.

Agora em relação às dificuldades apresentadas...

Dificuldades? Bom, a nossa universidade, por ser federal, ela tem uma estrutura diferente. O nosso departamento é pequeno. Então, eu sou a única docente que atua nessa área de Educação Física e Esportes Adaptados dentro da UFSCar, né. Então, isso faz com que eu busque muito apoio nos acadêmicos da graduação e da pós e colegas de outras instituições e departamentos aqui da universidade. Mas a gente gostaria que esse movimento se fortalecesse com uma maior participação de colegas, aí, da mesma área.

Relação com os alunos

5. Como era a visão dos alunos sobre esporte paralímpico antes e depois das disciplinas?

Olha, o que eu posso dizer pra você, é que eles tem, normalmente eles tem um envolvimento satisfatório com a disciplina. Isso, na verdade, vai muito além da vivência, na disciplina, né? Hoje, eu tenho um grupo de quinze graduandos envolvidos com todo esse projeto. Alguns são voluntários, alguns são bolsistas. Então, isso vai além da própria disciplina. O que eu percebo, é que tem alguns que, simplesmente, passam pela disciplina, porque é um conteúdo mínimo, obrigatório, que eles tem que fazer de qualquer jeito, sem maiores envolvimento maiores com a disciplina. E outros, realmente, assim, se encantam com a área e acabam fazendo disso sua opção profissional e, sabe, estão perseguindo esse sonho, agora vindo buscar a gente nas especializações e no mestrado, né, pra estar dando continuidade a esse processo de formação inicial. Então acredito que a gente traga algumas informações mínimas. A gente entende que a carga horária das disciplinas é restrita. Que se a gente passar quatro anos falando sobre Educação Física, Esportes Adaptados, Esportes Paralímpicos, a gente não dá conta de todo o conteúdo, mas eu acredito que os alunos saiam instrumentalizados pra, minimamente, lidar com situações de inclusão das pessoas com deficiência, no meio escolar e, eventualmente, lançando mão do Esporte Paralímpico pra fazer essa ponte.

A sua disciplina obrigatória é oferecida antes da optativa?

A obrigatória, ela é inserida no sexto semestre do curso de licenciatura. A gente recomenda que a disciplina optativa seja feita após o aporte teórico trazido por essa disciplina obrigatória. Mas aconteceu de termos alunos fazendo a disciplina optativa antes da obrigatória, porque não é uma exigência formal, um pré-requisito. E, pra falar a verdade, acho que foi uma experiência muito rica. Às vezes, eu percebo que o excesso de informação sobre algumas etiologias que a gente acaba abordando na disciplina, às vezes, inibe um pouco a adesão do nosso aluno e a aproximação dele às pessoas com deficiência. Eu percebi que, por meio dessa disciplina de Práticas Pedagógicas, os alunos chegam olhando pras pessoas que estão ali, não pras deficiências. E, a partir daí, e agora eu recebendo esses alunos que já participaram da disciplina optativa de Práticas Pedagógicas, na obrigatória, e eles já estão vindo muito mais interessados, muito mais receptivos pra esse conteúdo. Então está sendo uma experiência bacana trabalhar com a disciplina obrigatória depois desse contato que os alunos estão tendo na prática.

E você acredita que os alunos optarem por fazer a disciplina eletiva antes da obrigatória tem alguma relação com o trabalho que é feito extracurricular, aqui, na universidade?

Acredito que sim. Eles tem algumas exigências como cumprir um determinado número de horas de atividades complementares, de práticas pedagógicas. Eles tem a...obrigatoriedade de cumprir essa carga horária. Mas o trânsito deles pelas várias atividades que o Departamento de Educação Física e o curso de Educação Física oferecem, eles tem inúmeros projetos, né? E, assim, a gente tem tido uma adesão muito boa dos meninos nos projetos de esportes adaptados e paralímpicos.

9. Você acha importante os acadêmicos terem vivência prática de esporte paraolímpico? Por quê?

Eu acho fundamental. E a gente tem trabalhado com algumas monografias e trabalhos de conclusão de curso no sentido de disseminar o Esporte Paralímpico não só entre os acadêmicos, mas...nas escolas também. Então, a gente leva nossos atletas para fazerem

apresentações nas escolas. As escolas solicitam que a gente vá participar das feiras de ciências, vem emprestar cadeira de rodas esportiva, bola com guizo, pra divulgar, disseminar essa...o Esporte Paralímpico e eu acho que a vivência do Esporte Paralímpico, enquanto conteúdo escolar, é muito rico, porque permite a diversificação dos conteúdos escolares e, também, trabalha orientado pela questão da inclusão da pessoa com deficiência. Então, eu acho que o Esporte Paralímpico acaba sensibilizando, tanto os acadêmicos, quanto os escolares, acerca do potencial das pessoas com deficiência, em relação, não só aos esportes, mas na vida de forma geral.

10. Na sua opinião, qual a importância do esporte paraolímpico na formação profissional do professor de Educação Física?

Eu acho que passa pela mesma questão que eu levantei anteriormente, né? É um conteúdo bastante rico, que envolve, às vezes, um exercício e um repertório didático bastante diferenciado. O profissional de Educação Física Adaptada que trabalha com os conteúdos dos esportes adaptados e paralímpicos, ele tem que ter uma bagagem didática um pouco mais reforçada de forma a atender as necessidades especiais dos alunos que apresentam algum tipo de deficiência. Então ele tem que dominar essas adaptações de materiais, equipamentos, regras, instruções. Tem que ser capaz de trabalhar com a questão das adequações curriculares, de forma a otimizar o potencial dos alunos com deficiência. Isso se reflete, também, nessa perspectiva da inclusão, na qualidade do trabalho com as pessoas que não apresentam deficiência. Então uma criança que não tem deficiência, um atleta que não tem deficiência, ele também acaba se beneficiando desse processo, quando há uma pessoa em situação de deficiência incluído no mesmo ambiente, porque ele acaba aprendendo com o ritmo do outro, com as diferenças do outro. Então é uma troca bastante rica.

Torneio Universitário Paralímpico

11. Qual a sua opinião sobre a realização de um evento esportivo sobre esporte paraolímpico envolvendo equipes de várias universidades?

Eu acho bastante interessante. Eu acho que, em 2003, foi feito um campeonato de goalball universitário, na Unicamp. Na ocasião eu trabalhava em uma outra instituição de ensino superior. Levei os acadêmicos pra lá. A resposta foi muito positiva. Acho que foi uma experiência muito bacana, a gente trabalhar não só outros conteúdos e fundamentos motores, é, outras habilidades motoras, mas, sobretudo, outros valores. E acho que isso faz parte da vida acadêmica. Então, por essa participação, em 2003, no campeonato universitário de goalball, que foi realizado na Unicamp, eu percebi que houve um retorno muito grande pros nossos acadêmicos. Então, eu acho que a iniciativa é muito válida.

Apêndice 5- Entrevista com professor E

Primeiro contato com o Esporte Paralímpico

1. Como você conheceu o esporte paraolímpico?

Lá na FEF, mesmo. Acho que tinha o contato com o Ciro e, tava fazendo...começando a participar do grupo do Gavião, fiz as matérias, que eu tava no noturno. Aí fui pro diurno fazer algumas eletivas. Tava com horário, com espaço, lá, trabalhava de madrugada com eletrônica e, aí, fiz a matéria de Esportes Adaptados, que era eletiva pra mim, pelo período que eu tava, né, na fase que eu tava. Aí, com o contato do grupo, o Ciro começou a fazer os trabalhos, lá. Eu fiz numa disciplina do Cesinha, eu fiz um estágio, comecei a acompanhar o Vital, Vidal, que era o presidente lá, da época, o Vital. E...Cleomar, tava todo o povo ali. Então, o primeiro contato foi na FEF, mesmo, com a matéria e os contatos com o Ciro. Segundo semestre, acho que foi.

Experiência

2. Qual a sua experiência com esporte paraolímpico?

Ah, foi na FEF...esporte paraolímpico em si, foi lá na FEF, com alguns eventos, lá pro grupo, ajudando nos projetos. Não efetivamente esporte paraolímpico, mas aquelas modalidades, lá, de esportes de aventura. Principalmente a Mey e o Artur e, aí eu fiquei um tempo no Braille. Quando eu iniciei meu projeto de trilhas, lá, pra cegos e surdos, no trabalho do Braille, eu representava a delegação. Então, tinha o professor Luiz Marcelo, o Ciro também acompanhava as pessoas da equipe e eu comecei a ir nos eventos, lá no ABC, em Niterói. Andava lá com o Neno, com a Harumi, o André Meneguetti, Luiz Marcelo, Ciro, e depois também com o Batavinho e o Véio, lá nas equipes de goalball, de Paulinia. Eu trabalhava com psicologia do esporte com eles lá. Acho que fiquei um ano, quase um ano com eles, em 2002, acho, 2003.

E o que motivou você a ter esse contato com o esporte paralímpico na graduação?

Curiosidade, mesmo. Acho que era...foi só...a oportunidade tinha lá do Gavião, era com um grupo com deficiência visual. Comecei a gostar mesmo do assunto. Basicamente, as duas áreas que eu sempre me interessei foram Psicologia do Esporte e Adaptada. Então, foi o contato mesmo, foi incidental, de início, lá. E, aí, se acentuou na deficiência visual. Depois eu procurei trabalhar natação, mesmo, eu já tinha experiência com autismo, com deficiências intelectuais. Depois eu fui pra surdez, lá, com o Paulinho, que daí eu continuei o projeto de pesquisa e aí eu peguei as matérias na graduação, pra dar aula. Mas foi lá, também, o contato, lá na FEF. Não tinha, nunca tinha tido contato. Nunca tinha despertado essa curiosidade, assim. Nem achava que eu ia trabalhar com isso, na Educação Física. Nunca tinha imaginado.

Métodos e meios

3. Como você trabalha(ou) os conteúdos do esporte paraolímpico na universidade?

Ah, apresento as modalidades. Aquela linha bem bacana do grupo do Gavião, mesmo. Potencialidades e o conceito de deficiência, conceitual e orgânica, né, tem a cacacidade. Eu trago conceitualmente o que que cada deficiência tem de dsvantagem, incapacidades. Levanto as dsvantagens e o que se pode fazer pra levantar essas potencialidades do indivíduo. Então, ele tem deficiência visual? Sim. O que que é deficiência visual? O conceito, as características, as consequências disso e como eu posso adaptar. Então, eu trago algumas modalidades de cada deficiência, abordo os tipos de deficiência e, basicamente, ainda mais agora, assim, eu tenho dado mais espaço para o Movimento Paralímpico, tal, aquelas discussões que estão mais aí à flor da pele. Tanto na licenciatura, quando no bacharelado. No bacharelado, a diferenciação era mais Esporte Paralímpico e na licenciatura eu trabalhaa mais as teorias da inclusão, leis, aquela questão de escolas inclusivas. Hoje, eu já tenho feito uma mescla, aí, pros dois cursos, né. Mesmo porque, as duas turmas, em algumas faculdades que eu dou aula, elas se juntam. Então, eu tento abordar a inclusão, os conceitos e trago algumas modalidades e vivências, quando é possível. Tem lugar que não é possível. Então, tem bastante oportunidade de vivência e trazer convidados. O Neno, às vezes vem, eu chamo o Marcio, o grupo lá da FEF, o Ciro já veio, árbitros de goalball, o pessoal que eu tenho contato com deficiências intelectuais do

instituto SER. Tem vários contatos, aí. Então eu trago convidados, pessoas com deficiência, pessoas que trabalham com essas pessoas e vivências, além dos conceitos.

4. Quais foram as estratégias de ensino utilizadas?

Ah, essas aí que eu já falei, né? Vivências, aula teórica, expositiva, vídeos, discussão de filmes, tem muito filme bacana, assim. Se eu pudesse, até já falei isso pro Paulinho, pro Gavião, ia fazer uma pós só com filmes, assim. Em Psicologia do Esporte e Adaptada. O filme passava, cada dia uma discussão a respeito das abordagens, dos temas e tal. Então, estudo de caso, a gente também tem feito. Em avaliação, não dou mais só conceito, eu trago o caso de uma pessoa, verídico ou não, né, com essas características e aí o grupo discute e depois vai pra uma parte individual. Então, primeiro eles fazem uma parte individual, depois a gente faz uma plenária na classe. E avaliação, também, tento mudar um pouquinho. Eles visitando seminário...no seminário visitando instituição. Alguns grupos aí...tem até dois caras que estão querendo visitar alguém, lá, Falei pra entrar em contato comigo e tal, que eles estavam querendo saber. São alunos meus daqui. Então eu peço pra eles visitarem as instituições. Porque, no noturno, é muito difícil ter o contato e trazer pessoas com deficiência. A minha parte idealizada, assim, era cada semana, primeira parte da aula conceitos, segunda umas experiências possíveis e os alunos, mesmo, desenvolvendo as atividades pra eles. Numa semana que a gente fizesse, aí. Mas é difícil. Eu já tentei um semestre fazer. Consegui trazer três alunos. Os outros os pais não deixaram. Em outros lugares a instituição não permite. Então, é bem complicado, isso.

Qual que é o espaço pra prática nas suas aulas? Questão de horário e espaço. Carga horária e espaço.

A minha carga horária, aqui, é muito boa. São quatro horas, dá 80 horas, né. Antigamente eram dois, duas disciplinas, então elas tinham aqueles nomes I e II, né. Mas duas disciplinas de 40 horas ou uma de 80. Eu prefiro uma de 80, um semestre só, entre o meio e o final do curso. Em outros lugares, eu trabalhei com dois créditos. Então, lá na FAC, foram dois créditos, de quinta-feira. Dava 40 horas, de manhã e de noite. O espaço que tem é a sala. A gente pode fazer as visitas técnicas, que as instituições até incentivam e usar

espaço de atividades comuns, que a gente fala. Aqui, por exemplo, tem a quadra, tem o clube. O que falta, mesmo é, ainda tem alguns impecilhos, principalmente no noturno, de trazer crianças de escola, de instituição, por causa do horário. Nos cursos do diurno, eu já consegui fazer. Lá em Muzambinho, também, a gente visitou as instituições. No horário do diurno, assim, é melhor, um pouquinho mais fácil. Mas basicamente, sala de aula, quadra, materiais da própria instituição e eles fazem essas visitas nos intitutos.

Em qual período é oferecida suas disciplinas?

Do meio do curso pra frente. Eu já cheguei a pensar se era melhor no começo, mas hoje estou...não gosto, também, que seja no final. Tem um currículo aqui, que é no último semestre. Não é bacana, também, né. A gente não...eu acho que o aluno, durante a formação, precisaria trabalhar um pouquinho, amadurecer a ideia e ter a discussão depois de ter visto a matéria em outras disciplinas. Então eu gosto de parrear, também, quando passam aquelas matérias de história da educação, né, a parte básica e teórica, eles começam a ir pras práticas de ensino. Então, eu gosto de saber, que se eles já estão fazendo estágio. Acho que depois da fase que eles já estão no estágio, porque eles vão se deparar, na prática, com essas pessoas, aí. Então, eu costumo dizer, hoje, que do quarto semestre pra frente, do quinto semestre pra frente, seria bacana.

Existe alguma atividade extracurricular ligada à sua disciplina?

Tem. Tem a participação da própria faculdade, aqui, no torneio SER. A gente tentou, no ano passado, fazer os universitários. Por problema, aí, administrativos, direção. O próprio interesse dos alunos. Os alunos não vivem mais a coisa da vida acadêmica. Eles vem, assistem a aula, deu hora, daqui 10 minutos eu entro, deu 10:20, eles começam a se mexer. Movimento pendular, igual o Jocimar fala e vai embora. Não ficam antes e depois do intervalo. É comer o lanche e sair. Vem pra esses lugares, aqui, fora da universidade. Então, isso é um pouco complicado, sabe. Eu acho bem difícil.

7. Quais foram as facilidades apresentadas no ensino do esporte paraolímpico na universidade?

Da minha parte ou do...contexto da administração, pros alunos? Eu não entendi.

Tanto da sua parte, como condições pra você trabalhar esse conteúdo.

Ah, condição. Então, as instituições que eu to atualmente, elas permitem que tragam convidados, que eu consiga fazer essa visita técnica, o uso dos materiais, né, a adaptação dos materiais. Então, eu tenho muito contato, assim. Uma mãe pra mim é a Unicamp. Então, qualquer coisa, eu ligo pra Gavião, Ciro, Paulinho. O Gorla eu tive pouco contato de graduação, mas já conversei com ele, na época, de aumentar meu N, ele passou vocês, acho, que responderam meu questionário, na época, lá do doutorado. Então, esse contato que eu tenho com a Unicamp me ajuda. Aqui, Mari, Véio, Batavo, “ó, eu preciso de uma bola de goalball, hoje. Uma.” “Passa em casa. Tá lá na portaria”. É sempre assim. Vídeo, material de divulgação dos Paralímpicos do Futuro, das Olimpíadas Escolares, né. E até o que o pessoal trouxe, agora, das últimas Paralimpíadas. Então, esse contato, também, esse networking surgido, lá da FEF, acho que é interessante. Do outro lado, também, das estratégias que eu tento fazer com os alunos, eu valorizo isso aí, na questão de atividade complementar, dou nota de participação, eles fazem relatório dos visitantes. Então, não fica só uma aula expositiva. Que nem, o Neno vem aqui e é uma das melhores aulas. Ele dá palestra dele. No final ele toca violão, faz uma dinâmica, lá, explica coisa, fala coisas engraçadas, fala da questão do tabu da deficiência, que ele trabalhou no esporte, né, trabalhou com Educação Física, na escola, como professor de outra disciplina. Mas assim, eu peço pra eles um fichamento e dou a devolutiva. Senão, eu só recolho e dou a devolutiva. Isso prende o aluno. Uns, porque precisam de hora, somente. Não adianta eu me iludir. E outros, porqu entendem que isso aí é bacana e ajuda no estudo, né. Acho que é por aí, assim.

8. Quais foram as dificuldades apresentadas no ensino do esporte paraolímpico na universidade?

Preconceito. As instituições são bem difíceis de abrir as portas. Eu sempre falo isso. Há um hiato entre escola, mundo acadêmico e as instituições especializadas. Até na matéria de Psicologia do Esporte. Eu trouxe um professor, aí, que nunca fez especialização, pós, nem mestrado, nem doutorado. A barreira que foi justificar o porquê do cara tá ali. Ele trouxe experiências maravilhosas para a Psicologia do Esporte. Mas eu já mandei, assim, alunos...a

gente tem lá torneio com os deficientes intelectuais. Um dia eles foram arbitrar as coisas de...em uma escola com jogos inclusivos, né, que pediram uns 10 alunos. Eles fizeram. Dali um mês a gente precisava de coletar umas coisas, assim. Daí, cria-se um empecilho. Até, também, acho que a barreira dos pais. Não tenho tanto contato assim, mas ainda é um preconceito. E eu sempre falo, tem coisas, assim, absurdas. Eu dou, não só na faculdade mas pós, tal, pedagogo, psicólogo, tem aquelas nórias que, tem cara que acha que paralisia cerebral pega com a saliva, que o cara é deficiente intelectual, na maioria das vezes. Não consegue discernir, aí, a...que existem diferentes tipos de deficiência. Não é tudo tão difícil, né. Tem os níveis de apoio. Tipos de...das próprias adaptações e necessidades que esse cara tem. Mas principalmente preconceito. Um dia, o...a gente fez uma campanha, aí que os caras tavam parando na vaga de deficiente. Tem 4 na faculdade e tem 4 vagas ali. Então, nesse caso, ainda tava suprindo, mas também, 4 vagas é muito pouco e ninguém respeita. Os caras da perua não estavam respeitando. Então a gente levou essa discussão. Fizemos um movimento pra levar pros coordenadores. Coordenador falar pros professores avisarem os alunos, os alunos conscientizarem os caras da van. Então, assim, é uma coisa ainda bem forte, o preconceito, a síndrome do coitadinho, né, a superproteção. Quando a gente faz uma vivência de olhos vendados, lá, aquela bem básica do Gavião. O chabu que dá em toda a instituição. Uma coisa simples é...outra coisa, também, não sei quanto que você tá de tempo, tal, mas se eles não perceberem, pra você relatar algumas coisas, a experiência dos alunos trazendo “nossa, não sabia que era tão difícil assim”. “Por isso que eles memorizam voz, o espaço”, tal. E as pessoas que assistem. Tinha uma menina que tinha uma irmã, ela falou “nossa, minha irmã falou que nunca viu todo mundo em polvorosa”. E, assim, os comentários “nossa, que que eles estão fazendo?” “Qual curso?” “Qual a deficiência?” “Nossa, outra, parar pra pensar que tem cara que é assim mesmo, né”. E nessa frase, mesmo, tem muita coisa bacana, mas tem muita coisa forte de preconceito. O cara só é cego. O Neno fala “eu sou só cego, mas eu venho sozinho pra cá, se precisar. Porqu e o Faísca faz questão de me pegar, mas eu venho sozihó aqui”, Acho o preconceito é mais complicado. Depois acho que é a falta de conhecimento. Que daí não é na ignorância pura, mas, a falta do conhecimento, essa história, pegagogos, psicólogos não sabem o que é, o

tipo de deficiência não acarreta em outros comprometimentos. Acho que isso também tem faltado.

Relação com alunos

5. Como era a visão dos alunos sobre esporte paraolímpico antes e depois da disciplina?

Ah a gente tem vários relatos, assim, bem interessantes, né? Quando tem essas atividades, aí, principalmente o torneio SER, que é o mais próximo e tá acontecendo sempre, o se deparar com a pessoa com deficiência, quebra lá os tais dos paradigmas, os tabus, respeito à diversidade. Não é tudo um mar de rosas, mas também não é tão difícil, assim, fazer as adaptações, e na questão do esporte paralímpico, principalmente agora, com esse bum que tá tendo, eles trazem informações. Antigamente, há três turmas atrás não tinha isso. Eu mostrava, o que eu mostrasse pra eles era o que eles tinham. Não tinha essa coisa de visibilidade. Hoje os caras sabem a regra. Teve um dia, aí, que eu tava em dúvida de um negócio, o cara falou: “Não, tem tudo a ver, é isso aí que você falou, mesmo, desse jeito é a regra”, lá da natação, a gente tava falando do Clodoaldo. Então, tá crescendo bastante. Acho que pela visibilidade que tem, os resultados do Brasil, assim. E nesse ponto é bacana. Porque eles...tem um monte de aluno que...a gente também fica falando sempre do Brasil atrás de um monte de coisa e tem algumas coisas, alguns índices que o Brasil tá lá na frente, né, até na questão de progressão e tal. Na questão do movimento paralímpico é uma coisa bacana de se mostrar pros alunos assim. Eles enxergam como possibilidade de trabalho, também. Acho que isso é legal falar. Eles não viam isso. Turmas anteriores, eles achavam que isso era uma coisa muito longe, distante. Hoje, os caras tem. O cara veio ontem falar comigo sobre um aluno na academia que tem uma determinada física. O que que ele faz? Então, o deficiente tá na academia, tá na escola, tá no clube, tá em hotel pedindo atividade. Acho que isso aí é bem marcante. Não o esporte paralimpico lá, também, naquela visão, totalmente, né, da competição, das Paralimpíadas. Mas, as adaptações. Eles estão conseguindo fazer esses ganchos. Acho que isso é interessante. É bacana.

6. Como foi a participação dos alunos durante as aulas de esporte paraolímpico?

Ah, foi bacana. É um...na Psicologia do Esporte e na Adaptada, eu não tenho problema com os alunos, assim. 90% podem gostar ou não de mim, da relação, assim, a turma pode ser boa ou não. Mas, o assunto, ele é interessante, é curioso. E, assim, é uma das coisas bacanas dessas disciplinas, assim. Então, eles participam bem. Quando tem vivência, algumas turmas fica lá, né, uma determinada parcela da classe fica meio isolada, não quer fazer, vem com roupa inadequada e tal. Mas, no geral, a maioria participa, sim, quando tem atividade prática. Eu tenho turmas maravilhosas. Não sei se você tem oportunidade, se você tem tempo, tal, se é o foco. Essa turma que eu to de quinta-feira, é amanhã, quinta-feira, é uma turma fenomenal, assim. Eu to dizendo pro coordenador que a gente tem que fazer alguma coisa. Os caras perguntam, participam. Eu tenho tido aula com eles nesse semestre que tem feriado de quinta e sexta, né, nas vésperas, assim. Os caras participam, ficam até 10:30. Não tem tanta saída, assim, da sala. Então, dependendo da turma, também, acho que essa participação vai variar um pouco, né.

9. Você acha importante os acadêmicos terem vivência prática de esporte paraolímpico? Por quê?

Sim. Muito, muito, muito. Se pudesse, foi um resultadinho até do meu mestrado, lá, e acho que, agora, na FEF, tem um estágio para Adaptada. Não tem isso, lá, agora? É...no final da tese...dissertação de mestrado, destacava que tinha algumas coisas, que existem diferenciais pro cara que atua com Adaptada. E um deles é o contato. Quanto mais precoce esse contato for, mais quebra paradigma, tabus e tudo o mais. Então, eu brigo, aí, pra história de abrir estágio. Ter os estágios dos níveis de ensino, tal, e teria que ter um estágio, não obrigatório, mas uma quantidade de horas mínimas em instituições especializadas, que são outros contextos, tem a possibilidade do cara trabalhar em hospital, clínica, né, própria instituição de atendimento a essas pessoas. Então, eu acho que precisaria crescer. Queria muito mais atividade prática, mas, às vezes, a gente fica preso a cronograma, a todo o dilema que é. Aí você fala pro aluno que vai fazer uma viagem técnica, tem que avisar dois meses antes, porque o cara vem de van. Tem que avisar o cara da van. Se atrasar, você tem que levar o cara lá no cafundó, sabe. Então, tem dificuldade, sim, mas a prática, ela é importante.

Queria fazer 50 e 50 por cento. Hoje, eu posso dizer pra você que faz uns 65, 70 por cento de teórica e o restante de prática. Eu queria subir um pouquinho mais isso.

10. Na sua opinião, qual a importância do esporte paraolímpico na formação profissional do professor de Educação Física?

Ah, uma possibilidade, né, de...acho que a partir das modalidades, né, mesmo se ficar no tradicionalismo, mostrar que existem modalidades adaptadas, que existem variações das modalidades, modalidades criadas pro próprio deficiente, acho que isso aí, cresce, faz com que cresça bastante o repertório que o cara tem de atividades. Isso basicamente. O próprio contato com essa possibilidade, hoje, né, que é um diferencial no mercado. Acho que o cara que trabalha em Adaptada, que saiba lidar com esse público, aí, trabalhar, é um cara que vai ter um diferencial. Um a mais, aí, na hora de atuar no mercado, de verdade, que ele é...tá feio o negócio, né, a coisa...tem cara muito ruim, cara que não sabe trabalhar, tem cara que se forma de qualquer jeito, tem lugares formando pessoas de qualquer jeito. Então, por ter esse contato, assim, acredito que é uma possibilidade de discussão. Então, mas assim, acho que também tem que dar espaço pra discutir a inclusão, as possibilidades de inclusão. Porque, há uns 6 semestres atrás, a minha própria coordenadora pedia assim: “licenciatura, você não vai falar de esportes adaptados”, era esse o discurso, “você vai falar de inclusão. A inclusão escolar, as leis de inclusão, né, PCN’s e LDB. E no bacharelado, esporte na pauleira.” Acho que até a variação, agora, de deixar as turmas unidas, agora das modalidades, tem me feito pensar que os dois são dos dois, né. O esporte adaptado é uma possibilidade de ser trabalhado com outras práticas, né, e não só o modelo do esporte competitivo, mesmo da pessoa com deficiência. E, também, deixar o cara a par de leis, aí, né. Qual a diferença de um assento prioritário e de um assento exclusivo? Isso aí é formar cidadão, também. Pro cara passar e mais duas gerações a gente vai ter mais facilidade nessa questão do preconceito. Eu acredito nisso, assim.

E você tem experiência de algum aluno seu trabalhando na área?

Temos. Aqui tem um cara, o...o Guilherme, ele sofreu um acidente, durante a graduação e ele ficou cadeirante. Tetraplégico. Ele atua com projetos sociais. Um cara muito bacana.

Ele vem dar palestra na matéria. E tem mais dois. Hoje, nessa banca, tem um aluno que trabalhou no projeto de inclusão de ONG, né, que é um terceiro setor, junto com o SESI, que esse menino trabalhou. Duas turmas atrás, esse mesmo projeto tinha uns 5 alunos. É...quem mais? De Adaptada...ah...minhas orientandas de TCC, aqui sai muito TCC que vira artigo, né, nos níveis, aí, B3, B4, mas vai. É...elas publicaram artigo, surgiu o interesse e elas foram chamadas pela prefeitura onde elas estavam trabalhando. Passaram num concurso, acho que de Valinhos ou Vinhedo, e elas estão fazendo especialização em Adaptada. Uma até tava tentando fazer na FEF, agora. Lá, em Muzambinho, eu tinha três alunos da APAE, que se formaram pra isso, pra atender, lá em Muzambinho. Eu orientei, também, no pouco tempo que eu tive lá. Então tem experiências, assim, bacanas. Bem interessantes.

Torneio Universitário Paralímpico

11. Qual a sua opinião sobre a realização de um evento esportivo sobre esporte paraolímpico envolvendo equipes de várias universidades?

Excelente. Dando um certo agendamento, né. Aquelas propostas que a gente fez de...não pode casar, por exemplo, com época de prova. Acho que foi porque os meus não participaram. Uma faculdade os caras não estavam nem um pouco interessados. Mas, aqui, rolaria. Só que tem que se estudar qual o perfil desse aluno, hoje, do graduando. Não é uma coisa, assim, tão fácil como a gente tem as facilidades da Unicamp. O grupo da Mey, lá da UFSCar, que tava...consegue mobilizar um ônibus e tal. Eles tem algumas dificuldades, mas alguns tem interesse. Alguns, não. Vou dizer pra você que metade da classe tem interesse, das classes que eu tenho. Não só dessa classe. Mas, assim, ele é de suma importância. E traz aquela história que eu acho que o Neno fala bastante, da inclusão às avessas, né. Acho que a sensibilização de vivenciar, jogando, ou participando de um evento como esse com pessoas com deficiências, ou ficando no papel, aí, da deficiência. Aquele torneio de goalball, ele é fenomenal pra isso. Acho que é um exemplo que pode ser adaptado pra diversas outras modalidades.

Apêndice 6- Entrevista com professor F

Primeiro contato com o Esporte Paralímpico

1. Como você conheceu o esporte paraolímpico?

Na especialização, na Unicamp.

E como foi esse contato?

Através de aulas práticas né, convivências nas modalidades, em algumas modalidades, foi isso.

Experiência

2. Qual a sua experiência com esporte paraolímpico?

Bom eu trabalho o tênis para pessoas com deficiência física né, motora, mas eu nunca participei de nenhum evento paralímpico.

Métodos e meios

3. Como você trabalha(ou) os conteúdos do esporte paraolímpico na universidade?

É uma mescla de...dentro da disciplina, é uma mescla de esportes paralímpicos e esportes da especial olympics.

E como que é que você dividia as categorias...carga horária entre teórico e prático?

É a gente faz mais a prática..é uma vez...é no...na disciplina..uma vez no semestre, com mais é...algumas vivências dos alunos também em algumas modalidades como o volêi sentado, como o tênis em cadeira de rodas, como basquete em cadeira de rodas, tênis de mesa e badminton...e goalball, futebol para cego e futebol para amputado.

4. Quais foram as estratégias de ensino utilizadas?

Bom, vivências práticas né...depois de discussões teóricas sobre as modalidades e essas discussões levam os alunos a fazerem o...a..mais aplicações práticas e aí eu interfiro também, em relação as regras e aos conteúdos que eles vão aplicar e eles é...a partir da vivência que eles tiveram anteriormente, eles fazem discussões do conteúdo aprendido.

Eles também tem de montar exercícios durante as aulas, das modalidades?

Sim principalmente das modalidades que nós temos acesso aqui né....por exemplo goalball que é mais fácil, porque tem material e futebol.

E existe alguma atividade extracurricular ligada a sua disciplina?

Eles devem assistir alguma apresentação, alguma atividade, alguma...algum treino, alguma prática de algum esporte adaptado.

7. Quais foram as facilidades apresentadas no ensino do esporte paraolímpico na universidade?

Bom, aqui como eu disse nós temos os matérias né, a única dificuldade um pouco maior são as cadeiras de roda que a gente tem emprestado do CIADE, que é o...o instituto que cuida das pessoas com deficiência aqui da PUC, mas o resto não tem...não tem dificuldade não, porque tem todo..toda quadra né, material prático, as instalações aqui favorecem bastante essa aplicabilidade.

E como que é o acesso ao material teórico? Artigos, livros e...é manuais?

Bom, é muito bom também porque a gente tem aqui uma..é uma ligação muito grande com a biblioteca da Unicamp, além do que o material todo que chega pra gente né....das...das editoras a gente tem posto aqui na biblioteca então isso...quanto a esse acesso não tem nenhum impedimento, é um acesso muito bom.

E qual a bibliografia que você usa?

Bom eu uso o Adams ainda, eu uso Greguol, eu uso Mawerberg, eu uso Ruth e a Patrícia, eu uso Gavião, eu uso a MEY, bom tenho usado vários aí que estão ainda no topo da onda. (risos)

8. Quais foram as dificuldades apresentadas no ensino do esporte paraolímpico na universidade?

Talvez um pouco da imaturidade dos alunos, porque como...como eu disse pra você no começo, eles estão muito no início, então a imaturidade assim e tem tantas coisas novas para eles, então assim, eles ainda vislumbram ter muito mais conhecimento de outras disciplinas então essa imaturidade faz com que as vezes não deem tanta importância para uma prática que é realmente bastante né. Então não precisa fazer um curso específico para vir trabalhar, qualquer clube, academia hoje tem atendido pessoas com deficiência é então eu acho que a imaturidade seria apontada para mim como fator principal dessa dificuldade.

Relação com o aluno

5. Como era a visão dos alunos sobre esporte paraolímpico antes e depois da disciplina?

Olha poucos conheciam alguma coisa em função de essa disciplina ser ministrada no segundo semestre, e mesmo assim hoje né...com a divulgação maior pela mídia tanto televisão né, quanto rádio, quanto jornais e etc...os alunos tem tido um pouco mais de conhecimento mas até uns quatro anos atrás mais de ou menos, era bem difícil esse conhecimento prévio deles, então eles vinham sem saber nada do que acontecia e é interessante por exemplo na vivência de goalball que eles nunca tinham acesso a bola mesmo com...com a situação de jogo real que a gente tem feito aqui, a procura tem sido muito grande depois disso né..pra...pra poder aplicar com outras pessoas ou mesmo pra poder praticar o goalball universitário.

E a sua disciplina é a primeira oportunidade de contato que eles tem com o esporte paralímpico durante o curso.

Sim é a primeira porque eles estão no início do curso né e depois eles tem isso também nas outras disciplina que na PUC a grade é curricular das outras disciplinas

também devem abordar a questão da deficiência então o basquete aborda o basquete paralímpico e o basquete para pessoa com deficiência intelectual e assim todas elas fazem isso, natação também.

Em qual semestre do curso ela é oferecida?

É no segundo semestre.

6. Como foi a participação dos alunos durante as aulas de esporte paraolímpico?

Olha na verdade é uma disciplina obrigatória né, e eles assim, muitos participam no segundo semestre estão no início do curso, então muitos participam ativamente outros menos ativamente, por eles estarem talvez no começo do curso, ainda não terem essa visão da aplicabilidade dessas modalidades né ou desses esportes então enfim em modo geral a participação deles é boa, mas assim não da pra dizer assim que desses todos que tiveram essa oportunidade se eles vão trabalhar ou não um dia com alguma prática de esporte paralímpico.

Você consegue perceber que algum deles se interessou, fez algum curso depois de ter participado da sua disciplina ou começou a trabalhar com isso?

Pelo o que eu sei aqui né, acompanhando os alunos desse semestre exclusivamente, desse ano né, não desse semestre...tem três alunos que fizeram alguns cursos, dois participaram do encontro lá, que teve em Natal..e depois também né, de paraolimpiadas de Londres também vieram falar que estão começando com a prática, agora assim eu não sei exatamente o que eles estão fazendo porque eles falaram que estão iniciando de uma forma geral dando oportunidade dos alunos aprenderem, estão mandando os currículos mas assim não tem nada definitivo assim, de como é que eles estão fazendo.

E você considera ideal o período que o curso..é..a disciplina é oferecida? Você acha que é muito no começo, ou no final poderia ser melhor, ou é um período legal?

Olha já foi mais pra frente e mais pra frente eu acho que a resposta foi um pouco maior dos alunos né, já foi no quarto semestre por exemplo, mas agora é como eles tem também dentro das disciplinas, como eu já disse né? Dentro da grade curricular

das demais disciplinas e com... e mudanças também na grade curricular aqui da universidade é eles vão ter uma disciplina quando estiverem no oitavo semestre que é treinamento de esportes adaptados, então esse treinamento vai ter um aprofundamento nessas modalidades né? Nessas disciplinas ou nessas modalidades que vão abordar com mais conteúdo, com mais tempo e com mais é propriedade a questão desse treinamento pros esportes adaptados.

9. Você acha importante os acadêmicos terem vivência prática de esporte paraolímpico? Por quê?

Eu acho assim sem dúvida tanto paralímpico como da Special Olympics que é para pessoas com deficiências intelectual, porque como eu disse eles vão estar com uma vivência dessa aí mais pra frente né? No mercado de trabalho e essa vivência tem que mostrar pra eles que se tiver alguma diferença a diferença dá pra ser tratada, ser lidada com ela e que não é um bicho de sete cabeças e que é possível ser feito né? Que não é uma coisa do outro mundo que tem gente que fala assim “Nossa eu nunca vou trabalhar porque eu não sei, eu desconheço, tenho medo, ou seja né, acaba não fazendo nada pela dificuldade de aceitar né, que existem possibilidades”. Então eu acho que isso é um impedimento mais para eles num primeiro momento, então essa vivência prática mostra que não é assim tão difícil e que é possível pra todos.

10. Na sua opinião, qual a importância do esporte paraolímpico na formação profissional do professor de Educação Física?

Eu acho muito importante porque é um outro público que eles também podem trabalhar, é antigamente tinha uma ideia de que quem trabalhava com pessoas com deficiência não recebiam um salário muito bom e isso é um mito já caiu por terra faz tempo, graças a Deus, então é uma possibilidade também de receber uma...um reconhecimento profissional e uma possibilidade real de prática eu acho que isso é muito importante, amplia muito a área de trabalho né? O mercado de trabalho e não fica restrito só academia, clube ou escola ou aquilo que eles estão acostumados ainda a encontrar por aí. Então aqui eu acho muito importante, eu acho que todas as

faculdades, se não tem ainda, deveriam ter e que a carga horária pudesse ser até maior se fosse o caso.

Torneio Universitário Paralímpico

11. Qual a sua opinião sobre a realização de um evento esportivo sobre esporte paraolímpico envolvendo equipes de várias universidades?

Acho ótimo, o que precisar vocês podem contar com a gente.(risos). Acho muito bom.

Apêndice 7 – Entrevista com aluno A

Primeiros Contatos com o projeto

1. Como você conheceu o projeto?

Ah, a Pri que falou pra mim, eu não sabia que tinha, pra mim, tipo, só ouvi falar do rugby e do hand, aí a Pri veio...veio falar pra mim, aí eu fui lá.

Motivações

2. Qual foi o maior motivo que te levou a participar do projeto?

Porque é vôlei (risos). Porque é o esporte que eu mais gosto e eu achei legal ter essa experiência com outros tipos de pessoa.

Você que a sua participação no projeto de vôlei adaptado, vôlei paraolímpico, te levou a ter um maior interesse sobre esse tema, sobre esporte paraolímpico?

Sim, sim. Eu acho que esse é um dos motivos para eu estar mais ainda perdida dentro da Educação Física, sem saber para onde ir, porque, tipo, é muita coisa na cabeça, acho que você não sabe...eu não sei ainda para onde ir, entendeu?

É uma área que você gostaria de se aprofundar?

É...Provável.

Gostaria de trabalhar no futuro?

A-hã...talvez.

Contribuições

3. Qual a contribuição do projeto no seu conhecimento sobre Esporte Paraolímpico?

Ah, é a vivência...a vivência prática, né? Porque eu já conhecia tudo na teoria, mas quando você vai ver na prática, você vê que a coisa é muito mais difícil do que parece.

5. Qual a contribuição que a participação nesse projeto teve na sua formação?

Ah, eu acho que é mais essa coisa da vivência, mesmo. De você ter a experiência de ver como é, né? O quão difícil realmente é.

Qual a sua opinião disso como uma prática extracurricular?

Eu acho válido, porque a gente tem a matéria Esporte Adaptado que você vê, às vezes, no mínimo, uns doze ou trezes esportes durante a matéria toda que, tipo, é uma pincelada, é uma aula. Então, se você quer se aprofundar, você vai atrás dos projetos de extensão que tem aqui, pra contribuir mais pra sua formação.

6. O que você acha da participação de alunos de Educação Física em projetos como esse?

Eu acho importante, exatamente por isso. Porque, em uma aula você não vai conseguir ter nada. Em uma disciplina, você também não vai conseguir ter nada. Eu acho que na graduação a gente tem uma base de tudo, que é aí que você vai escolher o que você quer pra sua vida, no que você quer se aprofundar. Então você...é...você tendo experiência nesse tipo de projeto, talvez você se encontre em algum deles, né?

7. Sua visão sobre o Esporte Paraolímpico mudou após sua participação no projeto?

Eu acho que sim. Em relação a ver como a gente é nada, né (risos)? Como...é...as pessoas que...as pessoas com deficiência podem ser muito melhores que a gente, que não tem deficiência nenhuma. Então eu acho que você começa a valorizar mais e parar de reclamar menos, quando você vê que tem gente que ta...que não anda e que um monte de coisa e ta ali, feliz, contente. Eu acho que é muito mais uma coisa..experiência de vida, né?

Especificidades

4. Qual a sua opinião sobre a modalidade trabalhada?

Hum...eu, eu achei uma...assim...já por se tratar de vôlei, mas dos esportes coletivos eu achei a mais legal, porque pra mim, eu achei a mais difícil. Porque, às vezes, ele é um...ele é um lesado medular que tem perna e é muito difícil quando você tem perna, jogar o vôlei sentado. Eu acho que é mais difícil você jogar o vôlei sentado com perna, do que você tá numa cadeira de rodas, como é o basquete ou o hand. Então eu acho que é um dos esportes coletivos mais difíceis para quem tem o membro inferior, né?

E como ferramenta pedagógica? Como conteúdo que pudesse se trabalhado em outros lugares, ou não? Qual a sua opinião sobre isso?

...

Você levaria esse conteúdo para outros ambientes?

Tipo, uma escola?

Uma escola, uma escolinha de vôlei.

Eu acho que é viável, porque é simples, né? Não demanda tanto material. É uma rede mais baixa, todo mundo sentado, saber regra e vamos jogar.

Mesmo pessoa sem deficiência?

Como a gente tava no projeto, né? Eu acho que é tranquilo também pra você levar. É um esporte paraolímpico que você consegue levar mais fácil, pra dentro de uma escola.

Apêndice 8 – Entrevista com aluno B

Primeiros contatos com o projeto

1. Como você conheceu o projeto?

Eu vi...primeiro eu vi vocês jogando, você também divulgou pra gente, foi chamar, falou que quem tivesse interesse podia ir participar e eu me interessei. E pronto.

Motivações

2. Qual foi o maior motivo que te levou a participar do projeto?

Que eu gosto muito do esporte adaptado, em geral. Aí, como eu to no começo do...do...do curso, eu estou tentando me envolver em várias coisas pra ver o que eu prefiro e é uma paixão minha. Então, eu fui.

É uma área que você pretende atuar futuramente? Você pretende se aprofundar ao longo do curso?

Pretendo, pretendo. Com o esporte adaptado. Não necessariamente com o vôlei sentado. Mas é de interesse meu. Com certeza.

Contribuições

3. Qual a contribuição do projeto no seu conhecimento sobre Esporte Paraolímpico?

É...o esporte paraolímpico em geral?

Em geral.

Em geral? Ah, eu aprendi bastante. Antes de entrar na FEF eu não sabia quase nada, assim, sabia pouco. Aí entrando aqui, eu descobri um pouco de todos os esportes, as regras em geral e aprendi a gostar mais.

A parte específica do projeto, o que você acha que foi, no aumento do seu conhecimento?

Parte específica?

É. Qual foi a contribuição específica do projeto em si?

Ah eu...eu...aprendi a lidar com os atletas de diferentes deficiências, né? Acho que foi o ponto principal, aí e meu conhecimento em geral, mesmo.

5. Qual a contribuição que a participação nesse projeto teve na sua formação? Por que foi importante na sua formação, como profissional de Educação Física, você ter participado desse projeto de extensão?

Desse projeto? Ah, pra minha formação foi fundamental, porque como eu to querendo seguir essa área, acho que assim que eu vou crescer e que eu vou conseguir me envolver e que reconheçam isso pro fora, participando desses...pequenos projetos, por enquanto, e pra mim foi essencial.

Mesmo só...que nem, aqui no vôlei sentado você só jogou. Mesmo só jogando?

Então, porque eu acho que fazendo essas coisas o pessoal de fora que trabalha com isso já fica de olho em você, entendeu? Então, só isso já ajuda bastante.

6. O que você acha da participação de alunos de Educação Física em projetos como esse? Você recomendaria?

Sim, porque eu acho que tem tudo a ver...é a nossa profissão e...e recomendo. Porque você cresce com isso. Eu acho que é uma experiência que...é inesquecível. Você leva pra sua

vida e eu recomendo. E o professor...profissional de Educação Física tem que defender isso, porque é o que ele pode trabalhar, é uma das áreas que ele pode atuar. Então, por mais que ele não trabalhe com isso, ele divulgar seria muito importante.

E você acha que essa vivência prática...essa prática é essencial para todo profissional?

Essa prática? Se é essencial?

É. A participação em projetos de extensão.

Eu acho que sim. Porque se uma pessoa fica muito...é...seguindo só a área que ela quer, tipo, não abre a cabeça pra ver mais nada, eu acho que ela deixa de ter muitos conhecimentos e deixa de...de aprender novas coisas. E eu acho que é importante porque você, atuando como profissional de Educação Física, todos vão te perguntar várias coisas. Então é importante que você tenha vários conhecimentos e não só aquele que você quer pra sua área, entendeu? É isso (risos).

7. Sua visão sobre o Esporte Paraolímpico mudou após sua participação no projeto? Como?

Antes, eu sempre gostei...é...do esporte paraolímpico, mas eu não acompanhava tanto. Ainda mais por falta de divulgação mesmo, né? A Globo não divulga, ninguém fica sabendo (risos). Aí esse ano, mesmo a Globo não divulgando, eu tentei acompanhar bastante pela Internet, mesmo. E eu me divertia ao máximo (risos). Acho uma pena quase ninguém ficar sabendo. Porque várias pessoas que eu comentava, ninguém tava sabendo. Então eu acho que contribuiu pro meu interesse, mesmo, e divulgar pras pessoas, porque eu falei pra bastante gente e eles também ficaram super felizes. Então foi legal.

Especificidade

4. Qual sua opinião sobre a modalidade? Sobre o vôlei sentado especificamente? Se você puder apontar alguns pontos positivos e pontos negativos.

Ta. Eu nunca gostei muito de vôlei. Sempre joguei, mas nunca gostei. Aí, até que eu fiquei meio assim pra entrar no projeto. Aí eu acabei entrando e gostei, porque eu acho que tenho mais facilidade jogando sentada do que de pé (risos). Então eu gostei bastante. Achei que foi positivo porque, ah, é um esporte que todos podem participar, não tem tanta dificuldade, assim, e treinando a gente melhora bastante. E eu achei legal que o povo se diverte bastante. É...tem cooperação, trabalho em grupo, tudo isso é importante.

E você acha que é uma modalidade que poderia ser trabalhada em outros ambientes. Sei lá, numa escola, mesmo com alunos sem deficiência. Em alguma escolinha de vôlei, escolinha de esportes.

Com certeza eu acho. Porque é fácil. Você tem poucos materiais, você já consegue montar uma quadra. A criançada acho que se diverte. Até que eu já tive essa experiência de mostrar o handebol em cadeira de rodas pra criançada. Eles adoraram. Eles adoram... gostam de coisas diferentes. Então acho que o vôlei sentado é fácil...é fácil de...de aplicar e certeza que eles iriam adorar, assim, na escola, né?

Apêndice 9- Entrevista com aluno C

Primeiros contatos com o projeto

1. Como você conheceu o projeto?

Na...uma menina da minha turma falou que tinha esse projeto e, um dia, depois da aula, enquanto a gente tava esperando uma outra aula começar, ela me levou até o ginásio onde tava acontecendo e me chamou pra jogar. E foi como eu comecei. Foi bem simples.

Motivações

2. Qual foi o maior motivo que te levou a participar do projeto?

A minha paixão pelo voleibol. Eu sempre adorei muito voleibol e poder participar não só da modalidade dita, entre aspas, “normal”, mas do jeito adaptado também, me motivou. Então isso foi algo que me levou.

Você acha que essa paixão pelo vôlei pode te levar a atuar também no vôlei sentado, no futuro, ou com o esporte adaptado, no futuro?

Sim. Eu acho que sim. Porque a minha concepção é trabalhar no vôlei. Não sei se isso vai mudar e tal, mas eu tenho...existem portas abertas e se eu puder trabalhar com vôlei adaptado, eu trabalharia, sim.

Você pretende se adaptar, durante o curso, nessa área?

Sim.

Participar de eventos científicos, cursos?

Sim, sim, sim.

Continuar participando de projetos de extensão?

Claro, sim. É sempre uma oportunidade, né? Tem que pegar. Se é algo que...eu gostei muito, desde o projeto...da competição de esgrima que teve aqui, que foi quando eu me aproximei da adaptada e foi algo que eu gostei, o que eu tiver a oportunidade de tá me envolvendo, eu acho que vou me envolver, sim.

Contribuições

3. Qual a contribuição do projeto no seu conhecimento sobre Esporte Paraolímpico?

Olha, antes de entrar na faculdade era pouco o que eu conhecia do Esporte Paraolímpico. Então aqui, tendo uma proximidade maior, foi quando eu consegui entender mais e no projeto do vôlei adaptado, foi quando eu conheci as regras do vôlei adaptado. Então no que contribuiu, foi eu conhecer melhor o esporte e...logo numa matéria que a gente teve, tinha que levar um tipo de treinamento e a gente escolheu levar o vôlei adaptado, porque era algo que a gente gostou, se interessou e achou diferente. Então acho que contribuiu para a minha formação, pra mim saber mais sobre o esporte e poder levar, assim, pro...pras outras pessoas, que ainda não conhecem.

5. Qual a contribuição da sua participação no projeto na sua formação profissional?

Qual é a contribuição? Ah, eu acho que foi aumentar meu campo de visão pro...pro esporte adaptado, mesmo. Que se antes...é...a minha idéia era ou trabalhar com time, ou ir pra escola do time...dito...do vôlei que eu tenho...que eu...que eu me apaixonei...é...agora eu vejo que eu tenho mais esse lado da adaptada, também. Me abriu uma nova porta que eu espero que não feche tão cedo.

6. O que você acha da participação de alunos de Educação Física em projetos como esse? Se você acha que, durante o curso, todos devem ter uma experiência como essa, ou não?

Eu acho que deveria ter sim, por causa que é, realmente, uma experiência única. Porque muitos entram aqui, só vai direto pra sala de aula, da sala de aula pra casa. Não...não vê essas oportunidades que a gente tá tendo aqui. Poder trabalhar com isso, vai me abrir muito

mais portas lá pra frente. Porque eu posso tá, tipo, eu tenho essa oportunidade aqui, eu encontro...um...alguém...de uma comissão e mais pra frente eu tô procurando emprego e esse cara me vê lá na frente e fala “nossa, essa pessoa trabalhou ali comigo”. É importante, tipo, você ter essa experiência pra você, além de enriquecer seu currículo lá pra fora, que eles vão pedir muito, você tem um maior arsenal pra poder trabalhar, seja na escola mostrando esse esporte, seja trabalhando realmente como time para...é...de esporte adaptado.

7. Sua visão sobre o Esporte Paraolímpico mudou após sua participação no projeto? Como?

Acho que mudou, sim. Porque antes eu era uma daquelas que achava que o Esporte Paraolímpico não tanta dificuldade. Teria dificuldade pra eles, mas eu achava que, pra mim, se eu chegasse lá pra fazer, não teria tanta dificuldade, não teria tanta diferença nas regras. Mas depois que eu vi, realmente vi o quão difícil é, mesmo pra quem é dito, novamente entre aspas, “normal”, é tão difícil, sim, é tão difícil pra eles e eu acho que enriqueceu a minha pessoa, porque se antes eu olhava e falava “não, tá tranquilo”, hoje eu falo “não, não tá”. Assim, eu tenho que...é...tirar um pouco do meu pré conceito sobre o esporte antes de começar a julgar

Especificidades

4. Qual sua opinião sobre a modalidade trabalhada? Sobre o vôlei sentado, especificamente.

Como assim?

O que você acha da modalidade como ferramenta pedagógica?

Eu acho ela muito útil, por causa que é...você ao mesmo tempo que você tá ensinando coisas novas que não ficam só naquelas quatro modalidades, fut, vôlei, tal é uma das modalidades? É. Mas você tá mudando a sua visão sobre ela, né? Não é mais aquele negócio “ah, eu tenho que sair correndo daqui, pra defender ali e tal”, você tem que ter uma

maior...uma agilidade diferente. Então eu acho que ela vai contribuir...contribuir bastante pro...pro aprendizado.

Você acha importante que ela seja trabalhada em outros ambientes, do que não esse aqui da universidade? Sei lá, numa escola, numa escolinha de esportes?

Eu acho.

Mesmo pra alunos sem deficiência?

Eu acho. Eu acho que sim. Porque ao mesmo tempo que...é...que...foi como eu disse...é um esporte que...muita gente, às vezes, não tem o acesso, você ainda ta fazendo com que as pessoas lidem com o respeito com pessoas que sofrem alguma deficiência e tão ali, participando. Então mostrar como que essas pessoas conseguem fazer aquilo que muita gente fala “ah, tem que adaptar, que não sei o quê, deve ser mais fácil”. Não é fácil. Você, tipo, quando eu participei a primeira vez, eu lembro que eu saí com dor no braço, dor na perna dos deslocamentos e tal. Não é fácil. É, você colocar as pessoas pra fazerem, eu acho vai...aumenta o respeito pelas pessoas com deficiência.

Apêndice 10 – Entrevista com aluno D

Primeiros contatos com o projeto

1. Como você conheceu o projeto?

Ah, eu conheci com a Jéssica, né? Ela que ficou sabendo, daí ela me falou, perguntou se eu me interessava, aí eu falei: “me interesse”. Daí, a primeira aula a gente foi juntas, até. Foi assim.

Motivações

2. Qual foi o maior motivo que te levou a participar do projeto?

Ah, primeiro que eu adoro vôlei, né? Que nem a Jéssica. Daí...ah, eu fui pra conhecer também, que eu não conhecia, principalmente esporte adaptado, eu não conhecia. Eu fui pra aprender e gostei bastante.

É uma área que te interessa? Pela sua participação, você acha que é uma área que você poderia trabalhar depois? Ficou interessada? Gostou?

Eu fiquei interessada, gostei bastante, mas não sei se seria a minha área, entendeu? Eu gostei bastante, eu posso ajudar quando quiser, mas não sei se seria a minha área.

Contribuições

3. Qual a contribuição do projeto no seu conhecimento sobre Esporte Paraolímpico?

Ah, total, eu acho. Foi assim que eu comecei, principalmente com o vôlei adaptado, que eu conheci o esporte adaptado. Foi ali mesmo que eu conheci, gostei bastante, achei bem interessante.

5. Qual a contribuição que a participação nesse projeto teve na sua formação?

Hã...minha contribuição?

Não. Contribuição do projeto.

Ah, contribuição do projeto pra mim?

É. Na sua formação.

Ah, eu acho que foi legal. Foi bem importante. Aprendi bastante sobre o vôlei. Tanto é que a gente conseguiu..ah, jogar bem, a gente conseguiu aprender todos os princípios. Foi interessante.

E como uma prática extracurricular? Qual a sua opinião?

Ah, é legal. Uma boa...uma boa área extracurricular. Gostei bastante. Principalmente...é...por ser vôlei também...e...você tem contato com os outros. Eu achei legal.

Você se aproximou mais do projeto pelo vôlei ou pelo esporte adaptado em si?

Ah, nesse caso, foi mais pelo vôlei. Pra mim foi pelo vôlei.

E agora você acha que participaria de outras modalidades adaptadas?

Eu acho que agora participaria, sim. Achei interessante.

6. O que você acha da participação de alunos de Educação Física em projetos como esse?

Eu acho importante. Eu acho que todos tem que conhecer pelo menos um pouco das áreas que tem, que a FEF, né, propicia aos alunos. Acho bem legal, todos participarem.

7. Sua visão sobre o Esporte Paraolímpico mudou após sua participação no projeto?

Ah, sim. Foi a partir, como eu disse, foi a partir dele que eu tive o acesso. Então, com certeza, mudou tudo.

Então, como que ela mudou?

Hã...ah, toda a minha visão pro paraolímpico. Fiquei mais interessada pra saber como que a seleção vai, como que acontecem os campeonatos. Eu tive mais interesse.

Especificidades

4. Qual a sua opinião sobre o voleibol sentado como ferramenta pedagógica? O que você acha dele como conteúdo, em geral?

Mas, conteúdo pra mim mesma?

Não. Seria uma ferramenta que você poderia utilizar em qualquer outro lugar. Falo da modalidade em si.

Sim. Ah, eu acho que dá pra usar. Porque você consegue ter todos os princípios, os fundamentos do vôlei, você consegue aprender e, ah, tem uma integralidade acho que entre todos que participam. Acho que melhorou.

Você acha que é um conteúdo que poderia ser trabalhado em outros ambientes?

Acho que sim, acho que dá pra ser utilizado.

Quais ambientes?

Acho que própria escola, mesmo. Se você for falar de algum esporte adaptado pro ensino, mesmo, talvez ensino fundamental e médio, eu acho que seria interessante dar uma aula, assim, só pro pessoal conhecer e aprender.

Apêndice 11- Entrevista com aluno E

Primeiros contatos com o projeto

7. Como você conheceu o projeto?

Conheci depois de um campeonato, do Regional das Américas, que teve aqui e a gente trabalhou como voluntária. O Lu tinha pedido pra gente, se a gente podia ajudar. E aí, depois disso, que eu gostei, participei todos os dias, daí, foi isso.

Motivações

8. Qual foi o maior motivo que te levou a participar do projeto?

Ah, eu achei, primeiro eu achei um esporte diferente dos que já tinham aqui, além disso eu já gostava dessa área de deficiente físico, tudo, e era um projeto que encaixava na minha grade horária.

Contribuições

9. Qual a contribuição do projeto no seu conhecimento sobre Esporte Paraolímpico?

Foi grande. Como a gente tem mais contato com as coisas, mesmo com os campeonatos, com as pessoas que trabalham no CPB, também, a gente acaba tendo mais contato sobre, além do esporte, sobre os outros que participam, a história, a formação, enfim, tudo isso.

5. Qual a contribuição que a participação nesse projeto teve na sua formação?

Ah, ajudou a entender, além do esporte paralímpico, ajudou a gente a entender mais a questão da deficiência física. Como que a gente pode trabalhar com eles, quais os tipos de

limitação que cada deficiência traz, quais exercícios que a gente pode ou não, quais são mais eficientes, dependendo da modalidade, também. Acho que mais nesse aspecto.

6. O que você acha da participação de alunos de Educação Física em projetos como esse?

Essencial, né? Esporte, além de ser esporte, estar dentro da nossa área, tem toda a questão da preparação física, da pedagogia do ensino, também. Mesmo dos campeonatos, de levar, é uma área nossa e tem todo um outro aspecto, um outro lado, da Educação Física, né, da educação do corpo, de como você faz pra lidar com tudo isso, mostra um outro lado, também.

Qual sua opinião sobre a presença de espaços extracurriculares de vivência, como esse que você faz, pra alunos de Educação Física?

Eu acho importante, porque traz, traz uma outra oportunidade pra gente fora das aulas. Porque dentro das aulas, a gente acaba vendo o conteúdo, mas tudo que a gente trabalha não é com o deficiente, mesmo. A gente trabalha com pessoas que não tem deficiência e o resultado não é o mesmo. Então, os projetos proporcionam esses momentos, na verdade, que a gente pode lidar diretamente com o deficiente.

7. Sua visão sobre o Esporte Paraolímpico mudou após sua participação no projeto? Como?

Não. Na verdade, não mudou muito. Algumas coisas, bastante coisas, na verdade, a gente já tinha visto em aulas, nas disciplinas e, na verdade, só veio acrescentar mais pra gente, pra mim, pelo menos, né, eu pude conhecer mais. Mas não que tenha mudado, assim, a minha visão. Acho que permanece a mesma. Acrescentou, na verdade, mas não mudou.

Em relação ao conhecimento que você tinha antes da faculdade, mudou ou não mudou?

Ah, mudou no sentido de acrescentar, assim. Acho que eu já gostava, mas conhecia pouco. Mas não que tenha mudado a minha visão, assim, acho que ampliou na verdade.

Especificidades

4. Qual sua opinião sobre a modalidade trabalhada? Pontos positivos e negativos da esgrima em cadeira de rodas.

Ah, eu acho uma...assim, os pontos positivos eles trabalham, na verdade, algumas coisas que, talvez, outros não trabalhem tanto. Mas, na verdade, os mais negativos é que não tem em todos os lugares pra trabalhar, o material é caro, é difícil, tem pouca gente querendo trabalhar com isso. Mas, os pontos positivos é que a divulgação, na verdade, de um esporte diferente de um...na verdade, as categorias acabam se interagindo bastante, também. Acho que é isso.

Você acha que a esgrima em cadeira de rodas poderia se trabalhada em outros ambientes, com outros públicos?

Poderia. É difícil, mas não da forma que a gente trabalha aqui. Porque aqui a gente tem todo o material e, realmente, é uma equipe de competição. Mas eu acho que sim. Pra pedagogia, só pra mostrar, pra ensinar, adaptando os materiais, tudo, acho que sim.

Apêndice 12- Entrevista com aluno F

Primeiros contatos com o projeto

1. Como você conheceu o projeto?

Através do estágio da faculdade. Que eu tenho que fazer em adaptada, também e aí, depois, na conclusão do estágio, eu falei , durante a entrevista com os professores que eu tinha interesse em treinamento e o professor Gorla me convidou pro projeto, porque o rugby é a única coisa que tem na FEF que é de treinamento específico, mesmo, treinamento visando o rendimento.

Motivações

2. Qual foi o maior motivo que te levou a participar do projeto?

Eu gostar de treinamento físico. Eu gosto de alto rendimento. O rugby foi a única porta aberta, na FEF, pra treinamento de alto rendimento e eu ter alguns amigos lá, também, no projeto, me ajudou bastante na decisão.

Contribuições

3. Qual a contribuição do projeto no seu conhecimento sobre Esporte Paraolímpico?

Ah, praticamente tudo, né? Se não fosse o...o projeto eu não sei se estaria trabalhando com isso, então não teria nenhum interesse em estudar isso. Tirando as aulas eu não teria nenhuma...nenhuma outra fonte de eu ter esse conhecimento e é através do projeto que a gente acaba estudando bastante sobre isso.

5. Qual a contribuição que o projeto teve na sua formação profissional?

Bastante. Tanto é que eu pretendo continuar trabalhando em Educação Física Adaptada. Eu tava bem perdido na faculdade e a Adaptada me mostrou um...assim, um leque muito maior do que eu imaginava com isso. Então eu vejo muitas formas de continuar trabalhando com isso vinculado ao treinamento que é o que eu gosto bastante.

6. O que você acha da participação de alunos de Educação Física em projetos como esse?

Eu acho essencial como em qualquer clube ou time que vise treinamento, vise preparação física precisa ter alunos de Educação Física. Mas, eu acredito que não necessariamente tenha que ser só alunos de Educação Física. Eu acho que tem que ser uma coisa multidisciplinar.

7. Sua visão sobre o Esporte Paraolímpico mudou após sua participação no projeto? Como?

Não mudou, porque eu já acompanhava bastante. Mas, só mostrou que é muito maior do que eu imaginava. Tem muito mais coisa do que eu imaginava. O que mudou é minha...meu conhecimento sobre as deficiências. Porque antes eu tinha um conhecimento bem básico e agora tenho um conhecimento mais profundo. Mas eu já acompanhava bastante. Então eu acho que não mudou tanto assim minha visão, porque eu já tinha uma visão pré-formada, assim, que se mantem.

E qual sua opinião sobre alternativas extracurriculares, como o projeto de extensão, na formação do profissional de Educação Física?

Eu acho que é muito importante, porque faz a gente vivenciar tudo o que tem. Tudo não, né? Mas, pelo menos aumentar a quantidade de pontos que a gente consegue trabalhar dentro da Educação Física e vivenciar, pelo menos, a maioria deles, pra saber onde a gente se encontra. Por exemplo, eu entrei pensando só em treinamento e agora trabalho na

Adaptada. Com foco em treinamento? Sim. Mas, é na Adaptada, também, que é outra vertente. Então eu acho importante.

Especificidades

4. Qual a sua opinião sobre a modalidade trabalhada? Quero dizer o seguinte, o que você acha do rugby em cadeira de rodas? Você acha que ele poderia ser levado para outros ambientes? De que forma poderia ser trabalhado? Se você puder apontar os pontos positivos e negativos da modalidade. Pense na modalidade em si e não só na população que é praticada.

Eu acho que o rugby pode ser considerado como qualquer outro esporte, dá pra levar pra qualquer lugar. Qualquer clube que quiser montar um time de rugby em cadeira de rodas tem essa possibilidade. Porque só precisa de uma quadra e uma bola. As cadeiras, essas coisas é como se fosse os...chuteira, meia, essas coisas no futebol. Então eu acho que dá pra levar pra qualquer lugar. Os pontos positivos é ajuda na reabilitação de...dos tetraplégicos, ajuda na integração social deles, também, melhora de saúde. E pontos negativos que eu vejo é que no Brasil falta um pouco de investimento nessa área, só.

Você acha que é uma modalidade que poderia ser trabalhada com pessoas sem deficiência? Como um conteúdo das aulas?

Não entendi.

Você acha que numa aula de Educação Física escolar, você poderia trabalhar essa modalidade, mesmo que não tenha nenhum aluno com deficiência na sua aula? Ou se você tivesse uma escolinha de esportes sem aluno com deficiência, você acha que você teria algum aspecto do rugby que poderia ser trabalhado?

Como vivência a exposição da modalidade, sim. Mas como atividade pra Educação Física sendo que não tem deficientes, eu não...eu não acho que tenha muito ganho, não.

Apêndice 13- Entrevista com aluno G

Primeiros contatos com o projeto

1. Como você conheceu o projeto?

Foi em uma aula da graduação. No terceiro...primeiro, não segundo semestre de 2008.

Motivações

2. Qual foi o maior motivo que te levou a participar do projeto?

É, quando eu entrei na faculdade tinha interesse em trabalhar com a população, devido a um parente ter uma deficiência visual, então, optei em trabalhar na área.

Contribuições

3. Qual a contribuição do projeto no seu conhecimento sobre Esporte Paraolímpico?

Visto todos os projetos que apresentamos aqui na faculdade são paralímpicos, ou paraolímpicos, agora, é...contribuição de uma maneira geral, porque a gente tem conhecimento tanto na parte de congresso, quanto na parte prática, quanto na parte teórica, contribuindo para a formação de um profissional completo.

5. Qual a contribuição que a participação nesse projeto teve na sua formação?

Grande parte dos conhecimentos que tenho, hoje, no esporte paraolímpico, vem do projeto, em relação a parte prática, na parte de avaliação, também, devido ao contato com o laboratório. Então, sempre estamos avaliando crianças, equipes com algum tipo de deficiência, então contribuiu bastante pro meu...pra minha formação, inclusive a linha de pesquisa, hoje.

6. O que você acha da participação de alunos de Educação Física em projetos como esse?

Ensino regular?

Não. Alunos de graduação em Educação Física.

Ah, desculpa. Não tinha entendido a pergunta. É bacana, assim, proporcionar uma vivência, porque a partir desse primeiro contato, se for bem feito pelo profissional que tá trabalhando na modalidade, torna-se mais viável a novas pessoas participarem do grupo do projeto e tentarem desenvolver em outros lugares a modalidade.

Qual sua opinião sobre alternativas extracurriculares para auxiliar no contato e na vivência prática de profissionais de Educação Física nessas modalidades?

Eu acho que é uma ação válida, porque, às vezes, nem todos os profissionais tiveram isso ao longo da formação, então, esse estágio que a pessoa tá fazendo junto ao projeto é uma coisa que vai beneficiar tanto ela como pessoa, pra profissão, como no futuro para auxiliar a desenvolver um projeto, coordenar um projeto de adaptada. Então, assim, esse primeiro contato é uma coisa que a pessoa começa a ver a fundo como é trabalhado. Porque são várias diferenças...existe uma grande diferença entre projeto convencional e o projeto com pessoa com deficiência. Por exemplo, tem que provisionar desde uma cadeira de banho pro atleta no banheiro, até um bebedouro da altura correta pra cadeira. Então ela fica atenta esses detalhes que contribuem para a formação lá na frente.

7. Sua visão sobre o Esporte Paraolímpico mudou após sua participação no projeto? Como?

Vixe, faz tempo. Não lembro nem da minha primeira visão do Esporte Paralímpico (risos). Não, mudou bastante, é...a gente achava que era uma coisa muito mais distante, né? Então, a partir do momento que você começa a se envolver com a área, você vai para um campeonato, você encontra o Alan Fonteles lá no campeonato, você encontra o Yohan no campeonato. E são atletas, por exemplo, medalhistas Paraolímpicos, então é uma coisa muito mais próxima da gente e você imagina que seja bem distante. Você vai pra Porto

Alegre e você encontra o Jovane fácil. Então são pessoas muito mais acessíveis. Assim, é a questão que mudou bastante foi a questão de acessibilidade e participação nesses eventos que parece ser muito mais fechado pra algumas equipes e é o que não acontece, eu percebi que não acontece isso.

Especificidades

4. Qual sua opinião sobre a modalidade trabalhada? Pontos positivos e negativos e negativos da esgrima em cadeira de rodas.

Pontos positivos, existem poucas pessoas que trabalham, então, assim...um dinâmica mais fácil pra...pra se implementar em vários lugares. E um ponto negativo é que o material é muito caro, aí fica mais complexo para desenvolver projetos e sempre estar buscando materiais de boa qualidade e tem apenas uma pessoa só que vende, então é o preço que ela quer e você tem que comprar. Não tem como trazer de fora.

Você acha que essa modalidade poderia ser trabalhada com alunos sem deficiência?

Pode ser trabalhados com alunos sem deficiência, porque a categoria A da esgrima é onde apresenta o menor comprometimento. Então, por exemplo, às vezes é uma pessoa que tem apenas uma leve alteração na marcha. Então, pode se aproximar da realidade de uma criança que não tem comprometimento de marcha.

Apêndice 14- Entrevista com aluno H

Primeiros contatos com o projeto

1. Como você conheceu o projeto?

Bom, eu conheci o projeto em 2009, através da disciplina de Educação Física Adaptada, oferecida, aqui, no curso de Educação Física, da Unicamp, por um convite do PED da disciplina, pra conhecer os projetos de extensão que tinham na faculdade.

Motivações

2. Qual foi o maior motivo que te levou a participar do projeto?

Na verdade, eu tava buscando novos conhecimentos, novas áreas, porque eu entrei na Educação Física, focada no treinamento de volei. Daí, pra conhecer áreas diferentes e, através da disciplina, né, a gente teve a oportunidade de estar vindo conhecer o projeto. Então, daí foi o que me motivou assim. Ver o quão era diferente, mas o quão podia se aproximar, assim, do esporte de alto rendimento convencional.

Contribuições

3. Qual a contribuição do projeto no seu conhecimento sobre Esporte Paraolímpico?

Do projeto, em geral? Ah, eu acho que é total, né. Porque, a gente vê muito na teoria, falar sobre Esporte Paraolímpico. A gente vê, mais assim, regras e tudo o mais. Mas você estando no dia-a-dia com as pessoas que são os atletas, né, que fazem esse esporte paralímpico, você consegue entender um pouco mais não só sobre o esporte, mas sobre o tipo da deficiência, como a pessoa pode ser elegível ou não para esse esporte e tudo o mais.

5. Qual a contribuição que a participação nesse projeto teve na sua formação?

Total. Me ajudou a decidir o que eu queria. E a conhecer mais a fundo, né, sobre a área. Porque a gente tem duas disciplinas que lida com o Esporte Adaptado. Mas é muito superficial e muito teórico, assim. Você, na prática, mesmo, consegue ter, adquirir um conhecimento que não conseguiria só vendo a teoria.

6. O que você acha da participação de alunos de Educação Física em projetos como esse?

Alunos de graduação? Ah, eu acho que quanto mais os alunos tiverem contato, na quadra, com o projeto, com o dia-a-dia, eles conseguem ter mais conhecimento sobre o assunto. Porque, muitas vezes, livro, artigo, essas coisas, eles vão trazer informações, que na quadra, em 10 minutos, você consegue obter de outras formas. Acho que de forma mais fácil, rápida e, às vezes, mais prazerosa que ficar só lendo. Você consegue ver, realmente, como acontece, o que traz a teoria, né.

7. Sua visão sobre o Esporte Paraolímpico mudou após sua participação no projeto? Como?

Sim. Eu, como muitas outras pessoas, pensava o deficiente como “nossa, o coitado, o excluído”. Daí, depois que a gente começa a trabalhar, a gente vê que é uma superação diária. Mas que eles são capazes de fazer muitas coisas que a gente, às vezes, não consegue, né. Que, por exemplo, a participação no projeto, antes eu via, por exemplo, o volei sentado, que eu já tinha conhecido antes. Mas via como “nossa, ela não pode fazer o volei convencional”. Não, na verdade, ela pode fazer o volei sentado. Então, é um esporte feito pra ela, mas que onde essas pessoas tem um destaque até muito maior do que no convencional.

Especificidades

4. Qual sua opinião sobre as modalidades trabalhadas? Pontos positivos e negativos do handebol em cadeira de rodas e do voleibol sentado.

Bom, o voleibol sentado, na verdade, acho que ele é o melhor esporte, que tem, assim, pra adaptação. Porque, ele só precisa, na verdade, de uma adaptação muito pequena, que é a rede. Que você conseguindo, igual uma escola, que você não tem material, você conseguir colocar duas cadeiras e uma cordinha, você consegue fazer o volei sentado. Então, eu acho que esse é o maior ponto positivo dele. Quanto ao handebol, eu acredito, também, que não tenha muita dificuldade nessa adaptação. Porque, precisa mais da cadeira de rodas, né, mas o que pode ser um ponto negativo é ter o material apropriado. Às vezes, falta de material pode dificultar um pouco.

E você acha que essas modalidades, existem alguns conteúdos que podem ser passados para crianças sem deficiência? Para alunos sem deficiência?

Sim. Principalmente do volei, como eu tinha dito, né. Porque é só a adaptação de estar sentado. E daí, eu acho que quanto mais a gente consegue passar os conteúdos do Esporte Paraolímpico pras crianças que não tem deficiência, elas se conscientizam mais, talvez, das dificuldades ou do como a pessoa com deficiência se sente, mas ao mesmo tempo, consegue ver a pessoa com deficiência, não taxar como “ah, o coitadinho, o deficiente”, consegue mostrar que ela capaz de fazer certas coisas. Como por exemplo, um esporte de alto rendimento.

Apêndice 15- Entrevista com aluno I

Primeiros contatos com o projeto

1. Como você conheceu o projeto?

Através da Faculdade de Educação Física, nas disciplinas de estágio, na disciplina de monografia e através dos amigos de classe.

Motivações

2. Qual foi o maior motivo que te levou a participar do projeto?

A necessidade de ter um banco de dados para a minha monografia e como tinha abertura no projeto de extensão pra coleta de dados foi um dos...dos maiores...incentivos, assim. Fora poder ter a experiência de prática com pessoas com deficiência.

Contribuições

3. Qual a contribuição do projeto no seu conhecimento sobre Esporte Paraolímpico?

Bom...o projeto, ele...que a gente trabalha hoje, ele tem quatro modalidades paralímpicas. Creio que através dele pude conhecer bastante e ter curiosidade de procurar sobre outras. Mas um dos conhecimentos legais assim que a gente aprende é coisas relacionadas a pessoas com deficiência, alterações fisiológicas, práticas pedagógicas necessária para cada uma, onde procurar informação para poder trabalhar com essas pessoas também é importante e com isso acho que fica fácil correr atrás de outras modalidades, assim, sem ser as que a gente tem no projeto.

5. Qual a contribuição que a participação nesse projeto teve na sua formação?

Bom, na minha formação, desde que eu entrei no projeto em março de 2009, eu tive a oportunidade de participar de todas as vertentes que o rugby precisa, desde o staff que só carrega roda de um lado pro outro, até intervenções de urgência como fazer o cateterismo, fazer..dar banho nos meninos, a parte de mecânica da cadeira de rodas, a parte de intervenção tática, intervenção técnica, a preparação física, eu tive passagens por todas essas vertentes. Com isso a gente consegue entender melhor a prática do profissional de Educação Física e como ele é necessário, desde a...das partes que mais aparecem que é a preparação física e você pegar uma pessoa num quadro e conseguir levar ao longo do tempo, trabalhar e conseguir deixar numa condição funcional e uma condição física melhores do que a...do que quando a pessoa iniciou a prática é muito gratificante. A intervenção pedagógica que é necessária, pois nem todos entendem as necessidades e os conteúdos que a modalidade tem da mesma forma, logo valorizando o trabalho do técnico que tem que organizar, ensinar e cobrar as coisas dos atletas de uma maneira diferente que um professor de classe. Também a gente consegue ver com o lado da pesquisa o quanto que um tipo de intervenção ou outro pode ser mais recompensador, em termos de desempenho, para os atletas. A participação no projeto de extensão nos proporciona esse lado da Educação Física que a gente também não encontra na sala de aula todo dia. Uma coisa interessante também é no projeto a gente tem uma equipe de competição propriamente dita, a gente vivencia problemas psicológicos, vivenciamos problemas interpessoais de comunicação, mas também vivenciamos a ida a campeonatos, a vitória, afinal a equipe que participa do projeto é tetracampeã brasileira. Tive a oportunidade de, através do projeto, também, poder ser técnico de uma seleção brasileira. Já, na minha linha profissional, já fui aos extremos da Educação Física, profissional de recreação até técnico de seleção brasileira. Bem interessante isso, que o projeto nos proporciona.

6. O que você acha da participação de alunos de Educação Física em projetos como esse?

Na minha opinião deveria ser de caráter obrigatório a participação no projeto de extensão, porque a vivência em sala de aula ou em disciplinas de estágio nem sempre ensinam ao profissional a importância do que é aprendido em sala de aula. Tomando como exemplo no

rugby, muitas vezes a gente não dava valor às disciplinas que envolviam esportes coletivos, desde a pedagogia aos aprofundamentos, mas também não viam o valor da antropologia, da sociologia, porque nós trabalhamos com pessoas de diversos níveis sócio-culturais, diversas realidades financeiras, onde temos atletas que nem falam com o mesmo vocabulário que a gente e como você entender de tetraplegia e explicar pra um atleta que tem a tetraplegia, mas não entende todas as alterações fisiológicas, por exemplo. Ou coisa também que muita gente não dá muito valor, a fisiologia do exercício da maneira certa, a disciplina de anatomia da maneira certa e pega diferentes públicos para trabalhar na linha profissional e ter que resgatar do tempo de faculdade anos depois de formado, né? A importância do projeto de extensão durante a graduação, por causa disso. Dar estímulos de prática profissional para os alunos, que é onde eles realmente podem aplicar, na prática, tudo o que aprendem, ou, teoricamente, aprendem.

7. Sua visão sobre o Esporte Paraolímpico mudou após sua participação no projeto? Como?

Sim, mudou. Porque, anteriormente a participação no projeto era uma situação de quase desconhecimento geral das práticas corporais para pessoas com deficiência e, inclusive, do que a própria deficiência física, no caso, que é o foco da minha prática profissional, interfere numa pessoa que a adquiriu. O Esporte Paraolímpico eu vejo, hoje, como um fenômeno mundial que somente a ciência pode derrubar, onde ela tentará acabar com a deficiência física e visual mas, com um projeto como um quadro atual, é uma coisa totalmente necessária, porque pessoas com deficiência surgem todos os dias. Não há profissionais em número suficiente para atender a essa demanda e os Jogos Paraolímpicos mostram isso. Tanto é que a própria participação brasileira, ao longo dos anos, vem crescendo em número de atletas, crescendo em número de medalhas. Mas será que todos os profissionais estão..o número de profissionais está crescendo? Os Jogos Paralímpicos também servem pra mostrar pra sociedade mundial que a pessoa com deficiência precisa ser valorizada pois, como o caso do Oscar Pistorius que mesmo sendo deficiente competiu no programa olímpico e há outros atletas com essa ambição, também. Acho que é uma

ferramenta esportiva, mas é também uma ferramenta sócio-cultural muito importante no mundo.

Especificidades

4. Qual sua opinião sobre a modalidade trabalhada? Pontos positivos e negativos do rugby em cadeira de rodas.

No âmbito da faculdade ou fora? Tipo, do projeto.

No projeto, mesmo, o que você pensa da modalidade? Como ela é fácil de ser trabalhada, onde ela é difícil de ser trabalhada? O que você pensa da característica dela como uma ferramenta pedagógica em geral?

Bom, a modalidade, um ponto negativo dela é que ela não...não sei se dela propriamente dita, mas ela não faz parte da nossa cultura, da cultura brasileira. Porque, o rugby em cadeira de rodas é um esporte coletivo voltado para pessoas com deficiência, mas a estrutura dele vem muito do basquete em cadeira de rodas e do basquete convencional. Só que a estrutura dele, onde as regras não privilegiam o ataque não faz parte da nossa cultura, onde a maioria das pessoas olha muito o futebol, olha muito o handebol que é o esporte junto com o futsal que são bastante praticados nas escolas, hoje. As estruturas que o...a modalidade tem não são parecidas com as outras modalidades que a maioria da população brasileira pratica. Isso eu acho um ponto negativo, assim, não da modalidade, mas de um contexto que a gente insere ela. E como a pessoa com deficiência, ou ela é uma pessoa que nasceu com a deficiência, no caso dos congênitos, ou que adquire, no caso dos tetraplégicos, não ter ela no contexto de modalidade a ser praticada anteriormente ou durante o desenvolvimento motor da...no caso de pessoas com deficiência congênita já dificulta o trabalho. E por questão de...disso também não ser nossa cultura os profissionais que começam a trabalhar com ela, às vezes começam a trabalhar de maneira errada. Logo um dos pontos positivos de estar dentro da faculdade, onde muitos dos profissionais que trabalham com o rugby, hoje, que surgiram na Unicamp e no projeto tiveram mais facilidade de ter o “know-how” que tem hoje, graças a estar dentro da faculdade. Isso é um

dos pontos positivos do projeto em si, formar recursos humanos. Dos pontos fáceis, agora, de trabalhar com a modalidade é...é um esporte que apesar de não ser culturalmente brasileiro ele, quando se entende a lógica, é bem fácil, o alvo não é pra cima como no basquete, o alvo é pra frente, é na dimensão do plano, o que facilita o trabalho com pessoas como, com tetraplegia, por exemplo, a bola faz...é redonda, não é oval como a do rugby convencional...hum...até nas dimensões do basquetebol em cadeira de rodas, creio que, a modalidade, quando a...o...as pessoas da comissão técnica da equipe entendem a lógica como funciona o jogo o trabalho fica bem mais fácil, porque como a modalidade não faz parte do contexto cultural, todos, atletas e comissão técnica são estimulados a procurarem como ela funciona, então isso também facilita o processo de aprendizagem. Não é uma coisa mastigada como você vê o futebol na TV, todo mundo sabe como chutar a bola. Acho que é uma modalidade, que quem se interessa por ela passa a estudar ela.

E você acha que o rugby em cadeira de rodas fornece algum conteúdo importante a ser passado pra pessoas...pra alunos sem deficiência?

Com certeza. Primeiro por essa própria questão do rugby não ser cultural, estudar mais sobre a modalidade já é uma coisa bastante importante, assim, é um assunto novo, pesquisar sobre um assunto novo e saber onde ter sucesso nesse assunto, no caso do esporte é bem interessante como prática pedagógica. Agora, o rugby em cadeira de rodas pensando como estrutura...uma ferramenta de ensino pra outras modalidades, por exemplo, é uma estratégia interessante, principalmente no entendimento da logística de ensino, da logística de competição. O rugby ele é um esporte onde a transição ofensiva e defensiva é o que decide o desempenho dos times e trazendo isso pro futsal, por exemplo, que é uma prática bastante praticada nas escolas do ensino formal, é um esporte que também tem essa característica de quatro contra quatro, necessário marcar, necessário atacar, às vezes isso ocorre em pequenos espaços de tempo, é interessante enxergar isso em outros esportes. O rugby é uma coisa clara, se você não se posicionar primeiro que o adversário, você não tem vantagem nos outros lances. Questão de função das regras, onde você pode induzir o adversário ao erro simplesmente por não progredir ao ataque e entender isso e levar pra outras modalidades é interessante. O rugby também como ferramenta de entender outras formas de intervenção também acho interessante, porque nas escolas públicas ou mesmo na

rede particular não há tantas crianças com deficiência estudando. Ainda mais crianças com tetraplegia que é a deficiência majoritária no rugby. E, às vezes, o simples trabalho de pesquisa de entender a tetraplegia poderia ser eficaz na diminuição do preconceito para pessoa com deficiência logo nas escolas que seria uma prática interdisciplinar, assim.

Apêndice 16- Entrevista com aluno J

Primeiros contatos com o projeto

1. Como você conheceu o projeto?

Conheci o projeto, olhando, mesmo. É bem visível, na circulação. O ginásio é um lugar de fácil acesso, caminho pra muitas coisas. O projeto sempre abrangiu bastante esportes, bastante modalidades. Então, é só uma questão de você se dar o trabalho de olhar. Ele tá ali. Muitos cadeirantes, também, circulando pela faculdade. Isso, também, gera uma curiosidade. O que eles estão fazendo? Pra onde eles estão indo? Tem algum motivo. É só você se interessar um pouco. Você acaba tendo acesso a isso.

Motivações

2. Qual foi o maior motivo que te levou a participar do projeto?

Bom, na faculdade de Educação Física precisa se encaixar numa área. Sempre tive interesse nessa área. Antes de entrar na faculdade, já tinha um pequeno interesse. Pareceu ser uma boa alternativa. Basicamente isso. Então, um interesse já prévio. Acho interessante essa oportunidade de lidar com o esporte dessa maneira. Uma maneira oblíqua. Pra quando você entrou na faculdade, não é tão óbvio. Então, uma experiência diferente. Acho isso interessante.

Contribuições

3. Qual a contribuição do projeto no seu conhecimento sobre Esporte Paraolímpico?

Muito. Enorme. Além das matérias, aqui, na faculdade, que batem nessa tecla, ele dá uma oportunidade prática, mas não só pra sua vivência prática em relação, por exemplo, a sua

atuação como técnico, como staff, ou como qualquer coisa. A parte de gerenciamento, também, a parte burocrática, também. Coisas que na disciplina no máximo são citadas. No projeto você tem a oportunidade de vivenciar e resolver essas situações. Efetivamente viver elas.

5. Qual a contribuição que a participação nesse projeto teve na sua formação?

Muita. Muita, mesmo. Tá tendo ainda, né? Principalmente como eu citei naquela questão de gerenciamento, de situações que estão um pouco além da questão tática, técnica, da questão do jogo em si. Essa questão propiciou um crescimento muito grande. Também o contato com outros atletas, em competição, com outros pensamentos, de outras universidades, de outros competidores, outras deficiências, outras realidades, outros incentivos. Observar essas diferenças, conviver com essas diferenças e entender essas diferenças, realmente, é um crescimento fabuloso que você só tem a partir da prática. É o projeto que proporciona essa prática.

6. O que você acha da participação de alunos de Educação Física em projetos como esse?

Eu acho necessária. Eu acho que, cara, tem que buscar a participação e, como que eu diria, pra aumentar esse conhecimento, pra buscar essa vivência, pra melhorar sua formação. Não ficar só na questão teórica e ter um pouco...às vezes é como se fosse um tapa na cara. Tipo, um acorda que...um choque de realidade de como que as coisas realmente são e dá pra traçar um diálogo legal com a teoria. E esse pensamento crítico desse diálogo que faz você crescer como profissional.

7. Sua visão sobre o Esporte Paraolímpico mudou após sua participação no projeto? Como?

Mudou, porque eu tinha uma visão muito rasa. Muito rasa. Era uma visão, basicamente, um pouco que o esporte sai na mídia e depois da participação no projeto você acaba sabendo as mazelas do esporte, desses detalhes técnico-táticos. Inclusive dos detalhes técnicos e táticos e tudo o mais. Da individualidade de cada, especificidade de cada deficiência e tudo o mais. Então, você passa a ter uma visão mais ampla, desde a deficiência que você trabalha, até todo o meio administrativo, de gerenciamento do esporte, ali. Então, mudou completamente, assim. Não passo a vê-lo de forma rasa. Agora ele é um universo, um fenômeno extremamente complexo.

Especificidades

4. Qual sua opinião sobre a modalidade trabalhada? Pontos positivos e negativos da bocha paralímpica.

Olha, ponto positivo, eu acho que é um esporte interessantíssimo. Pra quem tem paralisia cerebral, é uma ótima opção. Assim, ponto negativo, eu acho que é, justamente, essa questão que cada competidor tem que ter o seu kit. Os kits são caros e tem uma desigualdade. O kit nacional tem um valor de, mais ou menos, 700 reais. Um kit internacional, de Portugal, tem um valor que é o dobro, o triplo disso e a qualidade, também, condiz com esse valor. Então, você entra, às vezes, num ciclo vicioso que quem não ganha não tem tanto incentivo e vai tendo acesso a kits de menor valor, de menor qualidade e quem vai ganhando vai tendo mais incentivo, cada vez mais acesso a kits melhores, inovações, enfim, tudo isso aí. Eu acho que é o ponto principal, negativo, em relação à bocha. Essa possibilidade de haver essa desigualdade, a partir do material de jogo. O ponto positivo, cara, assim, de verdade, eu acho que todos. Todos mesmo. Assim, o jogo é atrativo, de simples compreensão. Talvez no altíssimo rendimento a compreensão seja mais difícil, mas é uma coisa que você trabalha no treinamento. Então, o jogo é inteligente. Eu acho que esse é o principal ponto positivo.

E você acha que a bocha paralímpica poderia ser levado pra outros ambientes, fora esse de treinamento específico? Como uma aula de Educação Física escolar, uma escolinha de esportes. Enfim, outros ambientes, com outros públicos.

Acho que sim. É um esporte que, justamente, por estimular essa questão cognitiva e utilizar um espaço muito pequeno. A quadra tem quase, vai, contando com uma área de escape, a gente usa 15 metros, 16, vai, 20 metros, pra ter uma circulação boa. Então, numa quadra escolar, por exemplo, você pode fazer várias quadras de bocha. Numa sala, um salão de dança, até numa sala de escola, mesmo, você pode montar várias quadras. E também, você pode adaptar o jogo. Não precisa, necessariamente, fazer uma quadra. Você pode fazer um alvo. Alguma coisa que estimule esse, essa espécie de xadrez que se torna a bocha. Essa questão cognitiva é interessante. A questão da motricidade também. O controle motor, o entendimento sobre o seu corpo, sobre a força que você arremessa a bola. Sobre porque você arremessa. Sobre pensar nas jogadas seguintes. É um jogo interessante. Ele estimula várias, várias áreas.